



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado

25
A N O S

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL-
MESTRADO

Régis Dattein Solano

NO CAMPO E/OU NA CIDADE:
AS EXPERIÊNCIAS SOCIOPROFISSIONAIS DOS EGRESSOS/AS DA
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL/RS

Santa Cruz do Sul
2022

Régis Dattein Solano

**NO CAMPO E/OU NA CIDADE:
AS EXPERIÊNCIAS SOCIOPROFISSIONAIS DOS EGRESSOS/AS DA
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (Mestrado e Doutorado) área de concentração em Desenvolvimento Regional, dentro da linha de pesquisa Estado, Instituições e Democracia, da Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Profa. Dra. Erica Karnopp

Santa Cruz do Sul

2022

CIP - Catalogação na Publicação

SOLANO, Régis Dattein

NO CAMPO E/OU NA CIDADE: AS EXPERIÊNCIAS SOCIOPROFISSIONAIS
DOS EGRESSOS/AS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL/RS /
Régis Dattein SOLANO. – 2022.

180 f. : il. ; 3 cm.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) –
Universidade de Santa Cruz do Sul, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Erica Karnopp.

1. Pedagogia da Alternância. 2. Educação do Campo. 3. Escola
Família Agrícola. 4. Egressos EFA. 5. Juventude do Campo. I.
Karnopp, Erica. II. Título.

Régis Dattein Solano

**NO CAMPO E/OU NA CIDADE:
AS EXPERIÊNCIAS SOCIOPROFISSIONAIS DOS EGRESSOS/AS DA
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (Mestrado e Doutorado) área de concentração em Desenvolvimento Regional, na linha de pesquisa Estado, Instituições e Democracia, da Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Dra. Erica Karnopp

Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc
Professora Orientadora

Dra. Virginia Elisabeta Etges

Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc
Professora Examinadora

Dr. João Batista Begnami

Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas – Amefa
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Professor Examinador

Santa Cruz do Sul
2022

Dedico minhas escritas...

Primeiramente, à minha família, pelo entendimento dos momentos que estava ausente, pela compreensão e pelo apoio...

Aos grandes companheiros e companheiras das Escolas Famílias Agrícolas do Rio Grande do Sul - Efasol, Efasc, Efaserra e Efasul, meus eternos irmãos, este trabalho é nosso!

A todos os Agricultores Familiares Camponeses e aos jovens que estão lutando por uma vida melhor no campo na busca de reconhecimento de quem alimenta o Brasil....

Tenho orgulho de todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos... aquela parte que deixamos para a finaleira, quando nos damos conta que estamos finalizando o trabalho, momentos que necessitaram de bastante esforço, dedicação, noites em claro, comprometimento e força de vontade.

Primeiramente, quero agradecer, de uma forma muito especial, a minha família, a meu pai, seu Alberi Grassel Solano, que sempre me apoiou, dizendo que isso era uma fase importante em minha vida, mas que um dia iria passar. Além disso, agradeço a compreensão pelas muitas vezes que me entendia quando não podia ajudar nas tarefas de casa, pois, em vários finais de semana, tirava esse momento para estudar. Realmente, estudar e trabalhar ao mesmo tempo não é nada fácil. Agradecer a minha mãe, dona Marlice Dattein Solano, pessoa que admiro muito e que sempre esteve ao meu lado, me estimulando a ir além. Mãe, este trabalho, bem como esta minha trajetória foi um dever meu como filho, pois você optou por abrir mão de sua faculdade para se dedicar a mim quando eu era pequeno. Portanto, chegar até aqui foi uma forma de retribuir tudo que você fez por mim. Agradeço a minha companheira, Susana Cristine Soder, que foi quem mais vivenciou toda essa trajetória ao meu lado, muitas vezes me acompanhava nos momentos de escrita e, sobretudo, por entender a importância desse processo para mim. Ao meu irmão (mano), Ricardo Dattein Solano, em quem me espelho muito, pelo seu caráter e também pela sua paciência, pois, em muitos e muitos momentos, conversava contigo relatando que as coisas estavam difíceis, que não iria aguentar, e você sempre dizia: “Mano ‘véio’, não te afrouxa! Isso é uma fase que tu tá passando, como sempre disse, tu tá semeando para depois colher”. Obrigado, meu irmão, obrigado, minha mãe, obrigado, meu pai, obrigado, companheira, obrigado, família!

Agradeço, de uma forma muito especial, aos companheiros/as das Escolas Famílias Agrícolas, escolas que me fizeram ver o mundo diferente, motivo pelo qual estou até hoje vinculado a elas.

A todos os colegas e companheiros/as da Efasol, agradeço imensamente por “segurarem as pontas” quando necessitava me fazer ausente, este trabalho é de vocês, meus caros. Às famílias ligadas à Efasol, aos jovens que se propuseram a participar da minha pesquisa, obrigado pela atenção e

comprometimento. Este trabalho foi para demonstrar o quanto vocês são importantes também.

Um agradecimento muito especial a minha orientadora, professora Erica Karnopp, que me incentivou a ir para o mestrado, meu muito obrigado pela paciência e pelos momentos de conversas longas quando tinha dúvidas, agradeço pela sua colaboração e, principalmente, pela sua dedicação, pois, nos momentos de correção, sempre trazia ótimas sugestões para aprimorar meu trabalho. Além disso, agradeço à banca, que, além da profa. Erica Karnopp como minha orientadora, o prof. João Batista Begnami e a profa. Virginia Elisabeta Etges trouxeram riquíssimas contribuições desde o projeto de dissertação e agora na defesa, finalizando um ciclo importante nesta caminhada. Agradecer também à Capes pelo apoio financeiro para viabilizar a realização desse Mestrado.

À Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc, aos professores, à coordenação e à secretaria do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR, aos grandes colegas, o que resultou em belíssimas amizades construídas durante esta trajetória. Um agradecimento especial aos colegas Jaime Weber, Salete dos Passos, Cesar Hundertmarck, Ana Laura Eltz, Alonso Coelho e Verushka G. Xavier, entramos juntos nesta empreitada e fomos até o final, agradeço a parceria de todos vocês e dos demais colegas do Mestrado e Doutorado.

Aos companheiros, grandes amigos dos tempos de estudante na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - Efasc, que são fortes amizades até hoje e, certamente, serão para a vida. O meu agradecimento muito especial ao Evandro Lucas, Wandoir Sehn e Diego Limberger, mestrados e doutorandos, parceiros de diálogo, que, entre nós, compartilhávamos os momentos vivenciados nesse mundo acadêmico.

Enfim, obrigado a todos/as, aos demais amigos/as, parceiros/as, companheiros/as e familiares, que me ajudaram, de alguma forma, a chegar até aqui, toda ajuda foi válida, jamais esquecerei estes momentos. Fraternal abraço a vocês.



CONSTRUTORES DO FUTURO **Gilvan Santos**

*Eu quero uma escola do campo
Que tenha a ver com a vida com a gente
Querida e organizada
E conduzida coletivamente.*

*Eu quero uma escola do campo
Que não enxerga apenas equações
Que tenha como chave mestra
O trabalho e os mutirões.*

*Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha muros
Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro.*

*Eu quero uma escola do campo
Onde o saber não seja limitado
Que a gente possa ver o todo
E possa compreender os lados.*

*Eu quero uma escola do campo
Onde esteja o símbolo da nossa semente
Que seja como a nossa casa
Que não seja como a casa alheia.*

*Eu quero uma escola do campo
Que não tenha cercas que não tenha muros
Onde iremos aprender
A sermos construtores do futuro.*

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as experiências socioprofissionais dos egressos/as da Escola Família Agrícola de Vale do Sol - Efasol, bem como suas relações com o campo e/ou a cidade, e as influências da Escola neste processo. A Efasol se localiza em Linha Formosa, interior do Município de Vale do Sol, no Estado do Rio Grande do Sul – RS, Brasil. Para a realização da pesquisa, que se caracterizou como qualitativa, optou-se pelo desenvolvimento de um estudo de caso, por meio de fontes bibliográficas, documentais e empíricas, embasadas no método de abordagem fenomenológico. A pesquisa foi realizada com um universo de 62 jovens egressos/as da Efasol, havendo 27,4% de meninas, com uma variação de 20 até 26 anos. Foi constatado que 84% dos jovens ainda residem em seus municípios de origem de quando foram estudar na Efasol. De todos os jovens pesquisados, 95,2% estão na região do Vale do Rio Pardo. Como experiência socioprofissional, 88,7% dos jovens egressos/as possuem vínculo com a agricultura, 71% possuem de duas até cinco fontes de renda em suas propriedades, 85,2% produzem hortaliças, tubérculos, temperos, frutas, carnes e ovos, 33,8% são assalariados na cidade, a grande maioria com atividades ligadas à agricultura. Sobre suas perspectivas futuras, 53,2% querem estudar futuramente, 50% querem seguir na propriedade e, para 85,5% dos jovens, a convivência em grupo e a diversificação em suas propriedades foram as maiores contribuições da Efasol em suas vidas.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância. Educação do Campo. Escola Família Agrícola. Egressos. Juventude do Campo.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the socio-professional experiences of graduates of the Escola Família A agrícola de Vale do Sol - Efasol, as well as their relationships with the countryside and/or the city, and the influences of the School in this process. Efasol is located in Linha Formosa, in the municipality of Vale do Sol, in the State of Rio Grande do Sul - RS, Brazil. In order to carry out the research, which was characterized as qualitative, it was decided to develop a case study, using bibliographic, documentary and empirical sources, based on the phenomenological approach method. The survey was carried out with a universe of 62 young people who had graduated from Efasol, with 27.4% of them being girls, with a range from 20 to 26 years old. It was found that 84% of young people still reside in their home towns when they went to study at Efasol. Of all the young people surveyed, 95.2% are in the Vale do Rio Pardo region. As a socio-professional experience, 88.7% of young graduates have a link with agriculture, 71% have from two to five sources of income on their properties, 85.2% produce vegetables, tubers, spices, fruits, meat and eggs, 33.8% are salaried workers in the city, the vast majority with activities linked to agriculture. Regarding their future prospects, 53.2% want to study in the future, 50% want to stay on the property and, for 85.5% of young people, group living and diversification on their properties were Efasol's biggest contributions in their lives.

Keywords: Pedagogy of Alternation. Field Education. Socio- professional experiences. Countryside Youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Inauguração da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, um marco histórico para o Rio Grande do Sul.....	24
Figura 2 - O porquê de estudar na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul: entrevista com a família realizada pela Gazeta do Sul.....	24
Figura 3 - O ciclo construtivo da Agroecologia.....	52
Figura 4 - A localização dos Ceffas no mundo, segundo a AIMFR.....	61
Figura 5 - A estrutura organizativa das EFAs.....	65
Figura 6 - Os quatro pilares do movimento Ceffas.....	68
Figura 7 - Uma ressignificação dos quatro pilares dos Ceffas.....	70
Figura 8 - Coluna Folha Vale do Sol: Dia do Colono e Motorista, retratando o início da colonização do município e o surgimento de uma possibilidade de uma Escola Família Agrícola em Vale do Sol.....	75
Figura 9 - Capa Jornal Folha Vale do Sol: reunião discute criação de escola Técnica em Formosa.....	76
Figura 10 - Reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol.....	77
Figura 11 - Reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol.....	77
Figura 12 - Reunião sobre a implementação de uma Escola Família Agrícola em Vale do Sol.....	79
Figura 13 - Reunião sobre a implementação de uma Escola Família Agrícola em Vale do Sol.....	79
Figura 14 - Outro marco histórico das Escolas Famílias Agrícolas no RS: a criação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	81
Figura 15 - Convite de inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	84
Figura 16 - Momento importante das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil e no Rio Grande do Sul: inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol, em Linha Formosa, Vale do Sol/RS.....	85
Figura 17 - Primeira formação com os jovens e suas famílias.....	86
Figura 18 - Foto da primeira turma em 2014 e a formatura em 2016.....	87
Figura 19 - Foto da primeira turma em 2014 e a formatura em 2016.....	87
Figura 20 - Região do Vale do Rio Pardo.....	93

Figura 21 - Primeira turma de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (ingresso em 2014)	96
Figura 22 - Segunda turma de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (ingresso em 2015)	97
Figura 23 - Terceira turma de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (ingresso em 2016)	98
Figura 24 - Turma de formandos de 2016 (21 jovens)	99
Figura 25 - Turma de formandos de 2017 (16 jovens)	100
Figura 26 - Turma de formandos de 2018 (28 jovens)	100
Figura 27 - Visitas às famílias de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	116
Figura 28 - Visitas de estudos para qualificar o ensino dos jovens durante sua formação na Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	117
Figura 29 - Aulas práticas na Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	118
Figura 30 - Aulas teóricas na Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	119
Figura 31 - Reportagem do Jornal Arauto, destacando o trabalho de dois egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol, diversificando suas propriedades.....	123
Figura 32 - Reportagem do Jornal Arauto sobre a experiência do Grupo de CSA.....	127
Figura 33 - Feira Jovem Caminhos da Agroecologia.....	128
Figura 34 - Compilado de informações sobre os fatores que influenciaram na permanência de vínculos com a agricultura.....	136
Figura 35 - Número de estabelecimentos associados a alguma cooperativa no Brasil.....	140
Figura 36 - Definição da Escola Família Agrícola de Vale do Sol pelos seus egressos/as, em apenas uma palavra.....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fatores que influenciam a decisão dos jovens em sair do estabelecimento rural, segundo estudos realizados nos três estados da Região Sul do Brasil, a partir de 2000.....	37
Quadro 2 - Instrumentos pedagógicos da alternância aplicados nos Ceffas do Brasil.....	72
Quadro 3 - Município de origem e de atual residência dos egressos/as da Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	105
Quadro 4 - Organizações e/ou entidades com as quais os jovens possuem vínculo.....	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Atual local de residência dos egressos/as.....	107
Gráfico 2 - Número de estabelecimentos agropecuários por sexo e por idade do produtor no Brasil.....	108
Gráfico 3 - Número de estabelecimentos agropecuários por sexo e por idade do produtor no Rio Grande do Sul.....	109
Gráfico 4 - Local de trabalho do jovem.....	112
Gráfico 5 - Número de fontes de renda existentes nas propriedades.....	121
Gráfico 6 - Alimentos produzidos para o autoconsumo.....	124
Gráfico 7 - Renda média mensal dos jovens atualmente.....	130
Gráfico 8 - Perspectiva futura dos jovens.....	137
Gráfico 9 - Participação do jovem em associações, cooperativas, movimento social ou sindical.....	138
Gráfico 10 - Número de estabelecimentos agropecuários por escolaridade dos agricultores e agricultoras no Brasil.....	144
Gráfico 11 - Número de estabelecimentos agropecuários por escolaridade dos agricultores e agricultoras no Rio Grande do Sul.....	144
Gráfico 12 - Contribuições da Escola Família Agrícola de Vale do Sol na formação dos jovens.....	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação das Escolas Famílias Agrícolas no Rio Grande do Sul.....	66
Tabela 2 - Pesquisa com os estudantes (422 jovens) da rede municipal e estadual.....	78
Tabela 3 - Pesquisa com 491 famílias do Município de Vale do Sol e parte de Herveiras, Sinimbu e Vera Cruz.....	79
Tabela 4 - Número de respostas e porcentagem de retorno por turma.....	103

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Municípios de origem dos egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol	102
Mapa 2 - Municípios de atual residência dos egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAVRP	Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo
ABHP	Associação Brasileira de Homeopatia Popular
Aefasol	Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol
AES	Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo
Afubra	Associação dos Fumicultores do Brasil
Agefa	Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas
AIMFR	Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural
AMA	Associação de Mulheres Agroecológicas
Aparhortivale	Associação de Pequenos Agricultores Renascer Hortifrutigranjeiros do Vale
Apas	Associação dos Agricultores Produtores de Alimentos de Sinimbu
APL	Arranjo Produtivo Local
APLVRP	Arranjo Produtivo Local de Agroindústrias e Produção de Alimentos da Agricultura Familiar do Vale do Rio Pardo
Ater	Assistência Técnica e Extensão Rural
Arcafar	Associações Regionais das Casas Familiares Rurais
Capa	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cedejor	Centro de Formação do Jovem Rural
Ceffas	Centros Familiares de Formação por Alternância
Cerest Vales	Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador da região dos Vales
CFR	Casa Familiar Rural
Coagrisol	Cooperativa Agroindustrial
Cooperfumos	Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil Ltda
Corede	Conselho Regional de Desenvolvimento
CSA	Comunidade que Sustenta a Agricultura
CPT	Comissão Pastoral da Terra

DPPA	Delegacia de Pronto Atendimento de Santa Cruz do Sul
Ecovale	Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas
Ecor	Escolas Comunitárias Rurais
EEEEFJA	Escola Estadual de Ensino Fundamental José de Anchieta
EFA	Escola Família Agrícola
Efasc	Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul
Efaserra	Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha
Efasol	Escola Família Agrícola do Vale do Sol
Efasul	Escola Família Agrícola da Região Sul
EJR	Escola de Jovens Rurais
Emater	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMEF	Escola de Ensino Fundamental
EMEFH	Escola Municipal de Ensino Fundamental Humaitá
EMEFSJB	Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista
ES	Espirito Santo
Furg	Universidade Federal do Rio Grande
Ha	Hectares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Intab	Indústria de Tabacos e Agropecuária Ltda
Km	Quilômetro
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
Mepes	Movimento de Educação Promocional no Espírito Santo
MFR	Maison Familiale Rurale
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
ONG	Organização Não Governamental
PA	Pedagogia da Alternância
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PCD	Pessoas com Deficiência
PED	Plano Estratégico de Desenvolvimento
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
Plageder	Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PPGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
PPJ	Projeto Profissional do Jovem
Pronera	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
RPAs	Regiões Produtivas Agrícolas
RS	Rio Grande do Sul
Secadi/MEC	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Seduc	Secretaria Estadual de Educação
Sema	Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura
Sicredi	Sistema de Crédito Cooperativo
Smaic	Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
Unefab	União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil
Uniasselvi	Centro Universitário Leonardo da Vinci
Unisc	Universidade de Santa Cruz do Sul
Unmfreo	União Nacional das Maisons Familiaes Rurales de Educação e Orientação
Unopar	Universidade Norte do Paraná
UPC	Unidade de Produção Camponesa
UPF	Unidade de Produção Familiar
VRP	Vale do Rio Pardo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: O UNIVERSO DA PESQUISA.....	21
2. JUVENTUDES E EDUCAÇÃO DO CAMPO: BASES TEÓRICAS.....	35
2.1 Juventude do campo e os dilemas entre ficar ou sair	35
2.2 Educação do Campo e Desenvolvimento Regional	40
2.3 O campo e a cidade, e suas relações no contexto atual	46
2.4 Agroecologia e a Agricultura Familiar Camponesa	50
3. PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: OS QUATRO PILARES DOS CEFFAS, A AEFASOL E A EFASOL	57
3.1 Os Centros Familiares de Formação por Alternância e a Pedagogia da Alternância	57
3.1.1 Contexto histórico da Pedagogia da Alternância	57
3.1.2 Os quatro pilares dos Centros Familiares de Formação por Alternância.....	67
3.2 Criação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	73
3.3 Início das atividades na Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	82
4. EXPERIÊNCIAS SOCIOPROFISSIONAIS DE EGRESSOS/AS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL E SUAS RELAÇÕES COM O CAMPO E/OU A CIDADE	88
4.1 Vale do Rio Pardo: região de maior abrangência da Escola Família Agrícola de Vale do Sol.....	90
4.2 Identificação do jovem pesquisado e seu atual local de residência	95
4.3 Experiências socioprofissionais de jovens egressos/as da Escola Família Agrícola de Vale do Sol e suas relações com o campo e/ou a cidade.....	111
4.4 Contribuições e os diferenciais da EFASOL na vida dos jovens.....	145
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS.....	159
APÊNDICE A	171
APÊNDICE B	176

1. INTRODUÇÃO: O UNIVERSO DA PESQUISA

Nesta dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional, foram analisadas as experiências socioprofissionais dos egressos/as da Escola Família Agrícola de Vale do Sol - Efasol e suas relações com o campo e/ou a cidade.

A Formação Integral dos jovens e o Desenvolvimento do Meio são as principais finalidades dos Centros Familiares de Formação por Alternância - Ceffas, que, em nosso caso, são as Escolas Famílias Agrícolas - EFAs. Buscou-se, por meio desta pesquisa, analisar as experiências socioprofissionais dos egressos/as da Efasol, não esquecendo de olhar a interação escola-família/propriedade existente, articulando esses dois ambientes como espaços de aprendizagem contínua e valorizando a realidade local.

A proposta de realizar uma pesquisa nessa perspectiva surgiu, primeiramente, de um grande anseio do autor, que possui vínculos com a EFA há 13 anos. Desde a infância, sempre teve grande apreço pela agricultura, mesmo seus pais sendo trabalhadores assalariados como servidores públicos, mas com residência no campo. Sua mãe foi professora por 27 anos em escola do campo e o pai foi motorista da prefeitura. Havia plantios de culturas agrícolas na propriedade do avô paterno, com produção de alimentos para o consumo e criação de animais. A ligação forte sempre foi com esse avô, hoje falecido (e sempre existe emoção ao lembrar dele). Foi ele quem sempre o incentivou a ter apreço pelo campo, pela agricultura camponesa e pelo grande simbolismo do plantar para consumir.

Até os 11 anos, estudava em escola do campo, no interior do Município de Herveiras/RS, um dos menores municípios da região do Vale do Rio Pardo - VRP (em território e em habitantes), essencialmente agrícola, muito presente com a produção de tabaco. Infelizmente, hoje, essa escola (Escola Municipal de Ensino Fundamental Humaitá - EMEFH) está fechada, não existindo mais nenhuma atividade escolar, uma lástima, pois, com o seu fechamento a comunidade em si, afastou-se.

Para seguir estudando, assim como a realidade de muitas crianças e jovens do campo, havia a necessidade de ir para a cidade, já em uma escola maior, com inúmeros estudantes. Essa mudança foi muito difícil, ou seja, sentir na pele como foi o processo das nucleações das escolas, sobretudo o

fechamento das escolas do campo, sendo uma experiência frustrante naquela época.

Finalizando a 8ª série (que hoje corresponde ao 9º ano) já em 2008, começou um grande interesse em estudar em alguma escola agrícola, pelo fato de gostar da agricultura. Da 5ª série até a 8ª série, existia uma disciplina (matéria dita na época) de Técnicas Agrícolas. Não foi uma experiência muito boa, visto que ainda tem recordações do professor da matéria dizendo: “Estudem para a vida de vocês não ser assim, o trabalho na roça é árduo...”. Essa fala marcava muito, pois era a fala de um professor (alguém inteligente, um sábio, cuja fala causava impacto), mas não conseguia concordar com tal posicionamento, pois o desejo de querer conhecer mais sobre agricultura permanecia ainda muito forte.

Continuar no Ensino Médio e depois, como será? Estudar em uma Escola Agrícola? As referências de Escolas Agrícolas da região eram muito distantes. Além disso, a intenção era não perder o vínculo com a família, então, como estudar sem sair da propriedade e/ou do campo?

Portanto, na mesma época (coincidentemente), iniciou-se um movimento para a criação de uma EFA em Santa Cruz do Sul/RS, que pretendia empregar a Pedagogia da Alternância - PA. De acordo com Gimonet (2007), a PA se apresenta como uma possibilidade de formação escolar e humana, assim também com as especificidades do campo, podendo ser definida como muito além de um simples método de ensino, e sim deve ser considerada como um verdadeiro sistema educativo.

Naquele momento, a PA era pouco conhecida na região. Somente havia a compreensão de que o jovem que iria estudar na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - Efasc permanecia uma semana na escola e outra, na propriedade da família, e que, para estudar, o jovem e sua família precisavam ter vínculo com a agricultura, além de ter concluído ou estar concluindo o Ensino Fundamental.

No final de 2008, entre os meses de novembro e dezembro, ocorreu uma visita na propriedade da família. O gerente da Cooperativa de crédito Sicredi (Sistema de Crédito Cooperativo), unidade do Município de Herveiras, Marcos Machado, esteve no local e, em conversa com a família, fez a divulgação da Efasc. Na ocasião, o Sicredi estava promovendo parceria para a instalação de

uma escola técnica em Santa Cruz do Sul, com abrangência regional. Todos da família demonstraram interesse, mas surgiu a dúvida: Mas precisa ser filho de agricultores? Acreditamos que não vai dar, mas vamos tentar.

Aos poucos, tudo começou a se encaixar e fazer sentido, pois desde a infância, no apreço pela agricultura, no ensino fundamental com algumas frustrações como dito, durante as aulas práticas das Técnicas Agrícolas, e que, para estudar em uma Escola Agrícola, era preciso sair da propriedade e ir para muito longe (região metropolitana de Porto Alegre no caso).

Estava sendo criada uma escola na região, contudo a família precisava ter vínculo com a agricultura. Enfim, em um meio que havia tudo para dar errado, foi bem ao contrário. No final deu tudo certo, graças ao processo seletivo da EFA, que dialoga com a família, vê as especificidades, pois a família tinha vínculo com a agricultura, porém a renda e/ou sobrevivência do grupo familiar não era proveniente da agricultura. Após esse entendimento, vamos experimentar essa nova proposta de ensino que chegou na região. Lembrando que, nesse momento, não conhecíamos ninguém que havia estudado em uma EFA, muito menos sabíamos o que era uma EFA, literalmente era tudo muito novo e diferente.

Portanto, no dia 01 de março de 2009, deu-se início a uma nova caminhada, uma nova trajetória de construção do conhecimento, com um diálogo permanente com a família, comunidade e entidades que têm seu envolvimento com a Agricultura Familiar Camponesa, produção de alimentos e agroecologia.

Adiante disso, apresentam-se reportagens vinculadas ao jornal local que ilustram um momento histórico da PA no mundo, no Brasil e, principalmente, no RS, com a criação da Efasc no ano de 2009:

Figura 1 – Inauguração da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, um marco histórico para o Rio Grande do Sul

GERAL
geral@gazetadosul.com.br

GAZETA DO SUL - TERÇA-FEIRA 3 DE MARÇO DE 2009

RURAL

Escola Família Agrícola inicia as aulas

Simoni Gollmann
simoni@gazetadosul.com.br

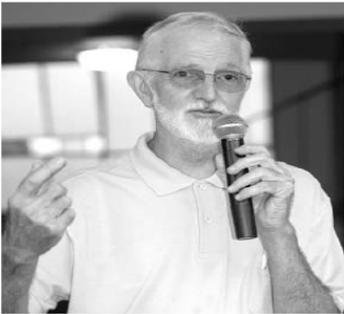
Vinte e um jovens oriundos do meio rural da região estão em sala de aula desde esta segunda-feira, integrando uma experiência pioneira no Rio Grande do Sul. Trata-se da Escola Família Agrícola (Efa), aberta oficialmente no domingo, durante solenidade com a presença de autoridades de toda a região. Seu objetivo é oferecer ensino regular direcionado às atividades rurais e, dessa forma, proporcionar que o desenvolvimento tecnológico chegue cada vez mais ao campo.

A iniciativa, desenvolvida pelo Sicredi Vale do Rio Pardo e pela Associação Gaúcha Pró-Escolas Família Agrícola (Agefa), vem para beneficiar os jovens rurais com conhecimentos que possam ser empregados em seu cotidiano.

Segundo o mestre na Pedagogia da Alternância, Sérgio Zamberlan, a Pedagogia da Alternância muda a forma como se entende o saber. "Aprendemos coisas diferentes em momentos e de maneiras diferentes. Portanto, tudo é uma alternância, seja biológica, psíquica, cultural ou em outros aspectos."

A Efa de Santa Cruz do Sul inicia ofertando cursos de ensino médio (técnico agrícola), bem como capacitações e especializações complementares, seguindo a Pedagogia da Alternância. Além da turma que começou suas atividades ontem, outro grupo, com cerca de 20 integrantes, chega ao Seminário São João Batista, onde estão sediados o internato e as práticas complementares, na próxima segunda. Na ocasião, os estudantes em aula esta semana voltam às suas propriedades. A partir daí, as duas turmas devem alternar-se semanalmente.

As aulas ocorrem na Unisc. O transporte entre os dois locais foi garantido pelo governo municipal. Outros parceiros, no entanto, são convidados a abraçar a experiência.



ZAMBERLAN: tudo é alternância

Fonte: Adaptado pelo autor, 2022 (Jornal Gazeta do Sul, 03 de março de 2009).

Figura 2 - O porquê de estudar na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul: entrevista com a família realizada pela Gazeta do Sul

Aperfeiçoamento é o atrativo

Régis Dattein Solano, de 14 anos, é um dos estudantes que iniciou suas aulas ontem. Natural de Herveiras, ele decidiu-se pela Escola Família Agrícola para sair do ensino médio pronto para trabalhar. "Sou do campo. Se estudasse em uma escola normal, sairia com diploma, mas não estaria preparado para trabalhar no meio rural. Aqui quero conhecer mais, ver o que é mais viável e depois ajudar meus pais e outros familiares nas propriedades."

Segundo seus pais, Alberi Grasel Solano e Marlice Dattein Solano, a instituição vai possibilitar que o filho se aperfeiçoe em outras culturas, não somente no fumo. Um diferencial considerado importante. O curso tem duração



de três anos e um custo mensal de R\$ 150,00 por aluno. Esse valor vai ser utilizado para custear as despesas como alimentação

e materiais didáticos. A escola mantém parceria com Unisc, Afubra, Sicredi e municípios de sua área de atuação.

Fonte: Adaptado pelo autor, 2021 (Jornal Gazeta do Sul, 03 de março de 2009).

Portanto, estudar e vivenciar o processo da alternância, passar pela transformação e ver o mundo a partir de um olhar mais crítico, foi uma experiência muito boa. Aprender uma nova forma de ver a agricultura por meio da agroecologia, a vivência em grupo, o coletivo, tudo isso foi uma experiência que proporcionou um divisor de águas na vida.

Durante o processo educativo, desde o primeiro Plano de Estudos¹ (uma pesquisa com o tema “Quem sou eu”, realizada no início do 1º ano na Efasc) já era possível ver os diferenciais. O envolvimento com a família, sobretudo com o avô, a vivência em grupo, a relação com os monitores, a militância existente, a coletividade e o companheirismo, os momentos de socialização de colocação em comum, as rodas de chimarrão, a proximidade e todo o processo de formação traziam um encantamento de que essa decisão foi a mais correta. Não tem como falar dessa experiência passada na Efasc sem mencionar o Projeto Profissional do Jovem - PPJ, que foi realizado por meio de diálogos com a família, sendo que foi diagnosticada a necessidade de implementar o cultivo do milho crioulo na propriedade. O plantio das sementes de milho crioulas é realizado até os dias de hoje, após um resgate dessas sementes com colegas da própria Efasc.

Enfim, a formatura, em 2011. Passou tão rápido, mas cada momento foi aproveitado o máximo possível. Em seguida, veio o estágio, momento importante da formação, realizado junto à Secretaria Municipal de Agricultura, Indústria e Comércio - Smaic do Município de Herveiras. Foi um fechamento de ciclo fundamental na formação, poder atuar mais a campo, com a Agricultura Familiar Camponesa do município, e claro, sem perder o vínculo com a propriedade da família.

Então, em 2012, houve um convite do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA para atuar nas Chamadas Públicas de Assistência Técnica e Extensão Rural – Ater, no próprio município de Herveiras. Além disso, houve a possibilidade de continuar na propriedade e também no Município e, pela identificação com a causa, junto ao movimento, trabalhar com a comunicação rural, a agroecologia, a formação de agricultores/as camponeses/as e a Juventude Camponesa seria uma grande experiência. Com o passar dos anos,

1 Um dos instrumentos pedagógicos dos Ceffas.

o envolvimento com o movimento de militância junto à causa do MPA foi cada vez maior, estando em forte participação das agendas regionais, estaduais e federais, em coletivos e colegiados, na representação da Juventude Camponesa em diferentes espaços de luta do movimento.

Dessa forma, observando a importância de seguir estudando, em 2014, inicia a graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFGRS, no curso de Bacharel em Desenvolvimento Rural, o conhecido Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - Plageder, um curso muito voltado à realidade do campo, da Agricultura Familiar Camponesa, dos Movimentos Sociais, entre outros. O Plageder é um importante programa especial de acesso à graduação, na modalidade à distância, por intermédio da iniciativa da Universidade Aberta do Brasil - UAB, sendo uma importante e inovadora experiência que possibilitou inúmeras pessoas a terem acesso a uma graduação de qualidade e gratuita.

Em 2015, vem uma nova experiência, de inserção na Efasol, como monitor, permanecendo até o momento. Poder voltar para a EFA é algo muito simbólico, sobretudo gratificante, por permitir seguir contribuindo na formação da Juventude Camponesa. Além dos trabalhos desenvolvidos na área de Gestão e Produção Agropecuária com a juventude, as relações institucionais são tarefas desenvolvidas também com diálogo com os parceiros da escola, construção/elaboração de relatórios, participação em fóruns e conselhos municipais e regionais, entre outras atividades que são desempenhadas.

Permanecendo até o presente na Efasol, a partir da experiência profissional adquirida, pensou-se em desenvolver essa importante pesquisa de Mestrado, junto ao PPGDR da Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc, com foco voltado aos egressos e egressas da Efasol, que somam 65 jovens formados nos anos de 2016 a 2018, oriundos de 13 municípios do Estado do RS, sendo eles: Arroio do Tigre, Barros Cassal, Candelária, Cachoeira do Sul, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol e Vera Cruz.

Em relação às EFAs no RS, com o passar dos anos, iniciaram um processo de expansão em nível estadual, surgindo então, mais três escolas após a Efasol, a saber: a Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha – Efaserra, em

2013, a Efasol, em 2014 e a Escola Família Agrícola da Região Sul - Efasul, em 2016.

Em relação à criação da Efasol, o objetivo era construir uma escola com características rurais, que tivesse “o pé na terra”, no seio da família e na união de forças para formar jovens. No ano de 2012, um grupo de agricultores familiares camponeses, lideranças comunitárias e instituições vinculadas à proposta de Desenvolvimento Regional, fundaram a Aefasol. Desde então, essa associação vem trabalhando para a implementação e manutenção da Efasol, que iniciou suas atividades em 10 de março de 2014.

A Aefasol é composta por familiares de estudantes e demais membros da comunidade que compartilham dos mesmos ideais. Esse coletivo de agricultores camponeses é responsável pela gestão da escola e faz isso a partir das demandas dos jovens, das famílias e dos educadores. Integra um movimento em esfera regional, por intermédio da Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas - Agefa, em esfera nacional, por intermédio da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - Unefab e, em esfera mundial, composto pelos Ceffas, que existem há mais de 80 anos. Esse movimento tem como finalidade primordial o desenvolvimento das comunidades por meio de uma educação de qualidade, integral, contextualizada e realizada com a participação ativa de todos os envolvidos.

A vivência pedagógica adotada pela Efasol é realizada de forma que o estudante permaneça por nove dias envolvido em atividades realizadas na propriedade agrícola de sua família (sessão familiar) e, posteriormente, por cinco dias, nas dependências da escola em regime de internato (sessão escolar). A estratégia metodológica da alternância com a ritmização de tempos e espaços – escola-família - viabiliza o acesso e permanência do jovem na escola do campo, além de oportunizar maior tempo de vivência familiar², mantendo-o junto de suas raízes camponesas.

Durante as sessões familiares, o jovem é orientado a fazer pesquisas relacionadas à sua realidade, as quais envolvem diagnósticos da propriedade familiar, bem como de sua comunidade. Enquanto isso, nas sessões escolares,

2 Na Efasol, usa-se esses termos: Sessão escolar e sessão familiar. Em outras EFAs, poderá existir outras terminologias para isto, como por exemplo, tempo escola, estadia socioprofissional, tempo comunidade, entre outros.

apresentam os resultados de suas pesquisas e, a partir destas, são desenvolvidas atividades educacionais que possibilitam ao/à estudante um novo olhar sobre sua realidade, a fim de propor alternativas para sua melhoria, como práticas e experimentos, sem perder o vínculo com a sua comunidade de origem.

De acordo com a Efasol, em 2022, foram 92 estudantes matriculados em formação no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio e Técnico em Agricultura. Desses, 62 são meninos e 30 são meninas (33% de meninas) com uma faixa etária de 14 a 24 anos. Esses estudantes são oriundos de 15 municípios, sendo eles: Arroio do Tigre, Barros Cassal, Candelária, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Novo Cabrais, Paraíso do Sul, Passa Sete, Salto do Jacuí, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Vale do Sol e Vera Cruz. Esses municípios fazem parte de cinco Conselhos Regionais de Desenvolvimento - Coredes do RS: VRP, Central, Jacuí Centro, Alto Jacuí e Alto da Serra do Botucaraí. A maioria desses jovens vive na região do VRP.

Por observação do próprio pesquisador, os egressos/as da Efasol exercem várias atividades, na propriedade ou inseridos em outros ambientes de trabalho com diferentes relações que se estabelecem com o campo e/ou a cidade, porém não se tem a ciência de como isso ocorre, portanto, questões como essa serão investigadas nesta pesquisa. Considerando os anos de atuação da Efasol, bem como o número significativo de jovens egressos, torna-se relevante saber sobre suas experiências socioprofissionais, os principais limites e desafios enfrentados, assim como suas perspectivas.

Portanto, esta pesquisa partiu de indagações oriundas de uma realidade vivida na base, ou seja, na própria EFA, visando contribuir para o futuro, contextualizado diretamente com o Desenvolvimento Regional na perspectiva da Agricultura Familiar Camponesa, da sustentabilidade, da produção sustentável no campo, da agroecologia, além de aprofundar a reflexão sobre as relações que se estabelecem com o campo e a cidade, Educação do Campo e as experiências socioprofissionais dos jovens egressos/as da Efasol.

No campo, existem os maiores índices de analfabetismo, conforme demonstra o Censo Agropecuário de 2017, pois 22,6% dos homens e 24,8% das mulheres do campo no Brasil não sabem ler e escrever. Sobre o fechamento das escolas rurais existem altos índices, pois inúmeras escolas no Brasil encerraram suas atividades, conforme demonstra Costa, Etges e Vergutz (2016, p. 5):

Brasil fecha em média, mais de 08 escolas por dia na região rural. Nos últimos 10 anos, 32,5 mil escolas do campo foram fechadas. Só em 2013 foram 3.296. Em 2003 eram 103,3 mil escolas no campo, hoje são 70,8 mil. São praticamente 09 escolas do campo fechadas por dia. Conforme esses dados são possíveis afirmar que a cada 2h e 40min, uma escola do Campo é fechada no Brasil.

Já no Estado do RS, somente em 2009 e 2010, foram fechadas 187 escolas estaduais, de acordo com a Secretaria Estadual da Educação - Seduc. Nesse sentido, o fechamento das escolas associado aos índices de analfabetismo traz consequências negativas ao desenvolvimento do campo. O meio rural, em inúmeras situações, é entendido como um local de atraso, de fracassados, passando a impressão errônea de que os agricultores e seus filhos não precisam estudar, simbolizando então, que o agricultor não necessita informação e/ou conhecimento, que não precisa estudar, pois estão fadados a ficar na roça.

Estudos que diferenciam a população rural da população urbana pobre mostram que a situação de saúde nutricional e de pobreza é pior no campo e este é o motivo para tão grande êxodo rural, entre outros fatores (OPAS, 1998). Estima-se que cerca de 10% dos pré-escolares tenham retardo do crescimento no Brasil (BENFAM, 1997), enquanto, no Nordeste rural, a prevalência de nanismo em crianças de até dez anos é de 39,8% (FERREIRA *et al*, 1996). Essa alta prevalência de desnutrição na zona rural confunde, porém, o tamanho do problema, pois, em termos absolutos, é maior o número de crianças desnutridas que se encontram nos bolsões de pobreza e favelas das zonas urbanas, uma vez que a maioria dos brasileiros vive hoje em zona urbana.

A pobreza urbana e a rural diferem bastante entre si. Essas diferenças precisam ser bem conhecidas para que intervenções adequadas possam ser efetivas e atuar nos problemas mais determinantes para o quadro de pobreza. No Nordeste rural, por exemplo, acesso a estradas para escoamento da produção agrícola, falta de crédito rural, secas que provocam fome sazonal, falta de acesso à água, pouca cobertura dos serviços de saúde etc. são fatores determinantes para a condição de vida e pobreza. Já a pobreza e a desnutrição da zona urbana têm outros fatores mais determinantes, como baixa escolaridade materna, gravidez na adolescência, desemprego, violência e isolamento social,

drogadição, condições de moradia e saneamento inadequadas, maus hábitos alimentares influenciados pela propaganda das indústrias de alimentos (consumo diário de refrigerantes, salgadinhos e biscoitos, por exemplo) etc. (SAWAYA *et al*, 2003).

O fechamento das escolas e os altos índices de analfabetismo, pessoas migrando para os centros urbanos à procura de trabalho e estudo causam, além do esvaziamento do campo, o envelhecimento, em virtude dos jovens, em muitos casos, estarem saindo, ocorrendo um grande problema, conforme destaca Camarano e Abramovay (1999, p. 6):

O êxodo rural é confirmado quando se examinam os dados dos últimos 50 anos: desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 90 não arrefeceram em muita esta tendência: se as taxas de evasão do meio rural observadas entre 1990 e 1995 persistirem pelo restante da década, quase 30% dos brasileiros que então viviam no campo em 1990 terão mudado seu local de residência na virada do milênio.

Portanto, essa realidade do analfabetismo e fechamento das escolas do campo, sobretudo a perspectiva de que, para ser agricultor não é necessário estudar, o êxodo rural ainda vem aumentando, se caracterizam em imensuráveis impactos negativos. Diante disso, as EFAs surgem justamente para questionar, mas também para denunciar e anunciar alguns paradigmas em relação à educação, à valorização dos jovens como sujeitos ativos do campo, que eles devem e podem ter o direito de estudar, a ter oportunidade de acessar e obter conhecimento qualificado e, por fim, optar por qual e/ou quais caminhos prosseguir, proporcionando esse horizonte de escolhas para sua vida. Se o jovem ficar no campo, que seja por opção, por condições mínimas de desenvolver algo em sua propriedade. Se sair, que seja também por opção, pois, geralmente, ocorre algo de perverso, ou seja, as saídas são provocadas por expulsão e aqueles que acabam ficando, ficam por fatalismo, por não terem outra alternativa.

A região do VRP, na qual a Efasol está inserida, é composta por 23 municípios, com uma população total de 437.233 habitantes, segundo o Corede-VRP. A economia da região é caracterizada pela produção do tabaco. Segundo Etges (2001), mesmo com diferenciações internas, apresenta uma característica

que imprime uma identidade à região, que a particulariza frente às demais regiões do Estado, que é a produção do tabaco, tendo sua economia assentada nesta produção, controlada por grandes grupos transnacionais do setor.

De acordo com o Plano Estratégico de Desenvolvimento - PED do VRP (2017), a taxa de crescimento populacional da região, entre 2000 e 2010, foi de 5,35%. Nesse período, dez municípios continham taxas inferiores a 1,01% ou negativas. Dos 23 municípios, 19 tiveram queda na população rural. No Município de Sobradinho, por exemplo, houve uma diminuição de 36,97% da população. No que diz respeito à estrutura etária da população da região, os grupos de idade correspondem às variáveis de população, jovem com menos de 15 anos, população adulta com idade de 15 a 59 anos de idade e população idosa com 60 anos ou mais. Verifica-se um aumento da população adulta (9,00%) e idosa (31,82%) em toda a região, bem como a diminuição da população de jovens (-15,81%) entre os anos de 2000 e 2010. Em linhas gerais, em 2010, a população da região era predominantemente urbana (63,13%), entretanto com uma média bastante inferior à do Estado (85,10%). A taxa de analfabetismo da população com mais de 15 anos de idade na região é de 8,31% (PED-VRP 2015-2030, 2017).

Em relação aos estudantes da Efasol, todos possuem algum vínculo com a agricultura, sendo filhos/as de Agricultores Familiares Camponeses da região, muitos produtores de tabaco residentes em áreas rurais e, em muitos casos, próximos das áreas urbanas. Após o período de formação na Efasol, a conjuntura acaba mudando, sobretudo suas perspectivas de vida também. Os jovens acabam se inserindo socialmente e profissionalmente em outros ambientes, estabelecendo diferentes formas de relações com o campo e/ou a cidade.

Entende-se, nesta pesquisa, por experiências socioprofissionais, questões relacionadas às inserções que os jovens egressos/as estão tendo em diferentes ambientes de trabalho, além de continuação dos estudos, seus laços sociais e familiares, entre outros. Segundo Pozzebon (2015), as inserções socioprofissionais de jovens egressos das EFAs criam oportunidades para realizarem suas próprias escolhas enquanto cidadãos.

Portanto, as questões norteadoras que conduziram esta pesquisa foram as seguintes: Quais as escolhas e quais os caminhos que esses jovens

seguiram? Onde estão? Quais as relações que estabeleceram com o campo e/ou a cidade? Como definem suas experiências? Quais as motivações que levaram parte desses jovens a manter vínculo com o campo ou vínculo com a cidade? Como esse fenômeno acontece? Quais ações e intervenções estão realizando nesse momento em suas vidas, bem como sobre suas projeções e a importância da formação na Efasol em suas vidas?

A partir dessas questões apresentadas, a pergunta referente ao problema de pesquisa é: Quais as experiências socioprofissionais dos egressos/as da Efasol, levando em consideração as relações que os jovens estabelecem com o campo e/ou a cidade, tendo como referência as turmas formadas nos anos de 2016 a 2018?

Na perspectiva e no anseio de buscar respostas às problemáticas referidas, apresenta-se os objetivos da pesquisa destacados como objetivo geral, que é analisar as experiências socioprofissionais dos egressos da Efasol, bem como suas relações com o campo e/ou a cidade e as influências da escola neste processo. Os objetivos específicos se complementam por caracterizar o perfil socioprofissional dos egressos/as da Efasol, compreender suas relações com o campo e/ou a cidade na condição socioprofissional, as motivações que influenciaram em suas escolhas e experiências e a importância da Escola neste processo.

Por meio desta pesquisa, compreender-se-á como essas experiências se estabelecem pelos egressos/as após o término da formação por alternância. Assim, será preponderante saber como esse processo acontece e quais são os fatores que influenciam as suas decisões. Além disso, foi possível avaliar empiricamente como a formação por alternância influenciou nas perspectivas futuras dos egressos/as.

Costa (2012) menciona sobre a importância da PA para os jovens estudantes, justamente para compreender que propriedade e famílias, bem como as comunidades onde eles residem são espaços de constante aprendizado entre o conhecimento teórico e empírico, que, a partir disso, nascem e se constroem novos conhecimentos aliados a novas ações em locais onde estão inseridos.

Inevitavelmente, conforme destaca Pozzebon (2015), tratar desse tema leva à discussão sobre outras concepções de educação contextualizada para o

jovem do campo e tudo que está no seu entorno, além de abrir possibilidades de escolhas e também de oportunidades em relação a suas experiências socioprofissionais.

Por fim, esta pesquisa se justifica por problematizar sobre a atual conjuntura da Educação do Campo e apresentar possibilidades por meio de uma educação contextualizada à realidade da juventude. Sistematizar conhecimentos na perspectiva científica, a partir das experiências dos egressos/as da Efasol, ampliar e aprofundar compreensões, conceitos e práticas da PA na própria escola e no movimento Ceffa no RS e no Brasil.

O método de abordagem utilizado nesta pesquisa foi a fenomenologia, que se propõe a analisar o sujeito, procurando compreender e interpretar a ação social do indivíduo onde ele está inserido. Masini (1986) coloca a fenomenologia como um objeto de estudo o próprio fenômeno, mas, de modo geral, esse método tem como objetivo de investigação o fenômeno, mostrando a si e em si mesmo, tal como é a consciência do sujeito.

Husserl (2000) relata que o sujeito é o foco principal da fenomenologia, que procura compreender e interpretar a ação social do indivíduo, ou seja, analisa e compreende a forma de vivência do indivíduo. Nesse caso, é uma compreensão mais profunda do fenômeno analisado e uma busca constante da interpretação do seu significado, havendo uma qualidade das pesquisas realizadas, buscando compreender como o indivíduo se sente, pensa e vislumbra a realidade (HUSSERL, 2000).

A dissertação está estruturada em capítulos, organizados na seguinte ordem: A introdução, conforme já mencionado, apresentando o universo da pesquisa, após, o capítulo 2, que traz uma revisão de conceitos e algumas problematizações no que tange à Juventude do Campo e os dilemas entre ficar ou sair do campo, a Educação do Campo e Desenvolvimento Regional, o campo e a cidade, e suas relações no contexto atual, a Agroecologia e a Agricultura Familiar Camponesa.

O próximo capítulo traz a PA em foco. Conceitua os Ceffas e seus quatro pilares e a PA por meio de seu contexto histórico, desde a sua origem na França e a vinda para o Brasil e, posteriormente, no RS. Será detalhado como se deu a criação da Aefasol em 2012, bem como o início das atividades da Efasol em 2014, seu funcionamento até a formatura da primeira turma em 2016.

No quarto capítulo serão descritas e analisadas as experiências socioprofissionais dos egressos/as da Efasol e suas relações com o campo e/ou a cidade. Esse é o capítulo empírico e analítico da pesquisa, traz o protagonismo da juventude egressa da Efasol, traçando seu perfil de onde estão, suas experiências socioprofissionais, acesso à educação e as contribuições e os diferenciais da Escola na sua vida.

2. JUVENTUDES E EDUCAÇÃO DO CAMPO: BASES TEÓRICAS

O capítulo 2 se caracteriza por uma revisão bibliográfica de alguns conceitos que se fazem necessários para o andamento da pesquisa. Para sua realização, foram utilizados dados de uma pesquisa bibliográfica sobre o sujeito principal da pesquisa, que é a Juventude do Campo e os dilemas entre ficar ou sair, a Educação do Campo e Desenvolvimento Regional, o campo e a cidade e suas relações no contexto atual e, por fim, Agroecologia e Agricultura Familiar Camponesa.

2.1 Juventude do campo e os dilemas entre ficar ou sair

Os estudos existentes sobre a juventude do campo e suas especificidades quando se fala em experiências socioprofissionais apresentam grandes dimensões. Antes de tudo, é importante a definição do ser jovem. Em termos jurídicos, segundo o Estatuto da Juventude, sob a Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013, são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

Na perspectiva da visão sociológica sobre a juventude rural, Castro *et al* (2009) trazem uma reflexão sobre:

[...] a juventude rural é percebida como uma população específica, uma minoria da população jovem do país. Com efeito, se formos tratar o tema exclusivamente a partir dos dados oficiais de população, temos, de acordo com a Pnad (2006), que a população de 15-29 anos é de 49 milhões de pessoas (27% da população total), dos quais 4,5% rurais, ou seja, 8 milhões de jovens. Mesmo apresentados como “minoria”, não se trata de um contingente pequeno. No entanto, o debate deve considerar juventude para além de um recorte de população específica. Nesse sentido, juventude é, além de uma categoria que representa identidades sociais, uma forma de classificação social que pode ter múltiplos significados, mas que vem se desenhando, em diferentes contextos, como uma categoria marcada por relações de hierarquia social. (CASTRO *et al*, 2009 p. 44).

Segundo Menezes, Stropasolas e Barcelos (2014), em relação à juventude do campo, esse tema exige a abordagem de questões objetivas e subjetivas, culturais, complexas, que demandam um papel forte especialmente das organizações nas ações que ajudem a promover esse debate, ainda mais quando se fala em políticas públicas para este público em específico. É importante mencionar nesse processo que as políticas de juventude a serem

desenvolvidas possam dialogar e construir um olhar sobre o campo e a cidade, ou seja, ampliar esse leque sobre o segmento juventude do campo, que não é uma simples especificidade da juventude brasileira, pois estamos falando de um segmento que é estratégico para o desenvolvimento sustentável do País.

Os autores ainda fazem uma conexão na área das políticas públicas para a juventude do campo:

[...] em termos de formulação de política pública, é preciso perguntar se todas as pessoas que estão na faixa etária de 15 a 29 anos se reconhecem enquanto juventude rural. Eles todos necessitariam uma política pública destinada à juventude rural? Como ficaria a unificação de grupos sociais diferenciados, que inclui agricultores familiares, quilombolas, ribeirinhos, indígenas e outras categorias? Como se trabalha com essa diversidade? Não teria um risco em unificar o que, talvez, não seja unificável? [...] Como enfrentar o desafio de pensar política para e com a juventude? Para a juventude rural é um desafio se empoderar, fazer parte desse processo. As políticas públicas específicas para a juventude rural, como Nossa Primeira Terra e Pronaf Jovem, também apresentam limites. Não estão atendendo às demandas e ao anseio da juventude rural. Assim, um dos desafios para o governo é pensar quais políticas públicas são demandadas pela juventude rural. Hoje as políticas públicas são pensadas para a terra, e crédito para a produção, mas não se pensa a infraestrutura no meio rural. Qual a infraestrutura apropriada para a juventude rural no meio rural hoje? [...] Outra questão é a participação efetiva e apropriada da juventude nas políticas públicas, seja na sua gestão, formulação, seja na execução. É preciso romper com barreiras e preconceitos intergeracionais, com a adultização. (MENEZES; STROPASOLAS; BARCELOS, 2014, p. 54).

Destacando as políticas públicas com ênfase na educação, vê-se o quanto é primordial uma educação voltada para a juventude do campo. No caso das EFAs, Pozzebon (2015) destaca que sua proposta educacional é voltada para esse jovem do campo, na partilha e interação de todos os sujeitos que são envolvidos por meio da PA, na busca de uma educação contextualizada e fundamentada, em que os próprios sujeitos que estão no campo sejam os protagonistas de suas ações. Em relação às EFAs, elas têm como proposta promover a formação integral dos filhos e filhas de Agricultores Familiares Camponeses, contribuindo em sua formação técnica e cidadã, havendo grande relação entre o jovem estudante, a escola, sua família e a comunidade de modo geral. Em relação à vida profissional desses jovens, o autor afirma que:

[...] a ampla maioria dos jovens egressos estão inseridos de forma ativa na vida profissional, mesmo estando em fase de passagem da condição juvenil para a vida adulta. Há sinais claros que o vínculo com a agricultura familiar continua forte e parece determinante no futuro profissionais destes jovens. (POZZEBON, 2015, p.137).

Sobre o processo das experiências socioprofissionais dos jovens, sobretudo após o processo de formação na EFA, é considerado como a entrada no mundo do trabalho, seja na propriedade de sua família ou fora dela. Figaro (2009) retrata sobre esse momento na vida dos jovens, como algo difuso, amplo e também complexo. A juventude tem grande papel quando se fala em Agricultura Familiar Camponesa, sobretudo de experiências socioprofissionais, conforme Silva *et al.* (2016, p. 7):

A juventude rural está inserida no trabalho familiar, uma vez que essa inserção se caracteriza pela unidade de produção agrícola ter a propriedade e o trabalho inteiramente ligados à família. A agricultura familiar é bastante representativa no Brasil, pois 84% de todas as propriedades rurais do País são de agricultores familiares; tal forma de agricultura é responsável por empregar aproximadamente cinco milhões de famílias em todo o País. Alguns dados demonstram que a agricultura familiar produz cerca de 80% dos alimentos consumidos e preserva 75% dos recursos agrícolas do planeta.

Em relação às experiências socioprofissionais de jovens do campo, existem situações de continuidade no campo, como destacado, e também o processo de saída do campo. Nesse contexto, Matte e Machado (2016) trazem alguns fatores que influenciam a decisão dos jovens em sair do estabelecimento rural.

Quadro 1 – Fatores que influenciam a decisão dos jovens em sair do estabelecimento rural, segundo estudos realizados nos três estados da Região Sul do Brasil, a partir de 2000

Autor	Local do estudo	Fator de Saída
Abramovay <i>et al.</i> (2001)	Oeste de Santa Catarina - SC	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de acesso à terra; - Ausência de expectativa de geração de renda; - Maior grau de escolaridade; - Ausência de estímulo à permanência por parte dos pais; - Outras expectativas profissionais dos filhos que não a de ser agricultor.
Carneiro (2001)	Nova Pádua – RS	<ul style="list-style-type: none"> - Propriedade não comporta todos os filhos; - Não havia condições para adquirir novas áreas; - Ausência do mercado de terras; - Crise na agricultura; - Desvalorização do trabalho agrícola com a oferta de emprego urbano; - Valorização do estudo como meio de ascensão; - Mulheres deixam de ver o casamento como única forma de “inserção social”; - Atividades não agrícolas mais atrativas; - Desvalorização da identidade de agricultor.
Mello <i>et al.</i>	Oeste de Santa	<ul style="list-style-type: none"> - Desigualdade de gênero (exclusão das filhas no

(2003)	Catarina - SC	<p>processo de sucessão e ausência de espaço de participação);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ausência do mercado de terras; - Ausência de reconhecimento por parte dos pais; - Ausência de remuneração pelo trabalho do filho; - Ausência na participação das decisões produtivas.
Stropasolas (2004)	Oeste de Santa Catarina - SC	<ul style="list-style-type: none"> - Controle sobre a sexualidade feminina; - “Violência simbólica”; - Busca de ampliação das experiências afetivas; - Troca de experiências com jovens da cidade; - Noção de “vida urbana” com mais liberdade; - Escolaridade apresenta novas oportunidades; - Inconformidade com a desigualdade de direitos; - Débil participação dos jovens no processo decisório da agricultura familiar; - Imagem inferior de moças do meio rural em comparação a moças da cidade; - Incentivo dos pais para as moças saírem; - Saída das moças pode levar/atrair os rapazes.
Siqueira (2004)	Santo Cristo e Candelária - RS	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades no trabalho agrícola: cansativo, falta de horário, baixa valorização social, baixos rendimentos, falta de lazer; - Aspiração profissional distinta da agricultura; - Preocupação com a saúde; - Mulheres buscam por independência econômica.
Anjos, Caldas e Costa (2006)	Morro Redondo, Veranópolis, Salvador das Missões e Três Palmeiras - RS.	<ul style="list-style-type: none"> - Escassez de oportunidades de renda tanto fora como dentro do estabelecimento; - Dificuldades na agricultura; - Reduzido tamanho do negócio familiar; - Ausência de outras fontes de renda;
Costa (2006)	Morro Redondo – RS	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de trabalho no meio rural (trabalho fora do estabelecimento); - Dificuldades de casamento; - Busca por educação/formação e, portanto, outra profissão; - Tomada de decisão apenas sob controle do pai; - Hierarquia familiar: pai controla o dinheiro; - Intempéries climáticas; - “Crise de expectativas”: desmotivação em permanecer no rural; - Transformações no mercado e dificuldade de comercialização dos produtos; - Falta de diálogo entre membros da família, principalmente pais e filhos; - Falta de reconhecimento do trabalho feminino.
Brumer, Pandolfo e Coradini (2008)	Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de participação feminina em atividades administrativas; - Prejuízos à saúde provocados pela penosidade do trabalho e a sujeição ao clima; - Invisibilidade do trabalho feminino; - Baixa renda; - Dificuldade de união conjugal; - Desejo do cônjuge de não seguir a profissão de agricultor ou agricultora.
Spanevello (2008)	Pinhal Grande e Dona Francisca – RS	<ul style="list-style-type: none"> - Penosidade do trabalho; - Baixa renda das atividades produtivas; - Quanto menos diversificado, maior a probabilidade de um dos filhos se ausentarem; - Pais não incentivam a permanência dos filhos;

		<ul style="list-style-type: none"> - Próprios agricultores não veem na agricultura uma boa alternativa; - Desvalorização da ocupação agrícola; - Dificuldades econômicas e produtivas de competir com propriedades capitalizadas; - Fatores externos: altos custos dos insumos, baixo preço pago pelo produto; - Condição estrutural do estabelecimento; - Sucessão é um processo “masculino”, excludente para as mulheres.
Weisheimer (2009)	Agudo, Sinimbu, Montenegro, Nova Pádua, Aratiba, São Lourenço do Sul e São Borja - RS	<ul style="list-style-type: none"> - Busca de inserção profissional em outras atividades; - Meio urbano oferece outras oportunidades; - Continuidade da escolarização; - Busca de emprego com renda mensal; - Dar continuidade ao projeto de agricultor(a) sem companheiro (marido ou esposa); - Menor autonomia material, maior a perspectiva de sair do estabelecimento; - Menor socialização dos jovens no processo de trabalho familiar.
Spanevello <i>et al.</i> (2010)	Esperança do Sul - RS	<ul style="list-style-type: none"> - Meio urbano oferece melhores condições de vida; - Busca por ensino formal; - Modelo educacional afasta o jovem do campo; - Carência de apoio governamental aos jovens; - Dificuldades no trabalho agrícola e falta de terras; - Baixa renda.
Savian (2011)	Ponte Alta – SC	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco acesso a atividades de lazer; - Penosidade do trabalho; - Pouca disponibilidade de terra; - Necessidade de melhorar a estrutura de produção; - Baixos preços pagos pelos produtos agropecuários; - Isolamento no meio rural.
Spanevello <i>et al.</i> (2011)	Pinhal Grande e Dona Francisca – RS	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de obter área de terra (divisão da atual propriedade seria insuficiente); - Não querem ser agricultores; - Busca de trabalho com menor esforço físico, remuneração fixa e mensal; - Rigidez por parte dos pais afasta os filhos (desestímulo); - Prolongamento dos estudos; - Falta de autonomia para os jovens; - Dificuldades de matrimônio.
Soares da Silva <i>et al.</i> (2011)	Marechal Cândido Rondon, Quatro Pontes, Nova Santa Rosa, Pato Bragado, Entre Rios do Oeste e Mercedes – PR.	<ul style="list-style-type: none"> - Jornada de trabalho excessiva; - Falta de controle sobre os preços pagos e recebidos; - Penosidade da atividade; - Más condições de trabalho e transporte; - Falta de acesso aos meios de comunicação; - Descaso de políticas públicas direcionadas para a categoria de jovens rurais.
Kischener (2015)	Sudoeste do Paraná	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de renda satisfatória; - Ausência de valores de comunidade; - Exclusão ou falta de consideração sobre os projetos de vida dos filhos nas estratégias de reprodução social da família.
Zago e Bordignon	Paraná, Santa Catarina e Rio	<ul style="list-style-type: none"> - Estímulo dos pais para estudar; - Facilidade da vida na cidade;

(2012)	Grande do Sul	- Faltam alternativas de lazer.
Perondi (2016)	Sudoeste do Paraná (Município de Capanema)	- Exclusão da mulher do processo de partilha (casamento); - Casamentos com pessoas que não são do meio rural; - Acesso ao estudo e conseqüente trabalho urbano.

Fonte: adaptado de Matte e Machado (2016, p. 140-143).

De acordo com o quadro acima, uma questão importante é que esses jovens não estão em suas propriedades rurais. Os autores apresentam inúmeros fatores que os levaram a essa decisão. Nesse sentido, muitos optam por migrar para outros locais, em busca de outras oportunidades de trabalho, principalmente, estratégias econômicas, sociais e profissionais.

Hoje as condições de saída são muito maiores que as condições de ficar. Atualmente, o processo de ficar por opção é decorrente de vários fatores: uma educação contextualizada, acesso às políticas públicas e o apoio e o incentivo da família. Faccin e Schmidt (2013) destacam, nesse sentido, a importância do apoio familiar nessa decisão, que os pais possam estimular seus filhos a terem o quanto antes sua renda proveniente da agricultura na propriedade da família, abrindo horizontes para seguir no campo, com sua renda própria. Segundo Abromovay (1998), somente será possível motivar a permanência juvenil na propriedade familiar a partir da valorização dos jovens, ou seja, quando eles assumirem papéis decisórios dentro da unidade e vislumbrarem alternativas de melhorar a produção e aumentar o retorno financeiro.

2.2 Educação do Campo e Desenvolvimento Regional

Com a intenção de reconhecer a importância, o conceito e os objetivos da Educação do Campo, percebeu-se que, para pensar o campo brasileiro com sua diversidade, é necessário retomar historicamente os fatos e compreender como, ao longo dos anos, a relação com o campo foi se instituindo.

Quando se fala em Educação do Campo, não se pode desvinculá-la da temática do Desenvolvimento Regional. Os debates e ações sobre Educação do Campo e Desenvolvimento Regional apresentam grande amplitude, tanto histórica como no contexto atual, porém apresentam grandes relações que serão apresentadas no decorrer da revisão.

Em relação à educação, constata-se que o tema possui um papel importante perante a sociedade em que se vive. No contexto da educação de jovens oriundos do campo, percebe-se que este ensino, em muitos casos, acaba distanciando este jovem de sua realidade, surgindo, nessas situações, um interesse de não continuar no campo. Obviamente, a cidade possui certos atrativos, principalmente pelas facilidades que ela proporciona: na locomoção, distância percorrida até a escola, melhor sinal de celular e internet, acesso ao lazer, entre outras, ou seja, apresentando, em relação ao campo, uma grande desigualdade neste sentido.

O conceito de Educação do Campo, segundo Molina e Freitas (2011), originou-se no processo de luta dos movimentos sociais camponeses e, por isso, traz, de forma clara, sua intencionalidade maior, que é a construção de uma sociedade sem desigualdades e com justiça social. Portanto, pode-se dizer que a educação do campo surgiu devido à necessidade de mudança da própria base, ou seja, do campo.

Begnami (2019) faz uma reflexão ao debate sobre a Educação do Campo na perspectiva de que ela começa pela leitura crítica do próprio campo, pois a questão agrária torna-se um problema estrutural do modo capitalista de produção, causando um desenvolvimento desigual devido à concentração de poder e da hegemonia da cidade sobre o campo. Diante disso, iniciar o debate da Educação do Campo introduzindo inicialmente o tema da Questão Agrária pelos Movimentos Sociais, torna-se um instrumento de leitura e interpretação da realidade do campo em que se vive.

A Educação do Campo, matriciada nos Movimentos Sociais camponeses, é uma leitura crítica da educação em geral, seja ela urbana, sobretudo a educação rural. Ela constitui também em um instrumento para análise crítica e compreensão da atualidade do campo e da realidade social, política, econômica do nosso país como um todo, assim como elemento estratégico do exercício da luta por transformações dessa realidade. (BEGNAMI, 2019 p. 86).

Não se pode deixar de mencionar que umas das bandeiras de luta da Educação do Campo é sobre o fechamento das escolas, muitas vezes, por opção dos governantes para viabilizar as suas nucleações. Nesse sentido, esse se torna outro problema grave, conforme destacam Costa, Etges e Vergutz (2016). Os autores compreendem que essas escolas nucleadas acabam se

concentrando em grandes comunidades regionais nos municípios que, em muitos casos, carecem de estruturas mínimas para atender estes jovens que foram nucleados, além do fato de que as escolas de origem destes estudantes possivelmente foram todas fechadas.

A Educação do Campo tem o intuito de fazer as pessoas pensarem, refletirem e lutarem por outra sociedade possível, com justiça e valorização das relações baseadas em equidade social. Segundo Souza (2008, p. 2), a Educação do Campo:

[...] tem conquistado lugar na agenda política nas instâncias municipal, estadual e federal nos últimos anos. Fruto das demandas dos movimentos e organizações sociais dos trabalhadores rurais, a Educação do Campo expressa uma nova concepção quanto ao campo, o camponês ou o trabalhador rural [...]

Molina (2006) acredita ser necessário o estabelecimento de uma permanente relação com as questões de desenvolvimento local e regional, a partir de um projeto popular e revolucionário, de acordo com a realidade de base das comunidades e suas especificidades, dos sujeitos presentes, sendo eles agricultores familiares, assentados da reforma agrária, extrativistas, entre outros atores sociais do campo. A autora ainda indica que, na construção de políticas públicas voltadas a eles, há grandes desafios, como o de transcender e romper com as interpretações que unidimensionalizam o multidimensional, tal como é o território rural no Brasil nos dias de hoje.

A década de 1990 foi histórica para a Educação do Campo, quando, por meio dos movimentos sociais, começou-se a defender assuntos relacionados à educação como um meio do estado diferenciar a educação urbana e a rural, momento este que inicia a luta pela Educação do Campo (BASTIANI; STRASSER, 2012).

Dessa demanda nasce o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - Pronera, uma das materializações mais importantes da Educação do Campo no Brasil, e a Coordenação Geral de Educação do Campo. O conceito de campo, segundo Molina (2006, p. 30), é considerado:

[..] como espaço de vida, é multidimensional e nos possibilita leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadorias. A economia não é uma

totalidade, ela é uma dimensão do território. Quando a produção de mercadorias é analisada como totalidade, fora da multidimensionalidade territorial, constitui-se numa análise extremamente parcial e, às vezes, equivocada da realidade. É impossível explicar o território como um setor de produção, por mais dominantes que sejam as relações que determinam o modo de produção.

Já para Gadotti, Freire e Guimarães (1995), é necessário que a escola trabalhe junto aos seus sujeitos de forma diferenciada, onde o ensino e o aprendizado andam juntos em uma proposta pedagógica alicerçada na pedagogia crítica, capaz de desafiar o educando a pensar criticamente sobre a realidade social, política e histórica onde ele vive. Dessa forma, construindo outros olhares, reflexões e ações a partir de onde ele está, dando-se conta da importância de estar ali e, sobretudo, criar possibilidades para continuar e valorizar a Agricultura Familiar Camponesa. Freire ainda ensina sobre a importância da construção do conhecimento na perspectiva da valorização do conhecimento do jovem, dos agricultores camponeses, no processo de construção dos saberes:

“Muito bem”, disse em resposta à intervenção do camponês. “Aceito que eu sei e vocês não sabem. De qualquer forma, gostaria de lhes propor um jogo que, para funcionar bem, exige de nós absoluta lealdade. Vou dividir o quadro negro em dois pedaços, que irei registrando, do meu lado e do lado de vocês, os gols que faremos, eu em vocês; vocês, em mim. O jogo consiste em cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntado não sabe responder, é gol do perguntador. Começarei o jogo fazendo uma primeira pergunta a vocês”. A essa altura, precisamente porque assumira o “momento” do grupo, o clima era mais vivo do que quando começáramos, antes do silêncio.

Primeira pergunta:

- O que significa maiêutica socrática?

Gargalhada geral e eu registrei meu primeiro gol.

- Agora cabe a vocês perguntar a mim - disse.

Houve uns cochichos e um deles lançou a questão:

- Que é curva de nível?

Não soube responder. Registrei um a um.

- Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a um.

-Para que serve a calagem no solo?

Dois a dois.

- O que é um verbo transitivo?

Três a dois.

- Qual a relação entre curva de nível e erosão?

Três a três.

- O que significa epistemologia.

Quatro a três.

- O que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim, sucessivamente, até chegarmos dez a dez. Ao me despedir deles lhes fiz uma sugestão: Pensem no que houve nesta tarde aqui. Vocês

começaram discutindo muito bem comigo. Em certo momento ficaram silenciosos e disseram que só eu poderia falar porque só eu sabia e vocês não. Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos em dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isto”. (FREIRE, 1992, p.24-25).

Nessa situação, existe uma inferiorização, em muitos casos, do saber dos Agricultores Familiares Camponeses, quando o agente técnico leva consigo dizeres difusionistas, de capacitação, de transferência de saberes aos agricultores. A Educação, e nesse caso a Educação do Campo, traz o sujeito conhecedor de sua realidade para construir o conhecimento de forma coletiva, dialética, e que respeita a história local e regional.

Costa (2012) menciona que a educação no meio rural sempre foi para poucos, atendendo somente certos interesses da alta sociedade, onde os filhos da grande elite realizavam formação nas fazendas e o ensino superior no exterior. Já a situação da educação para os outros povos oriundos do campo, sobretudo da baixa renda, se compreendia apenas como uma mão de obra barata dos latifundiários brasileiros.

Do ponto de vista da sustentabilidade social, econômica e ecológica, o capitalismo agrário se revela insustentável. Ele expulsa os camponeses, as comunidades e povos tradicionais de suas terras. Torna o campo um espaço vazio de gente. Ele emprega muito menos que a agricultura camponesa. Ele concentra a riqueza produzida em pouquíssimas mãos. Ele provoca a expansão da fronteira agrícola com os desmatamentos, sobretudo, nas regiões de cerrado e da floresta Amazônica. Provoca degradação ambiental e humana de toda sorte com o uso dos agrotóxicos. Neste sentido, a Educação do Campo, historicamente matriciada nos Movimentos Sociais e Sindicais do Campo, se coloca radicalmente numa posição de resistência e combate ao modelo de desenvolvimento representado pelo agronegócio, disputando e defendendo a territorialidade camponesa, contraditoriamente, num Estado capitalista que cede muito mais às pressões da territorialidade do capital e a este modelo, financiando-o por meio do crédito rural e outras formas de crédito e benesses das concessões de exonerações fiscais. (BEGNAMI, 2019, p. 339).

Sobre a Educação do Campo e a tradicional educação rural, segundo Bonamigo (2014):

A Educação do Campo, contrapondo-se à tradicional educação rural, constituiu-se e consolidou-se no Brasil nas duas últimas décadas, vinculando-se à realidade sociocultural e educacional das populações camponesas, em especial, em torno da ampliação das políticas públicas e da construção de uma escola de qualidade aos sujeitos sociais do

campo. A abordagem teórica da Educação do Campo concebe a educação como formação humana em todas as dimensões e o campo compreendido como espaço de vida, de cultura, de contradições, de disputas de projetos. Essa abordagem potencializa novas perspectivas de formação escolar às populações camponesas vinculadas à produção da vida econômica, social e cultural, incentivando novas formas de acesso e distribuição dos bens culturais produzidos nas comunidades regionais. Considerando esses aspectos fundamentais, as interlocuções entre Educação do Campo e desenvolvimento regional efetivam-se na medida em que se desenvolve um processo formativo abrangente relacionado às dinâmicas produtivas e culturais da população camponesa, concretizado na organização pedagógica e curricular das escolas do campo. (BONAMIGO, 2014, p. 15-16).

Ao apresentar questões inerentes ao Desenvolvimento Regional, Monteiro e Castro (2017) constatam que o tema possui pouca reflexão nos aspectos de conjuntura e nos aspectos econômicos e políticos de uma nação, e que a compreensão do regional traz consigo grandes desafios. No entanto, segundo os autores, cada ação a ser realizada sobre determinada situação deve ser planejada e refletida, pois seus impactos podem adicionar ou subtrair em uma trajetória de longo prazo. De modo geral, os estudos acadêmicos sobre esse tema têm apresentado meios para direcionar e contribuir com o debate em torno das políticas para o Desenvolvimento Regional.

Nesse contexto, Costa (2019) menciona sobre a valorização do campo e seus sujeitos que o compõe em uma estratégia de se construir o Desenvolvimento Regional de forma pensada e articulada, vindo a partir do protagonismo das pessoas. Para Etges (2003), o Desenvolvimento Regional deve estar em contexto com a realidade atual:

Para promover o desenvolvimento regional no contexto da realidade atual é preciso estar atento à dimensão horizontal do processo, conhecer, em profundidade, a região em questão; identificar suas potencialidades e construir instrumentos de coesão social em torno de propósitos em comum à população envolvida. Pois é preciso criar uma forma de representação da maioria, identificada a partir da participação de todos, para permitir que uma nova gestão do território seja gestada. (ETGES, 2003, p. 68).

Conforme Correa, Silveira e Kist (2019), o conceito de Desenvolvimento Regional não é fechado, pela sua densidade e polissemia, requer muitas análises, sobretudo bem aprofundadas de suas particularidades, mas que, de modo geral, ele é pontuado por diversos atores. Em virtude disso, apresenta

conflitos de interesses entre os distintos atores envolvidos, com interação dos componentes endógenos frente aos exógenos, com a assimilação dos mesmos.

As discussões no âmbito da Educação do Campo e Desenvolvimento Regional vêm tomando grandes frentes nos últimos anos, visto ser importante a educação, sobretudo do campo, no desenvolvimento regional. Pantoja e Pinto (2012) trazem sobre o trabalho e educação na perspectiva voltada ao Desenvolvimento Regional, havendo a necessidade de uma compreensão pensada a partir das questões produtivas locais, levando em consideração as formas de organização social e espacial.

O desenvolvimento tratado aqui está especificado ao desenvolvimento na perspectiva popular, dos Agricultores Familiares Camponeses, da sustentabilidade do campo, da agroecologia. Esse desenvolvimento não está limitado aos aspectos meramente econômicos. Cepal (1990) reforça uma visão ampliada do conceito de desenvolvimento, associando-o aos princípios da equidade, menos homogêneo, promovendo um desenvolvimento que respeite as diversidades socioculturais das populações.

Por conseguinte, pensar a ausência do desenvolvimento não somente como um problema meramente econômico, segundo Garcia-Marirrodiga e Puig-Calvo (2010), mas como uma questão que deve ser analisada de maneira mais abrangente. Essa percepção permitiu que o conceito fosse adjetivado – local, sustentável, ecológico, humano, para dar conta dos mais diversos tipos de cenários encontrados (MALUF, 2000).

2.3 O campo e a cidade, e suas relações no contexto atual

Nos últimos anos, o campo e a cidade passaram por inúmeras transformações, dentre elas, as chamadas Regiões Produtivas Agrícolas - RPAs, sendo os novos arranjos territoriais agrícolas presentes, escolhidos para receber os mais expressivos investimentos produtivos inerentes ao agronegócio globalizado, representando suas áreas mais competitivas (ELIAS, 2012).

É indiscutível que no campo, sobretudo na década de 1960 e 1970, o crescimento de cultivares e a chegada das *commodities* aumentou significativamente os índices de produtividade agrícola por meio da modernização da agricultura no Brasil, que, de acordo com COSTA (2019, p. 37):

Essa inserção do Brasil nesse processo de industrialização da agropecuária se deu aos poucos e não se restringiu à transferência de tecnologia e à implementação de uma “nova agricultura” somente. Pois, com um nível de analfabetismo alto e com resquícios muito fortes dos quase quatro séculos de escravidão, em que se praticava uma agricultura exportadora de culturas basicamente demandantes de mão de obra braçal, de larga escala (algodão, café, cacau, charque, açúcar...) era preciso, com o emergir do século XX, produzir trabalhadores aptos a seguirem essa cartilha “modernizante” e implementar os pacotes tecnológicos oferecidos pelas grandes empresas do setor.

Em relação às RPAs, Elias (2012) enfatiza que são os territórios produtivos globalizados. A terminologia produtivo não significa necessariamente a produção em si, ou seja, são compostos também por espaços urbanos escolhidos para receber os mais sólidos investimentos privados, formando, neste caso, os chamados focos dinâmicos da economia agrária, sendo áreas de difusão de vários ramos do agronegócio, obviamente ocasionando os palcos de circuitos superiores do agronegócio globalizado.

Diante desse processo de modernização da agricultura e suas especificidades sobre o campo e a cidade, é importante mencionar a região do VRP, inserida neste contexto voltando à produção de tabaco e seu sistema integrado de produção existente. Vargas e Oliveira (2012) trazem que o VRP representa importante elo na indústria do tabaco no Brasil, representando cerca de 20% da produção nacional, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2007).

Sustenta, nesse caso, uma extensa rede, podendo ser chamada de sistema integrado entre os agricultores e as empresas que são transnacionais. Grande parte dos municípios dessa região integram-se a esse modelo produtivo, substancialmente dependente das atividades associadas ao tabaco e aos setores que ligam a produção, criando barreias consideráveis para a substituição ou agregação de outras culturas a esse setor. Segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil - Afubra, a produção do tabaco na região existe há décadas, e que, obviamente, com o passar dos anos, apresentou-se um aumento significativo em relação à década de 1990.

Na região, em absolutamente todos os municípios, o cultivo do tabaco existe em um modelo produtivo, em que o agricultor fica dependente deste sistema. Nesse modelo, conhecido como sistema integrado do tabaco, o agricultor não possui autonomia sobre sua produção, pois o produto tem

mercado garantido, porém garantia de preço não. Portanto, o agricultor não tem autonomia para negociar o preço sobre o seu produto, muito menos pelos insumos, infraestrutura, máquinas e equipamentos necessários para a realização do plantio. Resumindo: o agricultor “não põe preço em nada”. Além disso, utiliza grandes pacotes tecnológicos para o cultivo, trazendo riscos econômicos, sociais e ambientais com a utilização desses produtos. Santos (1999, p.24) retrata sobre isso:

A primeira coisa que o agricultor de uma área moderna terá de fazer, se quiser sobreviver, é obedecer, como num exército, à palavra de ordem. Poderíamos identificar na figura do servo da gleba, da Idade Média, esses agricultores modernos. Ou seja, são servos de uma ordem global cujo mecanismo conhecem pouco, sabendo, porém, que a obediência é indispensável para continuar presentes. Nesse caso, o lugar para a solidariedade é menor porque o processo de vida, a produção de sua existência, de alguma maneira, supõe preocupações menos altruísticas. Trata-se da tensão da bolsa, do mercado, da necessidade de obedecer às regras de produção, de colheita, de empacotamento. (SANTOS, 1999, p.24).

A profunda integração dos agricultores com o setor do tabaco se apresenta como um exemplo interessante a ser estudado, pois o sistema integrado do cultivo do tabaco na região vem sendo desenvolvido há mais de um século, sempre seguindo o mesmo modelo de produção, gerador de dependência do agricultor pela empresa. Nesse sistema, as empresas do setor realizam contratos com os produtores e fornecem o pacote tecnológico para a produção, como sementes, adubos, assistência técnica especializada e todo o atendimento necessário para desenvolver a atividade. O agricultor adquire o pacote, realiza o plantio, utiliza sua mão de obra e de sua família, além da infraestrutura e do solo disponibilizados para o plantio e tem como garantia a compra da produção pela empresa (GOMES, 2014).

Vê-se, até aqui, uma análise mais voltada para o campo, porém, na cidade, principalmente Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, concentram-se os maiores polos formados por empresas do setor tabagista. Nos arredores dessas empresas, formam-se periferias, onde grande parte da população está ligada a alguma delas através de contratos como safristas. Segundo Silveira (1997), esses trabalhadores safristas podem ser identificados genericamente como aquela parcela do proletariado da população que não possui uma ocupação regular e estável de trabalho e renda, vende sua força de trabalho para as

empresas de tabaco temporariamente, durante o período da safra do decorrente ano, por uma remuneração mensal.

Em Santa Cruz do Sul, a instalação do Distrito Industrial, que fica na periferia urbana, redefiniu o uso do solo nesta área e reorientou a localização industrial. Silveira (1997, p. 24) menciona que:

A criação desse exército industrial de reserva oportunizada pelas inovações tecnológicas e pela racionalização do processo produtivo fumageiro, e reforçada pelas recorrentes migrações de novos trabalhadores nos períodos de grandes safras, só tomará viável a reprodução do capital na medida em que a mobilidade da força de trabalho fique circunscrita a determinados locais, preferencialmente de imediata e funcional mobilização, como as vilas populares próximas ao Distrito Industrial, na periferia da cidade. Assim, a produção da periferia urbana, enquanto lugar da mão-de-obra safrista na cidade, adquire uma função essencial no processo de reprodução e acumulação do capital agrofumageiro. Desta forma, entendemos que a produção da periferia urbana em Santa Cruz do Sul, ao mesmo tempo que reflete a lógica contraditória e excludente do processo capitalista de produção da cidade, reflete também as implicações sociais e espaciais decorrentes dos processos de modernização e racionalização tecnológica requeridos pelos agentes hegemônicos presentes no território.

Desse modo, destaca-se que ao longo do século XX, o processo de urbanização se intensificou tornando a cidade o centro privilegiado, núcleo de espaço político, que passou a estender seus domínios sobre as áreas de seu entorno.

Em relação aos agentes urbanos, de acordo com Furini (2014, p. 18):

O urbano é o conjunto de diversos vetores, dos quais podemos destacar aqueles impulsionados por agentes que geram uma prática urbana em que, embora ocorra em alguma cidade, sua matriz pode estar em um nível diferenciado ao da cidade considerada, podendo fazer parte de um conjunto de ações a partir da articulação de diversas cidades. Redefinem-se formas e funções segundo outra força, a urbanização.

Elias (2012) destaca as relações campo e a cidade trazendo uma visão híbrida de espaço agrário e espaço urbano. Na reestruturação produtiva da agropecuária após a modernização da agricultura, criou certas demandas que até então eram inexistentes. Portanto, essa produção agrícola e agroindustrial intensiva exige que os espaços urbanos próximos aos agrícolas se adaptem para atender as demandas, como as casas de comércio de implementos agrícolas, sementes, grãos, fertilizantes, assistência técnica, serviços administrativos, meteorologistas, veterinária, entre outros, tudo o que é associado ao setor

produtivo para a expansão do consumo do produto agrícola e as demandas da produção existente.

Portanto, sobre campo e cidade e suas relações, Sposito (2006) traz algumas questões que tornam difusa a separação de ambos, considerando que a cidade cresce transformando, muitas vezes, espaços rurais em urbanos. Essa é uma tendência progressiva do perímetro urbano e, em muitos casos, ocorrem as descontinuidades territoriais, proporcionando novos vazios urbanos.

Alentejano (2017) coloca que a relação campo e cidade na sociedade capitalista se apresenta como uma falsa dualidade, pois é o sistema capitalista que coloca a cidade em oposição e hegemonia sobre o campo, projetando este lugar numa posição de subserviência ao capital. É nesse sentido, em muitos casos, que a cidade se torna um atrativo maior aos jovens do campo, devido às comodidades e às facilidades que o sistema impõe.

2.4 Agroecologia e a Agricultura Familiar Camponesa

O debate acerca da produção de alimentos vem ocupando grandes espaços atualmente, sobretudo a agroecologia. Dal Sóglio e Kubo (2009) mencionam que a agroecologia surge com uma grande crítica ao processo de modernização da agricultura, principalmente em relação ao uso de produtos químicos sintéticos (agrotóxicos e adubos), o que causa grande dependência de insumos externos e baixa autonomia dos Agricultores Familiares Camponeses, ocasionando grandes impactos no meio ambiente, na saúde do agricultor, sendo uma prática insustentável.

Muito se discutiu a partir de então sobre o papel do campesinato nesse processo (modernização da Agricultura). Uma corrente significativa de autores estava convicta de que esse segmento da sociedade estaria fadado ao desaparecimento a partir de um processo de diferenciação interna: os que conseguiram obter algum resultado positivo da produção agrícola tenderiam a capitalizar-se, transformando-se em empresários rurais, já os demais por via de endividamentos juntos aos bancos e/ou safras fracassadas, tenderiam a perder o seu meio de produção principal, a terra, transformando-se em trabalhadores assalariados. E assim a homogeneização do território, através da disseminação da marca da acumulação capitalista, estaria completa. Essa homogeneização, entretanto, apesar de sua força, não tem conseguido dismantelar os sistemas de cultivo e o modo de vida dos camponeses em diferentes regiões do mundo, em particular do Brasil. (ETGES, 2008, p. 140).

Caporal e Azevedo (2011) colocam que, na agroecologia, não existem pacotes tecnológicos na produção, mas princípios que podem ser adotados de forma articulada e organizada, redesenhando o ecossistema. A agroecologia integra os saberes históricos dos agricultores camponeses com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar e holística.

Pozzebon (2015) traz a agroecologia como o resgate e valorização do saber popular, de forma dialógica e horizontal, ocasionando um diálogo de saberes entre a prática com o saber científico. Além disso, apresenta a agroecologia com uma perspectiva de fortalecimento da autonomia por parte dos agricultores, por meio do uso de tecnologias alternativas e adaptadas a sua realidade, aproveitando os recursos naturais disponíveis em sua propriedade, atuando de forma contextualizada do local ao regional.

Na Agroecologia, o agricultor deixa de perguntar “O que faço?” E passa a questionar “Por que ocorre?”. Simplesmente ao reorientar o tipo de pergunta diante de um problema técnico em seus cultivos, ele muda a sua atitude em relação à forma de praticar a agricultura. Em vez de receber receitas técnicas prontas, passa a observar, pensar e experimentar. Com o tempo ele começa a produzir melhor que a agricultura convencional e ganha autoconfiança. E é assim que ele se dá conta de que é produtor de alimentos junto com a natureza. (PRIMAVESI, 2008, p. 10).

Altieri (1998) menciona que a agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda, tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios, segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e à avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo, ou seja, a agroecologia perpassa pelo todo, pela vida. Vê-se quão abrangente é a agroecologia na Figura 3.

Figura 3 – O ciclo construtivo da Agroecologia



Fonte: Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2022.

Nesse contexto, pode-se perceber o quanto a agroecologia é abrangente, indo muito além das questões produtivas, valorizando os aspectos culturais, a biodiversidade, a inclusão com o fortalecimento da juventude rural e a igualdade de gênero, com a participação da mulher, havendo um equilíbrio de todo o processo de forma horizontal, ligada uma à outra. Não se pode deixar de mencionar o trabalho das EFAs em relação à agroecologia. Pozzebon (2015) coloca que a agroecologia está intrínseca na proposta de formação da Efasc, cujo processo formativo sobre a importância da agroecologia envolve o jovem, a família e a propriedade/comunidade.

Na perspectiva mais teórica, Costa (2019) traz alguns autores considerados clássicos por grande parte dos estudiosos da agroecologia no Brasil, como Adilson Paschoal, Luiz Carlos Pinheiro Machado, Ana Maria Primavesi, José Lutzenberger, Sebastião Pinheiro e João Carlos Costa Gomes, que influenciaram e ainda influenciam a agroecologia no Brasil. A agroecologia trata-se de uma longa e árdua luta histórica, que iniciou como agricultura

alternativa, posteriormente, agricultura ecológica e, hoje, afirmada e reconhecida como agroecologia (COSTA, 2019).

Nesse caso, pode-se dizer que a agroecologia é um grande guarda-chuva teórico-prático, composto por diferentes áreas do conhecimento que valoriza os conhecimentos locais, relacionando-os à vida entre os seres humanos e o meio ambiente. A agroecologia é um processo de transição de forma gradual e de informação para que os agricultores incorporem e tenham ciência da importância da produção de base ecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Portanto, a agroecologia segue outra proposta em relação à modernização da agricultura, valorizando os conhecimentos e o saber local, conforme diz Santos (1999), pois na agroecologia, o saber local é nutrido pelo cotidiano, sendo uma ponte para a produção de uma política partindo do local, fortalecida pela sua base.

Costa (2019) enfatiza a agroecologia como uma possibilidade de resistência ao capitalismo agropecuário e às injustiças socioambientais dele derivadas, dando o direito ao consumidor de escolher os alimentos, trazendo luz à agricultura familiar, que, muitas vezes, está alinhada ao sistema integrado do tabaco, onde a agroecologia vem se apresentando como uma grande possibilidade de construir outro paradigma de desenvolvimento do campo no mundo.

À medida que o processo avança, as articulações e as organizações da sociedade civil trazem à tona o debate relacionado aos impactos ambientais desse sistema de produção integrado de monocultivos, pelo uso de produtos altamente tóxicos em uma escala altamente imensurável e extremamente predatória do meio ambiente. Nesse sistema de produção, a agroecologia conquista espaço no debate agrário, bem como se firma em uma perspectiva diferenciada de pensar a agricultura (COSTA, 2019).

No que tange à agroecologia, fica exposto, nesse caso, o grande papel e a importância da Agricultura Familiar Camponesa na produção de alimentos saudáveis, na preservação do meio ambiente e dos recursos naturais, sobretudo, promovendo qualidade de vida por meio da agroecologia. Mas, antes disso, é importante trazer algumas particularidades da Agricultura Familiar Camponesa, que, segundo Petersen (2009, p. 92):

A agricultura familiar camponesa sempre foi mal compreendida. Ela vem sendo comumente definida como um anacronismo histórico, uma vez que não possuiria meios para superar os limites técnicos subjacentes aos recursos que têm à disposição para trabalhar. Com base nessa suposição, acredita-se que o seu futuro está condenado a ser uma repetição ininterrupta do seu passado. Por essa razão, o desaparecimento do campesinato, como vem sendo profetizado há mais de um século, seria uma consequência lógica do avanço da agricultura capitalista e da modernização tecnológica a ela associada. No entanto, os camponeses não só vêm contrariando esses prognósticos com a sua permanência durante todo o período da modernização, como os desafia com o desenvolvimento de novas formas de auto recriação diante do avanço físico e político-ideológico da agricultura empresarial capitalista em pleno século XXI. A defesa da vigência histórica da agricultura familiar camponesa nos dias de hoje ainda é muito frequentemente interpretada como uma tendência do idealismo utópico. Mas essa vigência vem sendo construída no dia-a-dia pelo próprio campesinato, por meio de lutas silenciosas pelo controle de frações do território com vistas a reduzir o poder de apropriação das riquezas socialmente geradas pelo capital industrial e financeiro ligado ao agronegócio.

Em termos de representatividade para acesso às políticas públicas, tem-se apenas a Agricultura Familiar em foco, mas que complementa, nesse caso, a Camponesa. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA (2016), a Agricultura Familiar diz respeito aos sujeitos caracterizados na Lei 11.326/06, que reconhece a Agricultura Familiar como segmento produtivo e representa um novo marco para as políticas públicas destinadas ao desenvolvimento rural, desde a fase de elaboração até a implementação, execução e gestão de recursos. Estabelece como parâmetro o agricultor ou agricultora familiar que não tenha propriedade maior do que quatro módulos fiscais, que utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu empreendimento, que tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento, entre outros. Também se acrescenta os silvicultores(as), aquicultores(as), extrativistas artesanais, pescadores(as), povos indígenas, integrantes de comunidades Quilombola e demais povos e comunidades tradicionais. Todos incluídos pela lei n 12.512, de 2011 (BRASIL, 2016).

Costa (2019) fala sobre a importância da defesa do conceito de Agricultura Familiar Camponesa na construção de pautas e agendas conjuntas, na busca de fortalecer o campo, responsável pela produção de alimentos que vão à mesa dos brasileiros todos os dias, que conserva o que resta das matas, bem como a água, a fauna e a flora rica e diversa do País.

Não se pode deixar de mencionar que, muitas vezes, os conceitos ligados à Agricultura Familiar (inclusive citados em trabalhos acadêmicos) são como se ela fosse apenas uma reprodução em menor escala do agronegócio, ou seja, o agronegócinho, conforme destaca Oliveira (2007 p. 148): “Para os camponeses e também para os chamados de agricultores familiares só há um lugar submisso neste projeto: integrarem-se às cadeias produtivas do agronegócio, tornarem-se empreendedores, fazendo de sua produção agropecuária, um agronegócinho”.

Abramovay (2007) faz uma distinção entre agricultura de base familiar e a agricultura camponesa:

Uma agricultura familiar, altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais não pode ser nem de longe caracterizada como camponesa. Apesar da base familiar comum, é intransponível a distância social entre um suinocultor da Comunidade Econômica Européia, cuja renda depende em última análise dos acordos estabelecidos em Bruxelas, e uma família rural na Índia, cuja reprodução social apóia-se em laços de dependência comunitária e cuja ligação com o mercado mistura-se com um conjunto de relações de pessoa a pessoa. É possível uma distinção conceitual entre essas duas formas fundamentais de produção familiar? A resposta a tal questão na primeira parte do trabalho é afirmativa, mas condiciona-se a que se busque a raiz da diferença fundamentalmente no ambiente social, econômico e cultural que caracteriza cada uma delas. A própria racionalidade da organização familiar não depende - é o que se verá - da família em si mesma, mas, ao contrário, da capacidade que esta tem de se adaptar e montar um comportamento adequado ao meio social e econômico em que se desenvolve. (ABRAMOVAY, 2007 p. 33).

Segundo Fernandes (2001), o agricultor familiar que utiliza os recursos técnicos e está altamente integrado ao mercado não é um camponês, mas, sim, um agricultor familiar. Nesse caso, pode-se afirmar que a agricultura camponesa é familiar, mas nem toda a agricultura familiar é camponesa, ou que todo camponês é agricultor familiar, mas nem todo agricultor familiar é camponês.

A agricultura camponesa é menos dependente dos mercados para o acesso a insumos e outros meios de produção. Para ela, esses *meios e insumos* são parte integrante do estoque disponível de capital ecológico. Não são adquiridos nos mercados como acontece na agricultura empresarial. Sendo assim, a agricultura camponesa é de fato autossuficiente (ou auto abastecida). Consequentemente, a produção camponesa visa: a) a reprodução, a melhoria e a ampliação do capital ecológico; b) a produção de excedentes comercializáveis (por meio do uso do capital ecológico disponível); e c) a criação de redes e arranjos institucionais que permitam tanto a produção como sua reprodução. (PLOEG, 2009, p.20).

Tem-se que levar em consideração que a agroecologia na Agricultura Familiar Camponesa, com o decorrer dos anos, vem se fortalecendo, sendo uma grande oposição a esse sistema homogeneizador, decorrente da modernização da agricultura. Na agroecologia, os agricultores são sujeitos de sua própria história, são autônomos em suas atividades, possibilitando criar redes associativistas e cooperativistas, promovendo renda e qualidade de vida para a sua família, preservando o meio ambiente e os demais recursos naturais.

Portanto, a Agroecologia e a Agricultura Familiar Camponesa estão totalmente interligadas diante do contexto apresentado. Obviamente, conceituar a agroecologia não é uma tarefa fácil, aliás, será praticamente impossível sua conceituação, visto que a dimensão e a atuação da agroecologia nos territórios e região resulta em uma amplitude. Porém, nessa breve contextualização, percebe-se claramente a importância da agroecologia e sua relação com a Agricultura Familiar Camponesa.

No próximo capítulo, após esta explanação das bases teóricas, será dada uma ênfase maior para a PA, desde a sua origem na França, até a vinda ao Brasil e ao RS, bem como suas conceituações, a Rede Ceffas e os quatro pilares, a fundação da Aefasol no ano de 2012 e o início das atividades da Efasol no ano de 2014.

3. PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: OS QUATRO PILARES DOS CEFFAS, A AEFASOL E A EFASOL

Neste capítulo, será apresentado um breve contexto histórico da PA, desde seu início na França, sua chegada ao Brasil e ao RS. Após essa trajetória mais histórica, serão conceituados os quatro pilares dos Ceffas e a criação da Aefasol, bem como o início das atividades da Efasol no Município de Vale do Sol – RS.

3.1 Os Centros Familiares de Formação por Alternância e a Pedagogia da Alternância

Os Ceffas consagram diversas instituições que trabalham com a PA no mundo. O modelo de ensino existente atualmente na Efasol é baseado nos princípios da PA. A Escola também segue os princípios e finalidades dos Ceffas, que serão apresentados a seguir. Antes disso, com o objetivo de contextualizar a PA, apresentar-se-á um pouco da sua história no mundo, até sua chegada no território nacional e gaúcho.

3.1.1 Contexto histórico da Pedagogia da Alternância

Ao trazer uma ênfase mais histórica sobre o surgimento da PA, não se pode deixar de mencionar o sacerdote francês, Padre Granereau (Abbé Pierre-Joseph Granereau), nascido em 02 de janeiro de 1885, filho de agricultores e militante do sindicalismo camponês, que criou, em 1935, a primeira Casa Familiar Rural (ou Escola Família Agrícola) pelo sistema da alternância, interligando, de forma orgânica e pedagogicamente, o espaço escolar com o extraescolar. Durante sua longa vida de 102 anos, muito lutou para aperfeiçoar, defender e difundir, na França e no mundo todo, esse novo sistema de ensino, diferente do modelo escolar urbano tradicional. O padre Abbé Pierre-Joseph Granereau, em sua obra, O livro de Lauzun³, um verdadeiro diário, escrito aos

³ Publicado recentemente (2020), O livro de Lauzun: Onde começou a Pedagogia da Alternância, de autoria de Abbé Pierre-Joseph Granereau, organizado por Elenilce Gomes de Oliveira e

poucos, reúne notas, observações, análises, propósitos e projetos, além de narrar encontros com agricultores, autoridades, técnicos, momentos de conquistas e frustrações. Tudo referenciado à criação e expansão das escolas da Pedagogia da Alternância, as *Maisons Familiales Rurales* – MFR (GRANEREAU, 2020).

O livro testemunha, em marca d'água, a revolta do mundo camponês europeu dos anos de 1930, considerado atrasado, ultrapassado, que simplesmente devia ser abandonado, esquecido. Só a cidade representava o desenvolvimento, a modernidade, o progresso, a ciência, a tecnologia e a boa escola. Hipocritamente, a sociedade em geral simulava (e simula) simpatia para o homem do campo, mas, no fundo, o subestimava, o desprezava, enquanto se apropriava de seus deliciosos e essenciais produtos em troca de quinquilharias: entre essas, uma pobre escola enaltecida dos valores urbanos. A maior tristeza para o autor era perceber que a própria sociedade camponesa acreditava nessa falácia continuamente repetida: teu filho é inteligente; é preciso não deixá-lo atrás das vacas... é preciso pô-lo para estudar... será melhor que tu... Ele terá um belo futuro. E, sempre crentes, os pais confirmavam: - Nosso filho é inteligente, faremos dele um sábio. Infelizmente, ele aprenderá tudo, exceto a ciência da terra. (...). Partindo para estudar no grande centro urbano, o jovem camponês tornava-se quase sempre orgulhoso de si próprio e, rapidamente, passava a olhar de cima para baixo aqueles que continuavam muito 'bestas' permanecendo no campo. Quantas vezes, ele próprio envergonhou-se de sua origem! Dessa forma, o mundo rural estava sendo usurpado do que tinha de melhor em inteligência e de suas potenciais lideranças. Os sindicatos, as escolas, as empresas, os bancos, o comércio, os serviços das modernas cidades industriais preparavam, de diferentes maneiras, seus quadros intelectuais orgânicos, seus administradores, chefes, operadores, enquanto o campo só 'ensinava' a labuta de sol a sol, isto é, só ensinava aos jovens camponeses que seu destino era de serem explorados sem reagir, sem projetar para si um moderno desenvolvimento próprio. (GRANEREAU, 2020, p. 12-13).

O sacerdote, na época, criou uma escola camponesa própria, de elevada qualidade moral e técnica, para formar uma nova cepa de dirigentes, que liderassem o desenvolvimento do território camponês, quebrando a atávica submissão econômica, política, social e cultural à cidade. Para colocar em prática esse projeto, agarrou-se nas duas maiores instituições na época: a Igreja Católica e o Estado. Transformou sua casa paroquial numa escola, onde ministrava, com a ajuda de um monitor, aulas em tempo integral durante oito

Enéas de Araújo Arrais Neto, traduzido por Antônio João Mânfió, João Estáquio Romão, Atico Fassino e Thierry Burghgrave, revisado por Paolo Nosella, Thierry Burghgrave e João Batista Begnami.

dias, em regime de internato, para quatro jovens (sem autorização legal no início). Adaptava o calendário escolar ao ritmo da lavoura. Ao retornarem para as suas casas, os jovens participavam do trabalho do campo com a família, mas também havia horas diárias de estudo, seguindo orientações do educador e do professor. No mês seguinte, retornavam à casa paroquial (escola) para a segunda sessão de aulas. Isso aconteceu em Sérignac-Pédoudou, o berço dessa iniciativa (GRANEREAU, 2020).

E, assim, nasce a PA, por intermédio da escola camponesa, a ciência e a técnica no trato da terra. Granereau (2020) destaca que, mesmo com as conquistas modernas da ciência e da tecnologia, devia-se somar a sabedoria acumulada pelos agricultores ao longo de toda a história. A casa paroquial ficou pequena, precisou mudar para a cidade de Lauzun, na França, onde pouco a pouco o Projeto Político Pedagógico se refinou, integrando cultura geral, ciência e tecnologia, com o apoio da Associação, formada por pais agricultores camponeses. Logo, o processo de expansão começou. A *Maison Familiale Rurale* não podia mais ficar isolada em Lauzun, pois outra escola nos mesmos moldes foi solicitada pela Associação em Vétraz-Monthoux, levando à criação de novas escolas. Dessa forma, surgiu a necessidade de criar um Centro Pedagógico Nacional para a formação de professores, produção de pesquisas e material didático, que levou à expansão desse modelo por toda França, Europa, África, Américas e também Ásia (GRANEREAU, 2020).

A abordagem educativa chamada de PA, propõe um objetivo diferenciado ao processo educacional tradicional, podendo ser utilizada por jovens ou adultos, e o sujeito fica em constante alternância entre o local de aprendizado teórico e o local de aprendizado prático, ou seja, entre a escola e a propriedade/comunidade.

A Pedagogia da Alternância destaca situações que permeiam sua efetivação. Essa experiência educativa articula diferentes espaços e tempos educativos, teoria e prática, ensino e pesquisa, trabalho e educação, escola e comunidade visando garantir o direito à educação dos sujeitos do campo. A Pedagogia da Alternância, enquanto proposta educacional enfrenta desafios para garantir que os jovens do campo cursem os diferentes níveis e modalidades de ensino, uma vez que ela tem por objetivo assegurar a formação humana desses sujeitos e o desenvolvimento do campo com sustentabilidade. (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 115).

A PA foi utilizada para nortear os primeiros passos de uma proposta diferenciada de ensino e aprendizagem, que possibilita ao jovem acessar o estudo sem se afastar do meio em que vive, podendo relacionar os saberes científicos com os saberes populares, de sua vivência cotidiana. Diferente das escolas técnicas tradicionais, em que o jovem acaba perdendo o contato direto com sua família, da sua realidade de modo geral, durante seu processo de formação, sendo, assim, um gargalo encontrado no ensino tradicional.

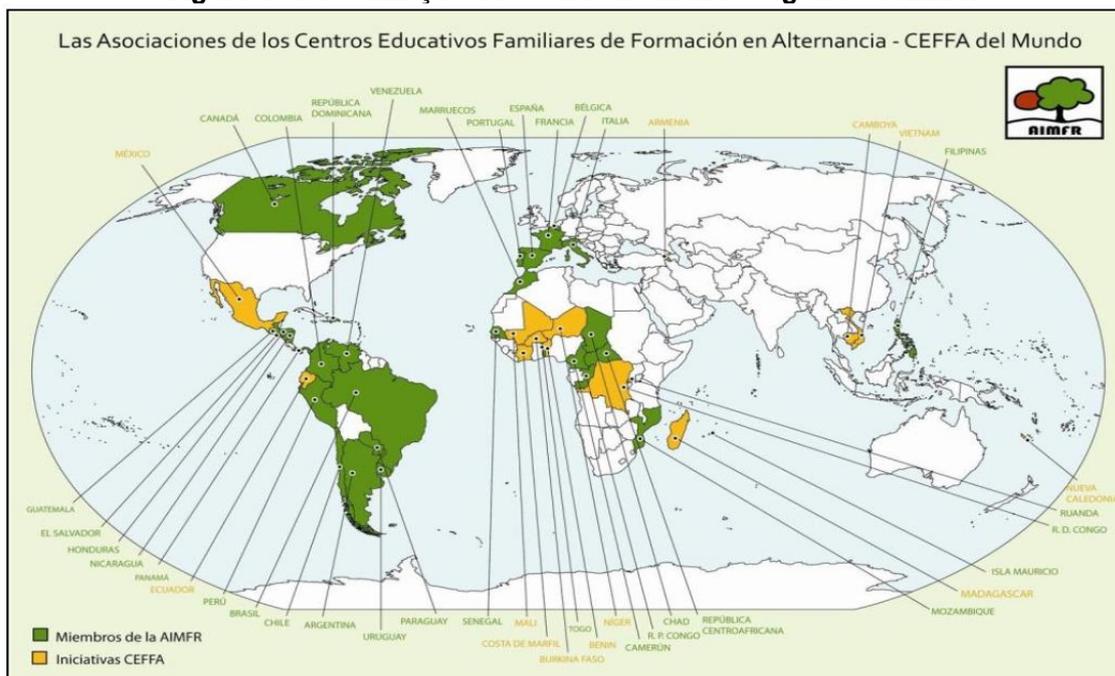
Conseqüentemente, na França, a experiência foi denominada de MFR, como já mencionado. Segundo Begnami (2003), foi um processo histórico longo e sofrido para os movimentos sociais. Foi fruto de uma estratégia de organização de agricultores, cujos objetivos principais eram a discussão do contexto social, a transformação da sociedade francesa, além de discutir a organização profissional e os problemas enfrentados no campo, organizando os agricultores por intermédio de sindicatos e cooperativas, transformando as mentalidades por meio de um processo educativo permanente.

De acordo com BEGNAMI (2003, p. 23):

A primeira MFR foi instituída oficialmente em 17 de novembro de 1937 em Lausun, sede do Cantão, Departamento Francês de Lot-et-Garone. Isto, depois de longas reflexões e múltiplos entendimentos a partir de avaliações feitas pelas famílias envolvidas na experiência iniciada em Sérignac-Péboudout no ano de 1935.

De acordo com Costa (2012), com o crescimento da PA no mundo, em 1975, em Dakar, no Senegal, entre os dias 12 a 16 de maio, foi criada a Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural - AIMFR. Os países que compuseram a referida Associação estão ilustrados na Figura 4.

Figura 4 - A localização das Ceffas no mundo segundo a AIMFR



Fonte: AIMFR, 2021.

García-Marirrodiga e Puig-Calvó (2010, p. 47-51) destacam a abrangência e os objetivos da AIMFR:

[...] escolas (mais de 1.300 distribuídas por mais de 40 países da África, América, Ásia, Europa e Oceania), envolvem em processos de desenvolvimento local a mais de 150.000 famílias rurais. (...) Os objetivos da AIMFR são: Fortalecer e promover o desenvolvimento dos CEFFAs no mundo; Representar os interesses dos CEFFAs ante os organismos supranacionais e internacionais e estabelecer relações com eles; Difundir ante a opinião pública – especialmente nos âmbitos rurais, profissional e familiar – princípios dos CEFFAs definidos em seus estatutos e velar por sua correta aplicação; Assegurar as relações e intercâmbios de experiências e de matérias educativo entre os CEFFAs de todo o mundo; Criar serviços comuns para o bom desenvolvimento da Associação, especialmente um serviço central de informação e de investigação pedagógica.

A PA parte do princípio de alternar, ou seja, o jovem permanece um período em sua casa e/ou propriedade e o outro, na escola. Nesse caso, alternando seus momentos de formação relacionando sua realidade (família, propriedade, comunidade) e a escola, rompendo o paradigma de que somente a escola tem o papel ou a responsabilidade pela educação das pessoas, não levando em consideração a realidade do jovem e suas condições de vida. Portanto, é de suma importância conhecer o espaço onde está inserido e as pessoas de seu convívio.

Esse sistema de ensino se transformou em um movimento em nível mundial. Em poucos anos, chegou ao Brasil, por volta de 30 anos depois das primeiras experiências no exterior. Na América Latina, o Brasil é o primeiro país a desenvolver essa nova experiência no sul do Estado de Espírito Santo, em 1969, tendo as experiências italianas como interlocutoras para a sua implantação (BEGNAMI, 2003).

O Padre Jesuíta, Italiano, Humberto Pietrogrande foi um dos atores importantes na vinda da Pedagogia da Alternância para o Brasil. Junto a um grupo de agricultores, lideranças religiosas e políticas cria o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), o qual fica encarregado de fomentar a criação e prover financeiramente as EFAs. Hoje são 18 EFAs em funcionamento no Espírito Santo ligadas diretamente ao MEPES. Nota-se que esta entidade será referência para o processo de expansão no Brasil. (BEGNAMI, 2019, p. 115).

A expansão das EFAs em território nacional ocorre por várias iniciativas, influenciadas, principalmente, pelas comunidades ligadas à Igreja Católica e Luterana, aos movimentos sindicais e de trabalhadores rurais. Atualmente, são 12 Associações Estaduais constituídas por agricultores que se filiam às Associações Locais de cada EFA. As Associações Regionais são sócias da Unefab, entidade civil, criada em 1982, em Jaguaré, no Estado do Espírito Santo (BEGNAMI, 2019).

De acordo com BEGNAMI (2004, p. 4):

As primeiras iniciativas de criação de EFAs no Espírito Santo se desenvolveu junto aos agricultores, empobrecidos pela política do intervencionismo econômico estatal que excluía a agricultura familiar em detrimento da grande empresa agrícola moderna (...) Para operacionalizar o projeto EFA, cria-se o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES, que é fundado em abril de 1968 como entidade civil mantenedora, filantrópica e sem fins lucrativos. Uma organização de inspiração cristã, sensibilizada pela situação grave de crise econômica e social que passavam os agricultores do sul daquele estado (...) A experiência inicia, tendo como referência inspiradora as escolas de alternância da Itália e como apoiadores financeiros, entre outros, a Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo – AES – uma ONG criada na Itália para ajudar no processo de implantação e manutenção (das EFAs) (...) São criadas três EFAs de uma só vez, no ano de 1969, quais sejam: Olivânia, Alfredo Chaves e Rio Novo do Sul.

De outro lado, na região sul do Brasil, no ano de 1987, surgem as Casas Familiares Rurais - CFRs, que, segundo Begnami (2019), foram apoiadas pela União Nacional das Maisons Familiares Rurales de Educação e Orientação – Unmfreo e, mais tarde, passaram a ser organizadas pelas Associações Regionais das Casas Familiares Rurais - Arcafar (BEGNAMI, 2019).

Observa-se que o processo de expansão das EFAs e das CFRs, em todo território nacional, foi significativa. Segundo os dados do Censo Escolar (INEP, 2019), na Educação Básica, apontam um total de 437 instituições escolares que se organizam em alternância no Brasil, sendo 178 na esfera/categoria estadual, 160 comunitárias, 85 municipais e 15 federais. O total de Ceffas existentes no Brasil é de 231, sendo 156 EFAs e 75 CFRs (BENÍSIO; COSTA, 2019).

No RS, mais especificamente no VRP, região central do Estado, inicia-se um movimento, em 2008, para a criação de uma EFA voltada aos jovens do campo, que utilizaria a PA como sistema educativo. Em 2009, foi fundada a Efasc (COSTA, 2012).

No RS, a PA chega como proposta de ensino a ser ofertada, inicialmente, pelas CFRs, as quais atuam no Estado desde o ano de 2002. Uma delas é a Casa Familiar Rural Santo Isidoro, localizada no Município de Frederico Westphalen, na localidade de Linha Faguense, na região norte do Estado. Ofertante da formação de Ensino Médio, a instituição está ligada à Arcafar, filiada à Arcafar – SUL. No total, são seis CFR no Estado do RS (BENÍSIO; COSTA, 2019).

Vale lembrar que, anteriormente, havia um centro de formação de jovens, chamado de Centro de Formação do Jovem Rural - Cedejor, localizado em Linha Albardão, Município de Rio Pardo/RS, vinculado ao Instituto Souza Cruz, que também trabalhava com a PA. Porém, não havia nenhum vínculo com a Rede Ceffas, pois seus objetivos e finalidades não compactuavam com os princípios desta Rede. No entanto, o Cedejor não fez parte da Rede (VERGUTZ, 2013).

Portanto, no dia 01 de março de 2009, foi criada a primeira EFA do RS e do Sul do Brasil, a Efasc. Desde então, ela vem realizando um trabalho voltado aos jovens do campo, filhos e filhas de agricultores familiares da região do VRP (POZZEBON, 2015).

O processo de implantação da EFASC aconteceu em 2008, a partir da fundação da AGEFA – Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas, compreendendo uma forte mobilização regional, e desencadeando diversos encontros, seminários e intercâmbios com as EFAs do ES, MG e BA, além de reuniões com as instituições locais e com as comunidades rurais que acabaram por dar legitimidade à implantação da escola. Contribui para isto o fato de que a região contava com poucas opções de ensino médio técnico agrícola, sendo marcada pelo forte êxodo rural, em especial da juventude, bastante expressiva na região. Situação está similar ao ocorrido na França na década de 30. (POZZEBON, 2015, p. 76).

Na época, a Cooperativa Sicredi da região do VRP foi fundamental para a criação da Agefa e, posteriormente, da Efasc, pois garantiu o financiamento para o processo de implantação da Escola, custos iniciais, além de promover, em nível regional, uma importante discussão com os associados e, mais especificadamente, com os agricultores. O objetivo dessa discussão era promover parcerias e demais relações institucionais com as prefeituras da região, cooperativas, associações, sindicatos, entre outras entidades que possuem vínculo com os agricultores e com a juventude do campo, promovendo e articulando parcerias para financiamento e divulgação da Efasc (COSTA, 2012).

Mais de dez anos de história se passaram, porém, antes da fundação da Efasc, muitos desafios foram percorridos. Afinal, implantar algo novo numa região onde as experiências mais próximas eram em outros estados propiciou muita resistência, persistência e coletividade, pois a EFA se faz no coletivo, trabalho em conjunto, envolvendo os jovens, famílias, associação e monitores, processo com o qual todos ganham.

Com a criação da Agefa, em 28 de julho de 2008, o processo de expansão das EFAs começou em 2011 e 2012, por intermédio de parceiros, simpatizantes e pessoas que tinham interesse ou ouvido falar em EFA ou PA e que se identificaram com o trabalho realizado pela Efasc. Sendo assim, a expansão começou a ser colocada em prática. Em virtude disso, no ano de 2012, a Agefa passou a assumir a função de representação das EFAs a nível estadual, agregando novas EFAs no Estado, bem como realizando o papel de assessoria nas articulações para a criação/fundação de novas escolas no Estado do RS (VERGUTZ, 2013).

Após a fundação da Efasc, outras escolas foram implantadas no Estado, a Efaserra e a Efasol (POZZEBON, 2015). Mais recentemente, foi fundada a Efasul, no ano de 2016.

Para melhor sintetizar, apresenta-se a figura 5 a seguir, com as representações das EFAs internacionalmente, nacionalmente e em escala estadual e, após, na tabela 1, as informações de municípios de abrangência, número de estudantes e egressos, em 2021, das EFAs no Estado do RS.

Figura 5 - A estrutura organizativa das Escolas Famílias Agrícolas



Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

Na figura acima, fica exemplificado como funciona o movimento em nível mundial, desde a base, por intermédio das associações locais, em cada município sede das EFAs, a associação estadual, com a Agefa, sendo uma representação estadual das EFAs do RS, a Unefab, como representação nacional e, por fim, a AIMFR, representando o movimento mundialmente.

Observa-se também o processo que envolveu a criação de novas EFAs no Estado, com demandas que partiram dos agricultores camponeses para os agricultores camponeses, ao longo de uma história que existe há mais de 85 anos no mundo, no Brasil, há mais de meio século, e no RS, seguindo o modelo de EFAs, há 13 anos. Portanto, foram inúmeros estudos, lutas, resistência, resiliência e coletividade nesse processo.

A tabela 1, a seguir, traz uma relação das EFAs no RS bem como os municípios de abrangência, números de estudantes e número de egressos de cada escola, demonstrando, assim, a grandiosidade do movimento Ceffas no Estado.

Tabela 1 - Relação das Escolas Famílias Agrícolas no Rio Grande do Sul

Nome EFA	Municípios de abrangência	Número estudantes⁴	Número egressos
Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – Efasc	11 ⁵	107	254
Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha – Efassera	28 ⁶	153	68
Escola Família Agrícola de Vale do Sol – Efasol	16 ⁷	74	78
Escola Família Agrícola da Região Sul – Efasul	8 ⁸	27	36
	63 municípios ⁹	361 Estudantes	436 Egressos

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Pode-se observar que as EFAs possuem uma grande abrangência no Estado, com mais de 360 estudantes, sendo que, desde o primeiro grupo de formandos em 2011 até o momento, possui mais de 430 egressos, jovens filhos e filhas de Agricultores Familiares Camponeses do RS.

4 Estudantes devidamente matriculados no 1º, 2º e 3º ano (2021).

5 Boqueirão do Leão, Cachoeira do Sul, General Câmara, Herveiras, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz.

6 Alto Feliz, Antônio Prado, Barão, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Bom Jesus, Brochier, Campestre da Serra, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Cotiporã, Dois Irmãos, Farroupilha, Feliz, Flores da Cunha, Garibaldi, Ipê, Jaquirana, Linha Nova, Monte Belo do Sul, Nova Roma do Sul, Pinto Bandeira, Protásio Alves, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes, São Marcos, São Sebastião do Caí e Vacaria.

7 Agudo, Arroio do Tigre, Candelária, Cerro Branco, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Novo Cabrais, Paraíso do Sul, Passa Sete, Salto do Jacuí, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Vale do Sol e Vera Cruz.

8 Amaral Ferrador, Canguçu, Cristal, Eldorado do Sul, Herval, Hulha Negra, Pelotas e Piratini.

9 Os municípios de Herveiras, Sinimbu e Vera Cruz, tem estudantes na EFASOL e na EFASC.

3.1.2 Os quatro pilares dos Centros Familiares de Formação por Alternância

Segundo Begnami e De Burghgrave (2012), Ceffa é uma nomenclatura brasileira, elaborada numa reunião em 2001, na cidade de Puerto Iguazú/Argentina, em um Seminário Latino-Americano da PA. Inicialmente, pensou-se em uma instituição jurídica para articular as distintas experiências de formação por alternância no Brasil, mas esta ideia de formalização não foi adiante, permanecendo a figura de um fórum político e pedagógico, representativo das EFAs, Casas CFRs e Escolas Comunitárias Rurais - ECORs.

Mas uma questão importante é, segundo Begnami (2019), que o termo Ceffa é incorporado no Estatuto Social da AIMFR¹⁰, no IX Congresso Internacional, realizado em setembro de 2010, no Peru. No artigo 4º, Ceffa passou a expressar uma diversidade de nomenclaturas presentes hoje em mais de 40 países do mundo, nos cinco continentes.

Os princípios dos Ceffas são: Alternância Educativa, que permite uma formação associada; a participação das famílias na gestão e funcionamento cotidiano de cada Ceffa e, por extensão, seu papel principal no desenvolvimento do meio rural; a promoção pessoal e coletiva do meio mediante a educação integral das pessoas para favorecer a animação social e cultural por meio da formação permanente; a autêntica Associação de base (GÁRCIA-MARIRRODRIGA; PUIG-CALVÓ, 2010).

Os Ceffas têm como proposta promover a formação integral dos filhos e filhas de agricultores familiares, contribuindo em sua formação técnica e cidadã, havendo grande relação entre o jovem estudante, a escola, sua família e a comunidade de modo geral. A PA possibilita essa constante relação, conforme traz Costa (2012, p. 17):

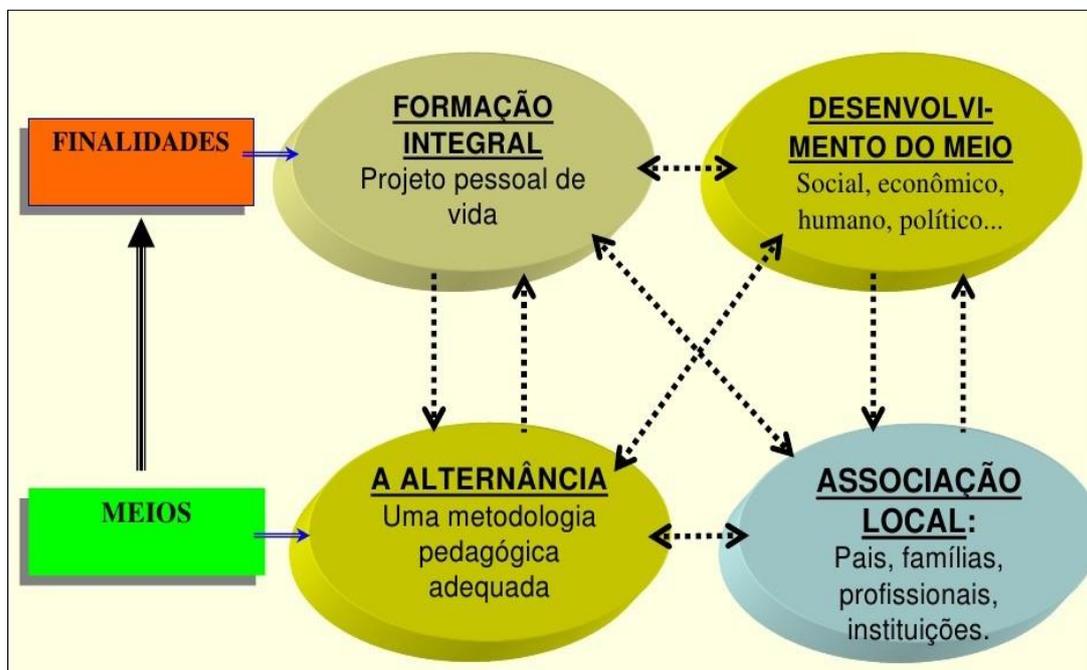
Pedagogia da Alternância possibilita ao estudante, estudar na escola durante um período, a partir da sua realidade, partilhando-a com colegas e se apropriando de novas técnicas para no outro período, na sessão sócio familiar, colocar em prática na propriedade em que reside, a Alternância, aplicando na prática as técnicas e recursos construídos na escola. Desta forma, a Pedagogia da Alternância

¹⁰ Disponível em: <http://www.aimfr.org/Archivos/Estatutos/ESTATUTOS 2010 ES pdf>.

possibilita um vínculo direto do jovem com a escola, com a família, bem como com a comunidade em que vive.

Dentro do movimento Ceffa, constituiu-se, no plano internacional, os quatro pilares, a saber: A Associação Local (constituída por pais, famílias, profissionais, instituições), a Alternância (sendo uma metodologia e seus instrumentos pedagógicos), a Formação Integral (como projeto pessoal de vida) e o Desenvolvimento do Meio (desenvolvimento social, econômico, humano, político), como demonstra a figura 6, representando os quatro pilares, bem como seus meios e finalidades:

Figura 6 - Os Quatro Pilares do Movimento Ceffas



Fonte: García-Marirrodriaga; Puig-Calvó (2010, p. 66).

As finalidades do movimento Ceffas têm como base a formação integral dos jovens, não se tratando simplesmente de cursos de formação profissional com metodologias adequadas, mas de uma visão integral, em que o jovem que se forma vai muito além de um técnico profissional, trazendo, em sua essência, um olhar intelectual e reflexivo, humano, ético, entre outras dimensões que o conectam ao desenvolvimento com o meio onde vive. Os Ceffas fazem com que as pessoas em formação se tornem atores/agentes de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento do território no qual estão inseridos.

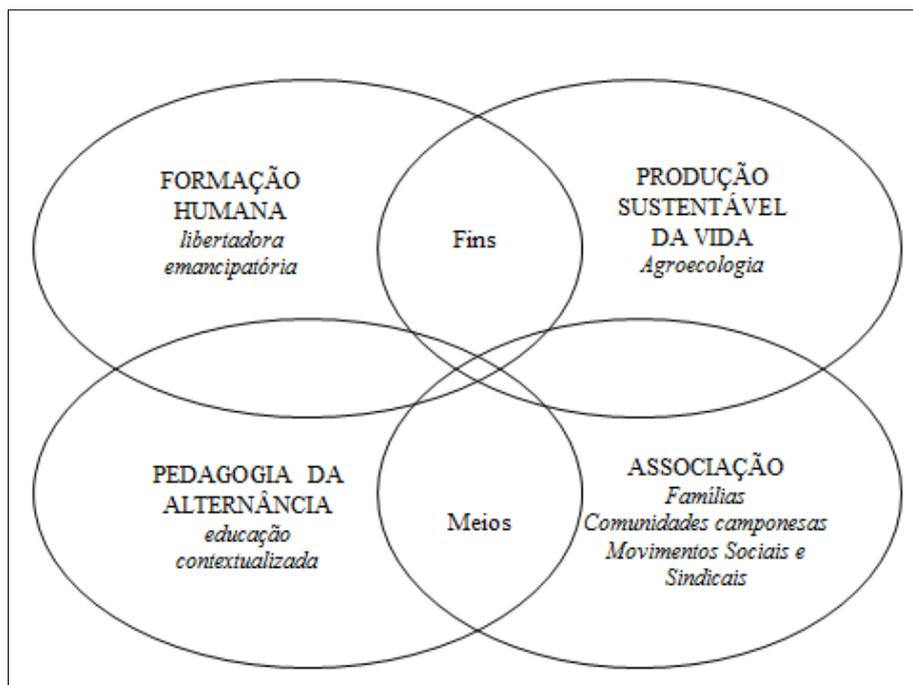
Dentre os meios que existem para chegar nas finalidades, um deles é a alternância, sendo uma resposta ao sistema escolar convencional, pois responde a uma necessidade constante de adequação às realidades e idiosincrasias de cada lugar e de cada jovem. Devido a isso, a alternância deve ocorrer entre a escola e o meio socioprofissional (propriedade), com períodos de aprendizagem, vivências práticas em cada local, tendo em vista as experiências e o envolvimento de todos os atores da família. Quanto ao princípio da Associação Local, outra finalidade é constituída principalmente pelas famílias, pais e mães dos jovens estudantes e egressos, além de outras pessoas que se identificam com a causa e aderem aos princípios. Sendo assim, conclui-se que é um processo coletivo que causa grande envolvimento entre o jovem, educadores, família, parceiros e a comunidade em geral (GARCÍA-MARIRRODRIGA; PUIG-CALVÓ, 2010).

[...] nas aprendizagens dos sujeitos implicados no processo metodológico da alternância, é oportuno descrever com maior profundidade dois pilares do movimento CEFFAs: a formação integral e a metodologia da Pedagogia da Alternância a fim de problematizar a aprendizagem do sujeito alternante no processo educativo da alternância. (VERGUTZ, 2012, p. 8).

Gimonet (2007) desenvolve uma reflexão em relação aos quatro pilares. Segundo Begnami (2019), ele concorda que os princípios constituem as invariáveis do movimento mundial dos Ceffas. Porém, assevera que tais princípios são muito genéricos e precisam ganhar ressignificações, de acordo com os contextos sociais, políticos e econômicos de onde estão inseridos (GIMONET, 2007).

No contexto brasileiro, de acordo com Begnami (2019, p. 118), “as práticas sociais, políticas e pedagógicas dos CEFFAs, suas interações com a luta pela terra e Educação do Campo, geram questionamentos sobre os termos explicitados nos quatro pilares”. Nesse sentido, na possibilidade de ressignificações, a figura 7 traz uma representação dos princípios dos Ceffas que mais se aproximam do debate atual no interior do movimento, sobretudo das EFAs no Brasil (BEGNAMI, 2019).

Figura 7 - Uma resignificação dos quatro pilares dos Ceffas



Fonte: GIMONET (2007, p. 15), adaptado por BEGNAMI (2019, p. 120).

A Associação, nesse caso, as famílias, as comunidades camponesas, os movimentos sociais e sindicais e a PA, com uma educação contextualizada, são os meios para a formação humana, libertadora emancipatória e também para a produção sustentável da vida, a agroecologia, como fins dentro desta resignificação dos quatro pilares.

Aos quatro princípios gerais ou pilares propugnados pela organização internacional dos CEFFAs, incorporamos alguns aspectos abstraídos de práticas de uma parcela significativa de CEFFAs brasileiros. Observado os “pilares meios”, o pilar da Pedagogia da Alternância permanece, porém sugerimos acrescentar a “educação contextualizada”. Ao pilar da Associação de Famílias, acrescenta-se “comunidades camponesas e Movimentos Sociais e Sindicais.” Nos “pilares fins” à “Formação Integral” sugerimos substituir por formação humana, libertadora, emancipatória. O que seria o “desenvolvimento sustentável e solidário” ou simplesmente “desenvolvimento do meio” sugerimos substituir por “produção sustentável da vida”, assumindo a matriz agroecológica. As finalidades dos CEFFAs expressadas desta forma são influências dos tensionamentos que a Educação do Campo provoca em seus sujeitos e faz resignificar suas práticas. As reflexões que esta pesquisa tem nos proporcionado, nos faz evocar a necessidade da construção de espaços de debates para oportunizar a multiplicação da reflexão e as possibilidades de formalização das resignificações em torno desses princípios e finalidades que vão incidir na recriação e resignificação também dos Instrumentos Pedagógicos ou mediações pedagógicas específicas da Pedagogia da Alternância, entre tantas outras possibilidades. (BEGNAMI 2019, p. 119/120).

A existência de uma EFA tem por intuito a promoção da formação dos filhos e filhas de Agricultores Familiares Camponeses, com uma proposta educacional voltada à realidade desses jovens. Nas EFAs, os jovens são capazes de desenvolver ações diferenciadas no campo, não possuindo visões apenas técnicas/produativas sobre uma propriedade e/ou região, mas desenvolvem ações sociais, exercem papéis de lideranças locais e regionais, incluindo atividades que possibilitem uma diversificação nas propriedades, bem como trabalhar na geração de renda, sucessão rural e qualidade de vida.

Para Scheider (2013, p. 4) “[...] a Escola Família Agrícola está vinculada à cultura que se dá através das relações sociais, do trabalho na terra, tratando o camponês como sujeito social e histórico, promovendo desenvolvimento com solidariedade e economicamente sustentável”.

No entanto, para atingir esse fim, existe uma série de instrumentos pedagógicos utilizados atualmente nas EFAs e nas CFRs (Rede Ceffas) que, de acordo com Vergutz (2013, p. 98) *apud* De Burgghgrave (2010):

Quadro 2 - Instrumentos pedagógicos da alternância aplicados nos Ceffas do Brasil

INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	O QUE É
Plano de Estudos	Pesquisa participativa que o jovem aplica em seu meio.
Colocação em Comum	Socialização e sistematização da pesquisa do Plano de Estudos.
Caderno da Realidade	Livro da vida do(a) jovem onde se registra as suas pesquisas e todas as atividades ligadas ao Plano de Estudo nos ciclos das alternâncias.
Viagens e Visitas de Estudos	Uma atividade complementar ao tema do Plano de Estudos. Implica em intercambiar experiências concretas.
Colaborações Externas	São palestras, testemunhos ou cursos complementares ao tema pesquisado pelo PE. Geralmente, são dados por profissionais, lideranças parcerias que colaboram
Cadernos Didáticos	É uma modalidade de "livro didático" elaborado para dar o aprofundamento ao tema do Plano de Estudos.
Estágios	Vivências práticas em meios produtivos, organizações sociais, serviços, empresas em geral.
Atividades de Retorno	Experiências e atividades concretas na família ou comunidade a partir dos Plano de Estudos.
Visitas às famílias e Comunidades	Atividade realizada pelo(as) monitores(as) para conhecer a realidade e acompanhar as famílias e jovens em suas atividades produtivas e sociais. Representa a extensão da CEFFA em seu meio.
Tutoria	Acompanhamento personalizado para motivar os estudos, incentivar as pesquisas, o engajamento social, a integração e vida de grupo, o projeto de vida profissional.
Serões de Estudo	Espaço para debates sobre temas variados e complementares escolhidos junto com os(as) jovens.
Caderno de Acompanhamento da Alternância	Um documento que registra o que é feito na escola e no meio socioprofissional. É um instrumento de comunicação entre a escola-família e família-escola.
Projeto Profissional	O(a) jovem vai amadurecendo ao longo dos anos o que aprende desenvolver no campo da produção, da transformação ou de serviço, bem como continuação dos estudos. No último ano, ele (ela) sistematiza o projeto a partir de um roteiro definido pelo CEFFA e da orientação dada pela equipe de monitores.
Avaliação	As avaliações são contínuas e abrangem aspectos do conhecimento, das habilidades, convivência em grupo, posturas. Todos avaliam e são avaliados.

Fonte: adaptado DE BURGHGRAVE (2010, p.149-150) *apud* VERGUTZ (2013, p. 98).

Todos os instrumentos pedagógicos são essenciais para o funcionamento de um Ceffa, porém, é importante enfatizar o PPJ como um instrumento de inserção socioprofissional do jovem em sua propriedade, pois sua construção é realizada ao longo de sua caminhada na escola, proporcionando o desenvolvimento em seu meio.

O Plano de Estudos é uma ferramenta de mediação da pesquisa da realidade do jovem, sempre com temas geradores diferentes, trazendo à tona o contexto no qual está inserido e suas especificidades. As visitas às famílias dos jovens têm o objetivo de conhecer melhor sua realidade promovendo a

aproximação da Escola com a família, bem como a inserção do jovem em sua propriedade.

O Desenvolvimento do Meio, além de ser um dos pilares da rede Ceffas, como relatado anteriormente, é a consequência dos instrumentos pedagógicos que compõem o processo educativo, pois o jovem é sujeito e também protagonista. Por meio dos instrumentos pedagógicos da PA é capaz de mudar e/ou transformar o espaço de vivência junto a sua família, sendo este o desenvolvimento rural local e, conseqüentemente, regional que se almeja. De acordo com COSTA (2012, p. 154):

[...] os CEFFAs têm como finalidade na sua formação o Desenvolvimento do Meio, pois esse meio pode ser inicialmente a sua família, muitas vezes um dos entrepostos mais complicados a ser superado pelos jovens. A EFA parte desse princípio inicial, o desenvolvimento do meio. Que só pode ser mudado, questionado e/ou ressignificado se o jovem se enxergar como parte “viva”, com capacidade de atuar nesse espaço, interagindo com os demais componentes dessa célula social, valorizando os saberes locais e envolvendo as pessoas no seu processo de aprendizagem.

Como menciona Costa (2012), o desenvolvimento do meio é algo primordial na EFA, pelo fato do ensino ser contextualizado e voltado à realidade do jovem, pois ele pesquisa sua realidade (família, propriedade, comunidade) e, na escola, realiza a reflexão e volta para casa com a proposta de novas ações, procurando melhorar e desenvolver algo a partir de sua realidade.

Segundo Pozzebon (2015, p. 26) “[...] o ser sujeito vem pela reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais se reflete sobre a realidade, sobre as situações concretas, mais o sujeito se tornaria progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la”.

Como o foco desta pesquisa está vinculado à Efasol, os próximos tópicos são específicos à criação da Associação Local, ou seja, a Aefasol, e, em seguida, o início das atividades da Efasol.

3.2 Criação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol

Antes da criação de uma EFA, deve ser criada a sua Associação Local, a mantenedora. Antes da criação da associação, existem pessoas com o desejo de proporcionar um ensino diferenciado para os filhos e filhas de agricultores da

região, que se articulam entre si para viabilizar a criação de uma EFA. Nesse sentido, em conversa com o professor Ireno Finkler¹¹ cuja atuação foi fundamental para a vinda da 3ª EFA do Estado para o Município de Vale do Sol. Ele coloca que a justificativa para ter uma EFA em Vale do Sol é porque o Município e também a região são extremamente agrícolas, especificamente o município sede da escola. Para ele, a vinda de uma escola com a metodologia da PA e seus instrumentos seria importante para o Município.

Ireno destaca que um dos fatores mais marcantes para a vinda da Efasol para o Município foi o trabalho realizado pela Efasol, da qual a Prefeitura de Vale do Sol foi parceira, com ajuda financeira e com transporte para os jovens estudarem nesta instituição. Visto isso, as entidades locais, famílias e a comunidade em geral começaram a ver os diferenciais nesses jovens, suas inserções nas comunidades e as atividades que vinham desenvolvendo em suas propriedades. Pozzebon (2015) destaca que esses diferenciais aparecem porque as EFAs trabalham com uma educação contextualizada, com o princípio de envolver o jovem e também sua família, que é considerada como coformadora ativa no processo.

Assim, começaram a cogitar mais uma EFA na região, devido à percepção do diferencial dos estudantes que estavam em formação na Efasol. Analisando o contexto do VRP e a importância da diversificação no Município e região, o poder público local começou a viabilizar a criação de uma EFA em Vale do Sol.

Portanto, em 2011, iniciaram-se as primeiras articulações sobre a possibilidade de uma EFA no Município. Ireno destaca que, na época, havia uma estrutura de grande porte que possibilitaria a instalação de uma EFA neste espaço. Portanto, foi criada uma comissão Pró-EFA Vale do Sol, formada por professores, representantes de entidades públicas e privadas, pais de estudantes e demais grupos organizados a fim de realizar um estudo sobre a viabilidade de uma EFA no Município. Por isso, apresenta-se, a seguir, algumas matérias publicadas em um jornal local sobre os primeiros indícios da Efasol.

11 Professor aposentado, residente em Vale do Sol, que participou da comissão de emancipação do Município e é sócio-fundador da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol - Aefasol.

Figura 8 - Coluna da Folha Vale do Sol: Dia do Colono e Motorista, retratando o início da colonização do Município e o surgimento de uma possibilidade de uma Escola Família Agrícola em Vale do Sol.

Folha Vale do Sol 22 de julho, 2011 *Dia do Colono e Motorista*

Rio Pardense: onde tudo começou

Como o grande município de Rio Pardo, inclui-se aqui Candelária e Cachoeira, estava ocupado pelas estâncias, restou fazer pequenos lotes, colônias com aproximadamente 50 hectares cada. Em homenagem a aquele Município, foi dado o nome de Rio Pardense ao primeiro núcleo de colonização de Vale do Sol, que iniciou em 1862.

Exatos 18 anos depois, em 1880, foi fundada Linha Eisenbarth, mais tarde Trombudo, hoje Vale do Sol, (do Centro da cidade até Alto Trombudo), com a chegada de 23 famílias. Também, em

1880, chegaram os primeiros colonizadores na localidade de Formosa.

O prefeito Clécio Halmenschlager, por sua vez, vai abrir um concurso e alocar recursos no orçamento para o próximo ano construir um marco histórico do início da colonização em Rio Pardense.

Gemeindeschule

Desde o início da colonização, a educação dos filhos era de responsabilidade de cada família. A fé cristã foi trazida no bojo dos imigrantes. Eram católicos, evangélicos e batistas. (Em Formosa ainda tem, bem conservada, a primeira Igreja batista do Rio Grande do Sul e do Brasil). Ao lado de cada igreja, sempre existia uma escola, mantida pela própria comunidade religiosa, as *Gemeindeschule*, o que quer dizer Escolas Comunitárias. O professor era indicado por eles mesmos.

EFA de Vale do Sol

E no momento em que se pensa nos 150 anos de colonização em Vale do Sol, está surgindo a possibilidade de uma Escola Família Agrícola (EFA), de ensino médio. Já existe uma comissão formada, planejando. Em Formosa, o Município já investiu mais de R\$ 1 milhão em prédio, com recursos do governo federal,

que poderá ser a sede de uma escola técnica agropecuária. É de fundamental importância a participação das famílias dos agricultores, das diversas associações, sindicatos, igrejas, iniciativa privada, poder público municipal, estadual e federal. Será uma escola com educação de alternância, onde uma turma de alunos fica na escola, nos turnos manhã/tarde/noite, e na semana seguinte, ficam em casa, aplicando os conhecimentos, com o monitoramento dos professores da EFA. Enquanto esta turma está em casa, uma outra está na escola.

A Escola Família Agrícola de Vale do Sol será uma legítima e atual *Gemeindeschule* - Escola Comunitária, se a nossa população assim quiser. É a grande notícia para se pensar neste Dia do Colono e Motorista/2011.

*Professor aposentado de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Ex-vice-prefeito, e atual secretário municipal de Administração de Vale do Sol.

Fonte: arquivo do Jornal Folha Vale do Sol, 22 de julho de 2011.

É importante destacar, conforme traz o texto na figura acima, no momento em que se pensa os 150 anos da colonização, está surgindo a possibilidade da criação de uma EFA no Município. Uma EFA em Vale do Sol será uma legítima e atual *Gemeindeschulle* (Escola Comunitária) se a população assim quiser.

Figura 9 - Capa do Jornal Folha Vale do Sol: Reunião discute criação de escola Técnica em Formosa



Os primeiros passos para viabilizar uma EFA em Vale do Sol iniciaram-se no segundo semestre de 2011. Diante disso, vale destacar um ponto positivo na participação das famílias e da comunidade nessa articulação. Costa (2012) retrata que os Ceffas vinculam práticas pedagógicas para a educação do campo, envolvendo os jovens, as famílias e as comunidades no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que o jovem compreenda o espaço onde vive, como cidadão inserido dentro da comunidade.

De acordo com a matéria publicada acima, a Secretária de Educação de Vale do Sol na época, Dagma Seibert, destaca que o Município havia investido mais de R\$1.500.000,00 em um prédio de grande porte, que, mesmo não finalizado, teria capacidade de abrigar 800 estudantes, porém toda a rede municipal tinha pouco mais de 1.000 estudantes no total. Devido a isso, os estudantes da escola São João Batista (próxima ao referido prédio) seriam transferidos para esse novo prédio, mas, ainda assim, teria muito espaço vago a ser ocupado. O executivo tinha como proposta, em médio prazo, uma escola técnica para os estudantes de Ensino Médio.

Nesse contexto, percebe-se que o poder público municipal (executivo) oferecia grande apoio à criação da EFA, fundamental no processo. Analisando com outro olhar, pode-se destacar também que o próprio executivo queria dar uma finalidade a esse prédio, pois, como mencionado acima, havia capacidade para 800 alunos e a rede municipal tinha pouco mais de 1.000 alunos. Então, ter o funcionamento de uma escola técnica nesse espaço seria estratégico para a sua utilização.

Dando continuidade ao processo, houve diversas reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol. Uma das atividades a serem realizadas era a efetivação de uma pesquisa sobre a implantação da EFA no Município. No entanto, destaca Ireno, a comissão tinha como objetivo formular a pesquisa para ir a campo.

A pauta da reunião Pró-EFA Vale do Sol do dia 13 de setembro de 2011, realizada no ginásio da comunidade de Linha Formosa, teve como tratativas os passos para a realização da pesquisa sobre a implantação ou não de uma EFA na comunidade/município.

O objetivo dessa pesquisa era justamente divulgar a proposta e estimular a reflexão sobre a implantação da EFA, realizando um levantamento de demanda, interesses no apoio, parcerias e determinar a importância ou não de haver uma EFA. As figuras 10 e 11 representam as reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol, no ano de 2011.

Figuras 10 e 11 - Reuniões da comissão Pró-EFA Vale do Sol



Fonte: arquivos da Agefa, 2011.

De acordo com as bases documentais arquivadas na Agefa, a pesquisa teve como público-alvo estudantes dos anos finais da rede municipal e estadual

do município, as famílias do Município de Vale do Sol e parte de Sinimbu, Herveiras e Vera Cruz.

Em ambos os casos, foi elaborado um questionário. No caso dos estudantes, ele foi aplicado nas escolas e o das famílias, pelos Agentes Comunitários de Saúde e a empresa Indústria de Tabacos e Agropecuária – Intab, por meio dos orientadores agrícolas e jovens estudantes da Efasc. Essa pesquisa foi realizada no mês de outubro de 2011, e foram entrevistados 442 estudantes, conforme dados tabulados na tabela 2:

Tabela 2 - Pesquisa com os estudantes (422 jovens) da rede municipal e estadual

Enfoque	Sim	Não	Não sabem/não responderam
Pretendem permanecer na agricultura	48%	49%	3%
Você gostaria de estudar numa EFA?	65%	32%	3%
Você apoiaria a criação de uma EFA?	97%	2%	1%

Fonte: arquivos da Agefa, 2011.

Conforme a tabela acima, 97% dos estudantes das séries finais de Vale do Sol apoiaram a criação de uma EFA, pois vislumbravam a vinda de mais oportunidades para o desenvolvimento do Município, aprender “coisas” novas para o jovem se interessar pelo meio rural, entre outras justificativas que foram destacadas nas pesquisas. Do grupo, 65% gostaria de estudar em uma EFA e 48% pretendem permanecer na agricultura. Foram dados bem pertinentes coletados durante a pesquisa.

Já referente à pesquisa realizada com as famílias a campo, num total de 491 famílias entrevistadas, os principais pontos seguem destacados na Tabela 3.

Tabela 3 - Pesquisa com 491 famílias do Município de Vale do Sol e parte de Herveiras, Sinimbu e Vera Cruz

Enfoque	Sim	Não	Não sabem/não responderam
Você incentivaria seu filho (a) a permanecer na agricultura?	78%	22%	0%
Você apoiaria a criação de uma EFA?	97%	2%	1%

Fonte: Arquivos da Agefa, 2011.

Da pesquisa com as famílias, 97% apoiaria a criação de uma EFA também, e 78% incentivaria seu filho a permanecer na agricultura. Além dessas questões, também foi solicitado aos entrevistados para destacarem quais as maiores necessidades do meio rural atualmente. A permanência dos jovens no meio rural, investimentos em Educação do Campo e a garantia de comercialização dos produtos foram as mais levantadas, de acordo com a pesquisa.

Depois da pesquisa realizada, chega o momento de analisar e ver quais caminhos perpetuar. Percebe-se, claramente, os pontos positivos e que a comunidade em geral quer uma EFA em Vale do Sol. Portanto, no dia 10 de novembro de 2011, no ginásio da comunidade de Linha Formosa, foi realizado o Encontro para apresentação dos dados e a proposta de implantação de uma EFA em Vale do Sol, como ilustram as Figuras 12 e 13:

Figuras 12 e 13 - Reunião sobre a implementação de uma Escola Família Agrícola em Vale do Sol



Fonte: arquivos da Agefa, 2011.

Nesse momento, após a apresentação da pesquisa realizada sobre a viabilidade de uma EFA, a comunidade deu o aval oficial: “queremos uma EFA em Vale do Sol”. Esse processo foi fundamental para a implantação da EFA, pois ela deve partir da base, do interesse da comunidade e região. Ela é de todos, não de uma empresa, da prefeitura ou do presidente da comunidade, e sim das famílias e todos os que compõem e lutam pela educação voltada aos jovens do campo. Segundo Costa (2012, p.126), nas EFAs:

Não há donos/proprietários e sim famílias/pessoas integradas pelo processo formativo da Alternância, que devem definir os caminhos seguidos pela EFA, pois “no caso dos CEFFA, essas pessoas – principalmente as famílias – que têm um patrimônio próprio – social cultural etc. – se unem para obter uma finalidade definida - a educação dos filhos, que lhes permita construir um futuro melhor. Eles descobrem que sozinhos individualmente não podem, e que juntos, superando dificuldades e obstáculos de todo tipo, conseguem atingir as metas pretendidas

Portanto, após a justificativa e o porquê de a comunidade querer uma EFA em Vale do Sol, vem o próximo passo, que é a formação da Associação Local, um dos pilares dos Ceffas, fundamental para o funcionamento de uma EFA.

Grandes momentos históricos e marcantes passaram até então e, neste momento, inicia-se outra caminhada: A fundação da Aefasol. Após as atividades desenvolvidas pela comissão Pró-EFA Vale do Sol e a região almejar uma EFA no Município, o primeiro passo dado foi a criação da associação local, que, segundo García-Marirrodriaga e Puig-Calvó (2010, p. 65) “A Associação Local é constituída principalmente por famílias, junto às outras pessoas que aderem a seus princípios, e que são os gestores do projeto, os atores de seu próprio desenvolvimento”.

Portanto, no dia 1º de maio de 2012 foi realizada a Assembleia de fundação da Aefasol, conforme demonstra a Figura 14, durante uma reportagem no jornal local.

**Figura 14 - Outro marco histórico das Escolas Famílias Agrícolas no Rio Grande do Sul:
A criação da Associação Família Agrícola de Vale do Sol**

Município cria Associação para a Escola Família Agrícola

Um momento histórico marca o dia 1º de maio de 2012. Foi nesta data, que ocorreu a fundação e a eleição da primeira diretoria da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Aefasol). A assembleia aconteceu nas dependências da São João Batista, de Formosa, que deve se tornar a futura sede da escola técnica do Município.

A reunião contou com a participação de pais e alunos que já cursam a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), de produtores rurais, e representantes de entidades que trabalham com a agricultura familiar, bem como do Executivo e Legislativo municipal, professores e lideranças locais.

Na ocasião, foram eleitas 12 pessoas para compor a diretoria e o Conselho Administrativo da Associação, do qual pelos menos 60% deveriam ser agricultores. Também foram escolhidas mais seis pessoas para fazerem parte do Conselho Fiscal. O aluno em estágio pela EFASC, Emerson Rech e a professora Cintia Kern, fizeram a leitura do estatuto, aprovado por todos.

A ideia é que a escola entre em funcionamento a partir de 2013, nos mesmos moldes da EFASC, com regime de alternância e, inicialmente com abrangência local. As tratativas já começaram em agosto do ano passado. Desde lá, ocorreram vários encontros. Rosmar Kretzmann, eleito o primeiro presidente da Aefasol, fez um histórico da trajetória e explicou que 97% das famílias aprovaram a ideia da criação de uma EFA local, por meio de uma pesquisa prévia realizada no Município. A proposta é que a entidade ligada a Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas (Agefa) e a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), gerenciem os caminhos para a fundação da segunda EFA do Rio Grande do Sul.

Inicialmente, a escola deve começar com 25 alunos, que serão selecionados a partir de entrevistas. O requisito é que sejam filhos de produtores rurais. "Estamos muito felizes em acompanhar este momento histórico no Rio Grande do Sul, que é a criação de uma EFA local", disse o diretor da EFASC, Adair Pozzebon. Ele também fala da necessidade de se ter uma escola técnica: "Num Município onde 86% das pessoas moram no meio rural, e onde mais de 400 jovens estão aptos a entrar na escola, precisamos de uma educação voltada aos filhos dos agricultores", salientou.

Para o prefeito Clécio Halmenschlager, este é um momento para celebrar. "Se queremos melhorar a agricultura, precisamos investir na educação", comenta.

Com esta assembleia, agora será a Associação que dará continuidade a implantação da EFA em Vale do Sol.



Assembleia ocorreu no feriado, dia 1º de maio



Diretoria eleita

Integrantes

Diretoria
 Presidente: Rosmar Kretzmann
 Vice-presidente: Sandor Rick
 Secretário: Ireno Finkler
 2º secretário: Maiara Werner
 Tesoureiro: Emerson Rech
 Suplente: Vera Lucia Brandt

Conselho Administrativo: Gerson Morsch, Isidoro Landskren, Ubirajara de Almeida, Ricardo Kretzmann, Luis Rogério Boemeke e Clóvis Rech.
Conselho Fiscal: Joice Rejane Schwantz, Carlos Leandro Zahn e Néverton Fischborn. Suplentes: Marcell Arend, Leoni Werner e Wilson Vitalles.

Fonte: arquivo do Jornal Folha Vale do Sol, 04 de maio de 2012.

Um momento que ficou para a história das EFAs no Estado, sobretudo no Brasil, quando se oficializou a fundação e a eleição da primeira diretoria da Aefasol, que, segundo o livro de atas, ficou composta pelos membros: Presidente: Rosmar Kretzmann; Vice-presidente: Sandor Luís Rick; Secretário: Ireno Finkler; Vice-secretário: Maiara Werner; Tesoureiro: Emerson Luís Rech; Vice-tesoureiro: Vera Lúcia Brandt; Membros do Conselho Administrativo: Gerson Morsch, Isidoro Landskren, Ubirajara de Almeida, Ricardo Kretzmann, Luis Rogério Boemeke e Clóvis Rech; Membros do Conselho Fiscal: Joice Rejane Schwantz, Carlos Leandro Zahn e Néverton Fischborn. Suplentes: Marcell Arend, Leoni Werner e Wilson Vitalles.

Nesse dia, de acordo com o livro de Atas da Aefasol (e disponível em anexo), estiveram presentes 117 pessoas. Com a fundação da Associação

Local, agora, o próximo passo foi dar continuidade às questões referentes à implantação da EFA. A próxima reunião ocorreu em 15 de junho de 2012 e teve como proposta o seguimento do processo: onde seria instalada a parte de alojamentos, áreas experimentais, bem como a busca de recursos financeiros, realização da tramitação burocrática para o registro do curso junto ao Conselho de Educação, entre outras funções.

Criada a Associação Local no ano de 2012, o próximo passo é a criação da Efasol, que será vista no próximo tópico.

3.3 Início das atividades na Escola Família Agrícola de Vale do Sol

O processo de fundação da Aefasol, até o início das atividades da Efasol, levou praticamente dois anos, pois, inicialmente, a escola iria se instalar no prédio como já mencionado. Porém, devido à falta de alojamentos, cozinha, refeitório e a área experimental propriamente dita, o projeto começou a se inviabilizar. Havia possibilidades da compra de uma área de 14 hectares próximo à Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista - EMEFSJB. Existia casa de moradia e espaço grande. Tentou-se parceria pública e privada, mas não foi possível. Portanto, a única opção que restava era a Brizoleta (Escola construída em 1962, na comunidade de Linha Formosa, nome referenciado ao governador da época, Leonel Brizola), a Escola Estadual de Ensino Fundamental José de Anchieta - EEEFJA, que, na época, tinha poucos estudantes, 28 no total, mas, em 2014, teria somente 18. Esses estudantes seriam transferidos para a EMEFSJB e o espaço seria cedido para a Efasol. Então, a EMEFJA não fechou, e sim reabriu uma nova escola do campo nesse mesmo ambiente.

No entanto, a proposta era que, na Brizoleta, iriam funcionar espaços como dormitórios, área agrícola, refeitório, secretaria, entre outras atividades, mas que a Efasol também utilizaria a infraestrutura da EMEFSJB (em torno de 400 metros de distância), como salas de aula, auditórios, laboratórios, quadras de esporte, campo de futebol e biblioteca.

Pode-se ver que, aos poucos, as situações foram melhorando. A proposta para o início do funcionamento da Efasol era para ser em 2013, mas, em função da conjuntura financeira, a associação decidiu iniciar em 2014, havendo um período maior para a formação de grupo inicial dos professores, reformas nos

espaços de funcionamento da escola, busca de orçamento e de estudantes, o que foi um grande desafio.

Para a formação da primeira turma, a proposta inicial era de 25 estudantes. Houve grande mobilização das rádios regionais, jornais locais e regionais divulgando que a Efasol estava com as inscrições abertas. No entanto, houve baixa procura e se iniciou outro processo na busca de jovens. Fato estranho, pode-se dizer, pois, na pesquisa, havia grande número de jovens interessados em estudar, mas, no período das inscrições, poucos se manifestaram. Possivelmente, as questões políticas locais e o fato de ser “algo novo” gerou resistência inicial.

No entanto, iniciam-se os preparativos para a inauguração da Efasol, no dia 10 de março de 2014, como retrata o livro de atas, com diversos parceiros das esferas pública e privada, mas também das famílias, que, na época, foram importantes apoiadoras. A escola funcionaria utilizando partes das dependências da EMEFSJB, como salas de aula, auditório, laboratórios de química e física, além do campo de futebol e o ginásio de esportes da comunidade ao lado, enquanto os alojamentos com quartos e banheiros, secretaria, áreas experimentais, refeitório e demais espaços necessários seriam utilizados nas dependências da Brizoleta.

A Figura 15 ilustra o convite que circulou regionalmente para o ato de inauguração da Efasol no Município de Vale do Sol, no dia 10 de março de 2014, na comunidade de Linha Formosa.

Figura 15 - Convite de inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol



Fonte: arquivos Agefa e Efasol, 2014.

Em relação aos números da Efasol, a turma iniciou o ano letivo, em 2014, com 24 jovens filhos e filhas de agricultores da região, sendo estes: 16 oriundos do Município de Vale do Sol, 2 de Lagoa Bonita do Sul, 2 de Sinimbu, 1 de Tunas, 1 de Candelária e 1 de Cachoeira do Sul, totalizando os 24 estudantes de 6 municípios da região. É interessante mencionar que havia 7 meninas, significando praticamente 30% de meninas, o que é um percentual bem elevado, diferente da realidade das escolas técnicas estaduais. Para dar conta das questões pedagógicas e institucionais, havia 9 professores e monitores para dar seguimento às atividades necessárias.

A seguir, uma matéria local sobre a inauguração da Efasol no dia 10 de março de 2014:

Figura 16 - Momento importante das EFAs no Brasil e no Rio Grande do Sul: Inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol, em Linha Formosa, Vale do Sol/RS

REGIONAL

TERÇA-FEIRA
11 de março de 2014

13

Gazeta do Sul

VALE DO SOL ■ Inauguração da Escola Família Agrícola na localidade de Linha Formosa aconteceu ontem após quase três anos de luta

Escola fortalece ensino para o campo

Otto Tesche
otto@gazetadosul.com.br

Um grupo de 26 jovens dos municípios de Vale do Sol, Sinimbu, Lagoa Bonita do Sul, Candelária, Tunas, Rio Pardo e Cachoeira do Sul começou a dar ontem os primeiros passos para garantir o desenvolvimento das propriedades rurais das suas famílias. A inauguração da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Efasol) ocorreu na manhã de ontem nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, em Linha Formosa, quase três anos após o lançamento da ideia de criar no município um estabelecimento de ensino com a pedagogia da alternância para atuar na formação de jovens do campo.

Os alunos participarão durante três anos das atividades de formação do ensino médio, alternando uma semana no ambiente escolar e outra na família, aplicando os conhecimentos na propriedade. Depois, realizam mais meio ano de estágio para a conclusão do ensino técnico em agricultura. As quatro colunas na entrada do prédio da Escola São João Batista mostraram na manhã de ontem aos participantes da inauguração os quatro pilares da escola: associação local, pedagogia da alternância, formação integral e desenvolvimento do meio

Pilares da escola agrícola são: associação local, pedagogia da alternância, formação integral e desenvolvimento do meio

ceria das prefeituras da região, com a concessão de bolsas de estudos, do Sicedi, Sindicato Interstadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco), Associação dos Fumicultores do Brasil (AfuBra), Intab e 6ª Coordenadoria Regional de Educação. Durante a solenidade de ontem, a direção da empresa Intab repassou as chaves de um veículo à coordenação da escola para viabilizar a visitação às famílias dos alunos dentro do processo pedagógico do estabelecimento de ensino.

Trajetória

Durante a solenidade de inauguração na manhã de ontem houve a apresentação da retrospectiva com a caminhada para a criação da escola, que começou em uma reunião no dia 3 de agosto de 2011 com a formação da Comissão Pró-Efasol. Depois houve a aplicação de uma pesquisa no município para verificar o interesse de pais e alunos no modelo de ensino. Em 1º de maio de 2012 ocorreu a fundação da Aefasol, mantenedora da Efasol, com a escolha do conselho administrativo, responsável por viabilizar a implantação da escola. O último passo para tornar realidade a ideia ocorreu em 15 de janeiro deste ano, quando o Conselho Estadual de Educação aprovou o início das atividades de ensino.



Desenlace da fita marcou início oficial das atividades da Efasol



Primeira turma conta com 26 estudantes e nove professores

Jovens buscam melhorar a vida na área rural

Com a ideia de buscar técnicas para tornar a vida mais fácil na agricultura, Jeferson Müller, de 17 anos, está entre os 26 alunos da primeira turma da Efasol. Depois de percorrer o trecho entre a localidade de Formosa e a cidade de Vale do Sol de ônibus para estudar da 5ª à 8ª série na Escola Estadual Guilherme Fischer, ele agora terá a oportunidade de aplicar os conhecimentos na prática na propriedade de 7,5 hectares da família. Os pais cultivam tabaco e milho e mantêm outras atividades para a subsistência. Jeferson conheceu o funcionamento da escola através de outros jovens do município que estudaram na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasol). Vários deles agora vão levar a sua experiência à escola de Vale do Sol.

O sonho de se formar em técnica agrícola começou a virar realidade para Carla Tavares Machado, 14 anos, depois que integrantes da Efasol foram a Lagoa Bonita do Sul e explicaram a metodologia de ensino da escola. Natural da localidade de Linha Melchior, Carla estudou até a 8ª série na Escola Estadual de Ensino Médio José Luchese. A mãe é agente de saúde e o pai cultiva tabaco e soja em aproximadamente 60 hectares, incluindo a área arrendada. Carla afirma que pretende ajudar no desenvolvimento das pequenas propriedades.

Também de Lagoa Bonita do Sul, Clara Drescher, 14 anos, foi convencida pela colega Carla a estudar na Efasol. Afirma que pretende ajudar os pais na propriedade com os conhecimentos que irá adquirir com o curso. Entre os estudantes matriculados na primeira turma, 19 são procedentes de diversas localidades de Vale do Sol e os demais de Lagoa Bonita do Sul, Sinimbu, Tunas, Candelária, Rio Pardo e Cachoeira do Sul. O coordenador insti-



Carla e Clara: escola diferente para o conhecimento técnico



Müller: obter novas técnicas

cional, Diego Teixeira de Oliveira, afirma que a ideia é trabalhar sempre com grupos com cerca de 30 jovens.

O presidente do conselho administrativo da Aefasol, Rosmar Kretzmann, destacou que as famílias dos alunos automaticamente se tornam sócias da associação. "A família terá o compromisso de gerenciar a escola. Por isso, é importante que cada família faça a sua parte", disse. Morador da localidade de Fountora Xavier, a 30 quilômetros da cidade, Kretzmann tem um filho que estudou na Efasol. Por isso, lembrou que um dia foi à Câmara de Vereadores defender a ajuda do município aos alunos e comentou sobre a possibilidade de Vale do Sol um dia ter uma Escola Família Agrícola, sem imaginar que isso agora se tornasse realidade.

O prefeito Clécio Halmenschlager observou que enquanto no Rio Grande do Sul a média da população que vive no meio rural é de 18%, em Vale do Sol o índice chega a 80%, graças a agricultura forte sustentada pela produção de tabaco. Destacou que a Efasol é importante para a introdução de novas alternativas de renda nas propriedades rurais. A solenidade de ontem contou com a participação de alunos e coordenadores da Efasol, do presidente da Associação Gatcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas (Aefaf), Elton Roberto Hein, representantes das entidades parceiras, dos deputados estaduais Marcelo Moraes (PTB) e Altemir Tortelli (PT) e do deputado federal Sérgio Moraes (PTB), além de moradores da localidade. ■

Fonte: Jornal Gazeta do Sul, 11 de março de 2014.

Diante disso, deu-se início às atividades da Efasol, um processo longo, árduo, de persistência, luta e resistência, que resultou em 950 dias, desde a primeira reunião, em 02 de agosto de 2011, até o início das atividades, em 10 de março de 2014, e que, atualmente, (ano de 2022), está completando oito anos de existência.

A primeira turma de 24 jovens filhos e filhas de agricultores da região que iniciaram essa “empreitada” de desafios, por serem os pioneiros da Efasol, abriram caminhos e novos horizontes para a juventude do campo. Hoje, possuem uma brilhante trajetória até então, o que será abordado no quarto capítulo desta dissertação.

No dia 17 de fevereiro de 2014, houve o primeiro contato com as famílias justamente para destacar que esse momento era histórico para a Efasol.

Figura 17 - Primeira formação com os jovens e suas famílias



Fonte: arquivos da Efasol, 2014.

O ano de 2014 inicia com muitas perspectivas para a Efasol e esse pioneirismo é algo importante e simbólico para a história da escola. Diante disso, em 2015, entra uma nova turma na Efasol, também filhos e filhas de Agricultores Familiares Camponeses da região que optaram em estudar vinculando os espaços por meio da alternância. Vergutz (2013, p. 42) destaca:

Percebo que são jovens agricultores e agricultoras que buscam nesta escola uma formação escolar dupla (ensino médio e técnico) vinculada à possibilidade de evitar o distanciamento da propriedade familiar. Para isso, apostam na especificidade da proposta metodológica da alternância já que se quisessem estudar para ter uma formação média

e técnica agrícola, teriam que sair, da propriedade e/ou do município, distanciando-se e perdendo vínculos com a família e a terra onde vivem.

Os dias vão passando, os anos também e, conseqüentemente, no ano de 2016, formou-se o ciclo completo de estudantes na Efasol - as turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio e Técnico.

Vale destacar que acontecem desistências por parte dos jovens em relação a continuar os estudos na Efasol. Algumas desistências no 1º ano e parte do 2º ano foram e são um fator “normal”, pois, conforme Costa (2012), o jovem pode não se adaptar a ficar distante da casa pelo período da alternância na Escola. Além disso, as dificuldades e convivência em grupo, a não adaptação à alternância e aos estudos em geral levam os jovens à desistência dos estudos em uma EFA.

Figuras 18 e 19 - Foto da primeira turma em 2014 e a formatura em 2016



Fonte: arquivos Efasol, 2014 e 2016.

Por fim, de maneira mais sintética, foi apresentado além da história da Efasol, mas o motivo de sua existência, de onde se originou, bem como o processo que envolve a PA e os Ceffas. O próximo capítulo ocupa o lugar central desta dissertação, sendo a pesquisa empírica, será enfatizado sobre as experiências socioprofissionais dos egressos da Efasol, e suas relações com o campo e/ou a cidade, as influências da Escola em suas vidas, as motivações que influenciaram em suas escolhas, bem como a importância da Escola neste processo.

4. EXPERIÊNCIAS SOCIOPROFISSIONAIS DE EGRESSOS/AS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL E SUAS RELAÇÕES COM O CAMPO E/OU A CIDADE

Este capítulo da dissertação representa o protagonismo dos(as) jovens egressos(as) da Efasol. Por isso, é um dos capítulos fundamentais deste trabalho, pois, analisar-se-ão as experiências socioprofissionais dos jovens, seu perfil, e compreender suas relações estabelecidas com o campo e/ou a cidade, as motivações que influenciaram suas escolhas e a importância da Efasol neste processo.

Inicialmente, serão destacados os procedimentos de coleta, sistematização e análise dos dados coletados nesta pesquisa. Posteriormente, será enfatizado o VRP, região de maior abrangência da Efasol e, após, será apresentada a identificação do jovem pesquisado e seu atual local de residência, número de jovens participantes da pesquisa, bem como o ano de ingresso na Efasol.

Os municípios de origem dos jovens serão apresentados em formato de mapa temático para, posteriormente, fazer uma análise com o atual local de sua residência, bem como suas atividades socioprofissionais nesse momento de suas vidas, local de trabalho, que pode ser na propriedade da família, especificando as produções e criações existentes, quantas fontes de renda, entre outras questões. O trabalho também pode ser fora da propriedade, colocando suas relações estabelecidas em outros espaços de trabalho.

Além disso, serão colocados dados sobre a produção de tabaco, a produção de alimentos para o autoconsumo da família, onde o jovem possui vínculo de trabalho, sua renda média mensal atualmente, a experiência socioprofissional que ele estabeleceu após sua formação na Efasol, suas relações sociais (organizações de participação dos jovens) e o acesso à educação, como sequência nos estudos (cursos, nível superior...).

Por fim, ouvir dos jovens sobre o que almejam para seu futuro, bem como quais as contribuições que a Efasol teve em suas vidas, nas suas experiências socioprofissionais, enfatizando sobre o principal diferencial da Escola e instigá-los a defini-la em apenas uma palavra.

Para a realização da pesquisa, que se caracterizou como qualitativa, optou-se pelo desenvolvimento de um estudo de caso. Conforme indicam Meirinhos e Osório (2010), a pesquisa qualitativa é a mais utilizada pelos autores que abordam a metodologia de estudo de caso. O método de abordagem utilizado foi a fenomenologia, conforme já destacado na introdução.

Para atingir os objetivos da pesquisa, a estratégia utilizada foi a coleta de dados através *Google Drive* – o *Google Docs* para a elaboração e distribuição de questionários *on-line*, que tiveram perguntas fechadas e abertas, com questões sobre o local atual de residência e trabalho do jovem, idade, ano de conclusão do curso na Efasol, dados de suas produções e criações, renda, relações sociais e situação escolar, planejamentos futuros, as contribuições e diferenciais da Escola em sua formação, entre outras questões (conforme roteiro no apêndice A) que foram encaminhadas e respondidas pelos jovens via *internet*. O questionário passou por um pré-teste para avaliar se as questões estavam claras, objetivas e de fácil compreensão, para posteriormente serem encaminhadas aos 65 jovens egressos/as por *e-mail*.

Também foi necessária a realização de pesquisas bibliográficas e documentais. Conforme menciona Gil (1989), a pesquisa bibliográfica é realizada em livros e artigos científicos de revistas já elaborados em outros momentos pelos autores. Sua principal vantagem é facilitar ao investigador uma cobertura maior de acesso a dados e consultar registros já existentes. O pesquisador (pelo histórico dentro do movimento) e a própria Efasol são fontes de pesquisa também.

Fonseca (2002, p. 32) traz uma contribuição importante para auxiliar na diferenciação de uma pesquisa bibliográfica para uma pesquisa documental:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Portanto, após a coleta, os dados foram sistematizados e analisados. Foi necessária a utilização de novas pesquisas bibliográficas e documentais para a

coleta de informações pertinentes e de embasamento das informações levantadas no questionário respondido pelos jovens egressos/as. Foram consultados documentos a partir de arquivos históricos e da própria organização (Efasol e Agefa), e também materiais visuais, facilitando a compreensão por meio de figuras, quadros, tabelas e gráficos.

Um dos mecanismos que também foi utilizado na análise dos dados após a pesquisa foi a técnica da Análise de Conteúdo. De acordo com Caregnato e Mutti (2006), divide-se em três etapas: pré-análise, sendo a fase de organização, utilizando procedimentos como leitura e procura de indicadores que fundamentam a interpretação. A segunda etapa se caracteriza pela exploração do material coletado e, por fim, o tratamento dos resultados e interpretação, ou seja, categorizar criando elementos que consistem na classificação dos semelhantes e por diferenciação, com posterior reagrupamento de acordo com as características mais comuns.

Para situar o leitor sobre a região que se está inserido, deu-se a necessidade de incluir este tópico sobre o Vale do Rio Pardo, região de maior abrangência da Efasol, que será tratado a seguir.

4.1 Vale do Rio Pardo: região de maior abrangência da Escola Família Agrícola de Vale do Sol

Para evidenciar a relevância da Escola no Município de Vale do Sol, busca-se apresentar as particularidades dessa região, muito presentes nos resultados desta pesquisa. Mas antes de caracterizar o Vale do Rio Pardo, faz-se necessário trazer alguns conceitos de território e região, bem como suas diferenciações. Flores (2006) retrata o quanto as discussões relacionadas ao tema território ganharam força nos últimos anos, visto que, inicialmente, essas tratativas ficavam sob responsabilidade das ciências sociais, estabelecendo a relação entre o domínio da espécie humana e/ou vegetação em uma determinada área física. Em seguida, relacionando as questões espaciais, uso dos recursos naturais de modo geral, foi incorporado pela geografia e, por fim, inúmeras disciplinas ou áreas do conhecimento, como a antropologia, economia política, sociologia, entre outras, que incorporaram o debate trazendo grande riqueza nas discussões sobre território.

Trazendo algumas reflexões e/ou interpretações sobre o território, Reis (2005) enfatiza que o território necessita ser interpretado, e não apenas considerado como uma variável de descrição das diferenças na repartição econômica, que, por exemplo, é muito realizado atualmente.

Portanto, o território deve ser visto como um processo, conforme traz Santos (1999), quando menciona as categorias de análise. O autor cita que o território não é uma categoria de análise, e sim a categoria de análise é o território usado, trazendo essa perspectiva por ser a mais adequada, a noção de um território em constante mudança, como um processo de construção social, conforme destaca:

[...] o território tem de ser visto como algo que está em processo. E ele é muito importante, ele é o quadro da vida de todos nós, na sua dimensão global, na sua dimensão nacional, nas suas dimensões intermediárias e na sua dimensão local. Por conseguinte, é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos. Ele tem de ser visto – e a expressão de novo é de François Perroux – como um campo de forças, como o lugar do exercício, de dialéticas e contradições entre o vertical e o horizontal, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos. (SANTOS, 1999, p.17).

Raffestin (1993) traz uma importante diferenciação conceitual sobre espaço e território. O espaço está relacionado ao patrimônio natural que existe em uma determinada região, enquanto o território seriam os atores que se apropriam do espaço pela ação social, representada por um jogo de poder atuam num espaço, e como resultado disso, se define a identidade e os limites geográficos. O território nasce, no entanto, como um resultado de uma ação social, que, de forma concreta e abstrata, apropria-se fisicamente e simbolicamente de um espaço. Por isso o território é entendido como um processo de construção social (FLORES, 2006).

A conceituação de região a partir da década de 1990 foi retomada mediante uma nova abordagem. Pode-se dizer que a região expressa as diferentes formas de apropriação e uso do território pela sociedade, ou seja, a região deve ser constituída de forma social, partindo de fatores em comum entre os sujeitos nas diferentes esferas (ETGES; DEGRANDI, 2013).

Santos (2006), quando fala sobre as regiões, menciona que, no decorrer da história das civilizações, as regiões foram se configurando por meio de processos orgânicos, sendo expressos através da territorialidade absoluta de um

grupo, prevalecendo suas características de identidade, exclusividade e limites, devido à única presença desse grupo, sem outra mediação. A diferença entre áreas se devia a essa relação direta com o entorno.

Comumente, entende-se a região como um subespaço, como uma construção estável longamente elaborada. Agora, neste mundo globalizado, com a ampliação da divisão internacional do trabalho e o aumento exponencial do intercâmbio, dá-se, paralelamente, uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões (SANTOS, 2006).

Por fim, relacionando o território com a região, percebe-se que o território não pode ser atribuído simplesmente aos fatores naturais ou físicos, conforme destaca Etges (2001), pois o uso desses territórios é determinado por interesses econômicos, sociais, políticos e culturais, cujos aspectos definem uma região.

A região do VRP é composta, atualmente, por 23 municípios, conforme representado na figura 20. Dos 23 municípios, em absolutamente todos, o cultivo do tabaco é existente. Segundo a Afubra, a produção do tabaco é histórica, havendo aumento na área plantada e no número de famílias produtoras nos últimos 25 anos. Em 1995, havia 200.830 ha e 132.680 famílias produtoras de tabaco, em 2019, esse número ultrapassa a casa dos 297.300 ha e 149.000 famílias produtoras na região Sul do Brasil. (AFUBRA, 2020).

De acordo com o Atlas socioeconômico do RS o Estado é o maior produtor de tabaco em folha do Brasil, com uma produção de 365.884 toneladas por ano, no triênio entre 2016/2018, levando o País a ocupar a segunda posição mundial no cultivo de tabaco (atualmente quem lidera é a China). Segundo Gomes (2014), no ano de 2010, os cinco municípios do VRP que lideraram a produção de tabaco em toneladas foram: Venâncio Aires, com 21.080 toneladas, Candelária, com 14.696, Santa Cruz do Sul, com 14.124 toneladas, Arroio do Tigre, com 12.687 toneladas e Vale do Sol, com 10.850 toneladas, resultando em aproximadamente 73.000 toneladas nesses municípios, enquanto a produção total nos 23 municípios desta região ultrapassa a 136.000 toneladas. Sendo assim, esses 5 municípios citados correspondem a mais de 50% da produção total da região.

Figura 20– Região do Vale do Rio Pardo



Dos 23 municípios, conforme se vê na figura acima, Venâncio Aires atualmente lidera como maior produtor de tabaco da região. Para se ter uma ideia, na safra 2019/20, havia 3.925 famílias produtoras de tabaco em uma área de 8.022 ha de lavouras da cultura, aproximando-se de 20 mil toneladas de tabaco. Realizando uma simples comparação, vê-se que esta realidade no

Município de Venâncio Aires praticamente não mudou nos últimos dez anos. Vale ressaltar que as propriedades são compostas por agricultores familiares, havendo uma média de 10,2 ha por propriedade/família no Município (JORNAL FOLHA DO MATE, 2020).

Redin (2010) traz que, nesse sistema, não existe nenhuma flexibilização para uma ação, independente do agricultor produtor de tabaco, seja nas práticas de cultivo, padrões do armazenamento, condições da comercialização e preço pago pelo produto, requisitos sobre a qualidade do produto final, entre outras questões. Todas as etapas do processo, com raríssimas exceções, são rigorosamente geridas pelas empresas.

Etges (2001) ainda destaca que todos esses municípios do VRP possuem como atividade predominante a cultura do tabaco. A comercialização do produto se realiza nos municípios onde as indústrias se localizam, ou seja, Santa Cruz do Sul principalmente, além de Venâncio Aires e Vera Cruz, nos quais se concentra o retorno fiscal decorrente da comercialização do tabaco.

Diante do contexto apresentado, sobretudo no que tange à produção do tabaco no VRP a presença da Efasol nesta região, é para justamente pensar outros arranjos produtivos e enfatizar que o VRP não é somente produção de tabaco, conforme demonstra Costa (2019, p. 17):

É de mostrar ao meio acadêmico e à região, do quanto esse território tem diversidade e o quanto a narrativa hegemônica do espaço dado “de origem alemã” e “produtor de fumo” não passa de uma narrativa que venceu no discurso regional e vamos evidenciar isso quando abordarmos a região em números e dados oficiais. Na verdade, essa região tem muitas outras possibilidades produtivas e especialmente nos últimos anos, em que a articulação de pessoas e entidades vem modificando o panorama monolítico até então dado. São várias cooperativas, associações de Agricultores/as, escolas, universidades, arranjos de entidades, sindicatos, que vêm buscando dialogar e pensar alternativas produtivas e outras formas de desenvolvimento para a região, que não seja apenas uma premissa, vertical e exógena como tem sido apresentada a fumicultura, muito embora até lideranças desse setor venham mudando a sua forma de orientar e se situar no debate regional.

A agroecologia é muito presente no VRP, sendo vivenciada e praticada na Agricultura Familiar Camponesa muito antes da consolidação da produção do tabaco. Prova disso, segundo Costa (2019), foi a criação da Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo – AAVRP, em 2013, composta, atualmente, por 21 entidades que fazem parte do VRP, sendo elas: Efasol, Sítio Cepa Cipó,

Associação dos Agricultores Produtores de Alimentos de Sinimbu - Apas, Associação Brasileira de Homeopatia Popular - ABHP, Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas - Ecovale, Sítio Surucuá, Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura - Sema do Estado do RS, por intermédio do Balcão Ambiental Santa Cruz do Sul, Grupo de Agroecologia Gaia, Efasc, Agefa, Escola de Jovens Rurais - EJR, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - Emater, Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale do Sol e Herveiras (STR), Sítio Vidas em Ecos, Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia - Capa, MPA, Comissão Pastoral da Terra - CPT, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Arranjo Produtivo Local de Agroindústrias e Produção de Alimentos da Agricultura Familiar do Vale do Rio Pardo - APLVRP, Centro Regional de referência em Saúde do Trabalhador da região dos Vales - Cerest Vales) e Associação de Mulheres Agroecológicas - AMA (COSTA, 2019).

A criação da Articulação em Agroecologia do VRP foi essencial e estratégica para a região, com a finalidade específica de articular as entidades acima mencionadas, na perspectiva de constituir uma identidade regional, baseada na coletividade, para demonstrar a dimensão da Agroecologia na região.

Portanto, após essa explanação, pode-se ver mais claramente onde a Efasol está inserida, sobretudo as particularidades encontradas no VRP, bem como as contradições existentes e enfatizar a importância das EFAs nessa região, promovendo uma educação diferenciada para a juventude aqui presente, abrindo novos horizontes para suas vidas. Esses fatores serão vistos no próximo tópico, onde será tratado sobre o jovem pesquisado e seu atual local de residência.

4.2 Identificação do jovem pesquisado e seu atual local de residência

O coletivo pesquisado para compor as informações descritas compreendem o universo das três primeiras turmas formadas pela Efasol, sendo elas: A primeira, que ingressou no ano de 2014, basicamente jovens oriundos do Município de Vale do Sol (total de 14 jovens), de Sinimbu (2 jovens), Lagoa

Bonita do Sul (2 jovens), Cachoeira do Sul (1 jovem), Candelária (1 jovem) e Tunas (1 jovem).

Foram um total de 21 jovens¹² (14 meninos e 7 meninas – 33,3% de meninas) que finalizaram a formação no ano de 2016. A Figura 21 representa a turma de 2014 da Efasol:

Figura 21 – Primeira turma de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (ingresso em 2014)



Fonte: arquivo Efasol, 2021.

A segunda turma pesquisada ingressou na Efasol no ano de 2015, sendo jovens do Município de Vale do Sol (total de 12 jovens), Vera Cruz (2 jovens), Cachoeira do Sul (1 jovem) e Barros Cassal (1 jovem). Percebe-se que muitos jovens ainda eram do Município de Vale do Sol, porém, nessa segunda turma, integrou-se na abrangência da escola, o Município de Vera Cruz e Barros Cassal.

¹² Houve 3 desistências na primeira turma, portanto, são 21 jovens que concluíram sua formação junto à Efasol.

Foram um total de 16 jovens (13 meninos e 3 meninas – 18,8% de meninas) que finalizaram a formação no ano de 2017. A Figura 22 representa a turma de 2015 da Efasol:

Figura 22 – Segunda turma de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (ingresso em 2015)



Fonte: arquivo Efasol, 2021.

Por fim, a terceira turma pesquisada ingressou na Efasol no ano de 2016, sendo jovens do Município de Gramado Xavier (total de 8 jovens), Vale do Sol (4 jovens), Vera Cruz (1 jovem), Barros Cassal (2 jovens), Sinimbu (3 jovens), Lagoa Bonita do Sul (1 jovem), Candelária (1 jovem), Herveiras (3 jovens), Salto do Jacuí (3 jovens), Arroio do Tigre (1 jovem) e Ibarama (1 jovem).

Percebe-se, nesse caso, que no Município de Vale do Sol houve uma grande redução no número de estudantes, porém existiu um grande aumento na área territorial de abrangência da Efasol, integrando novos municípios nesse ano, como Gramado Xavier, Herveiras, Salto do Jacuí, Arroio do Tigre e Ibarama.

Porém, destaca-se que Salto do Jacuí é o município de maior distância em relação à sede da Efasol, com mais de 200 quilômetros (km) de distância. Essa turma também foi a maior que ingressou na Efasol, totalizando 28 jovens (19 meninos e 9 meninas – 32,2% de meninas), que finalizaram a formação no ano de 2018. A seguir, a Figura 23, que representa a turma de 2016 da Efasol:

**Figura 23 – Terceira turma de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol
(ingresso em 2016)**



Fonte: arquivo Efasol, 2021

O universo proposto a ser pesquisado totalizou 65 jovens, 46 meninos e 19 meninas (29,2% de meninas), sendo algo bem significativo e expressivo em relação a essas três primeiras turmas de estudantes da Efasol, fechando um ciclo importante na escola, visto que todas as atividades ficam diretamente ligadas às turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio e Técnico em Agricultura, além dos estágios.¹³

O momento da formatura se torna um marco histórico para a EFA, sobretudo para os jovens, na perspectiva de um fechamento de ciclo formativo, de dever cumprido, também de abertura de novos desafios, novas oportunidades, experiências e assim por diante.

As Figuras a seguir retratam um dos momentos mais esperados pelos jovens: sua formatura, momento de felicidade, orgulho e de abertura de novos caminhos.

¹³ Os estagiários aqui se referem aos jovens que finalizaram o 3º ano, e que vão para o estágio de conclusão de curso para obterem o título de Técnico em Agricultura.

Figura 24 – Turma de formandos de 2016 (21 jovens)



Fonte: arquivo Efasol, 2021.

No dia 16 de dezembro de 2016, ocorreu a primeira formatura de jovens da Efasol, uma data histórica, como retrata o próprio convite: *“em nossos passos pela estrada, vão ficar marcados nosso suor, nossas lágrimas, nossos sorrisos, nossos aprendizados, nossa luta e a certeza de que esse é apenas o começo”*. Na Figura 25, a segunda turma de formandos da Efasol, chegando, nesse ano, a 37 egressos/as no total.

Figura 25 – Turma de formandos de 2017 (16 jovens)



Fonte: arquivo Efasol, 2021.

Por fim, a Figura 26, da terceira turma formada pela Efasol:

Figura 26 – Turma de formandos de 2018 (28 jovens)



Fonte: arquivo Efasol, 2021.

E assim foi como no primeiro convite: “*é apenas o começo*”. Nesse dia, 15 de dezembro de 2018, a Efasol chega na marca dos 65 jovens egressos/as. Um momento histórico, simbólico e importante para a Escola e o movimento das EFAs no Estado e no Brasil, sobretudo para as juventudes camponesas.

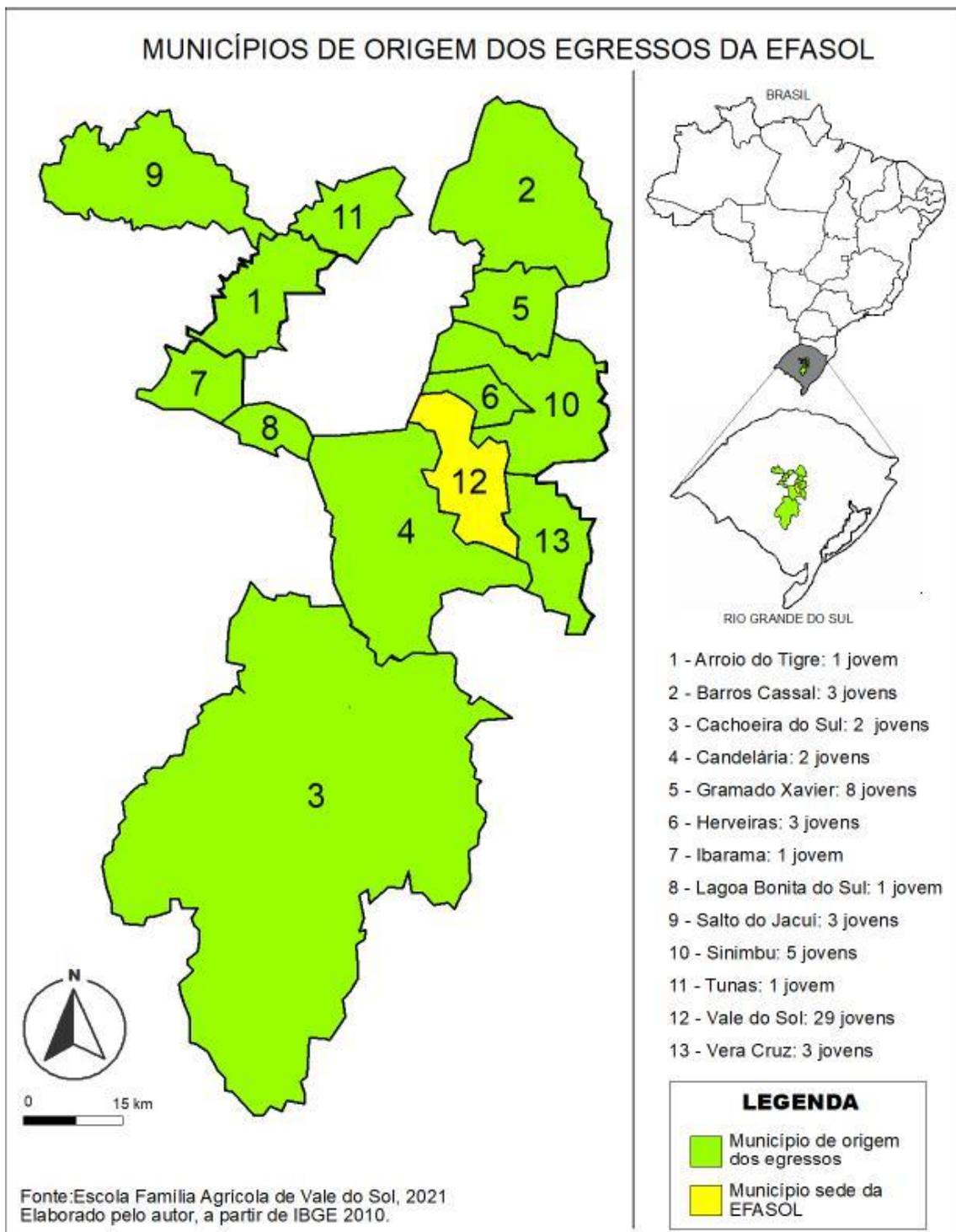
Portanto, após essa importante explanação sobre as turmas que participaram desta pesquisa, dos 65 egressos/as da Efasol que foram convidados a participar com o envio do questionário *on-line* por *e-mail*, explicando a proposta da pesquisa, seus objetivos e sua importância para a Escola e para o movimento Ceffas no Brasil e no mundo. Destes, 62 responderam, ou seja, obteve-se uma taxa de retorno de 95,4%, sendo um número altamente significativo tratando-se de uma pesquisa de livre adesão. Isso retrata a importância da pesquisa até mesmo pelos egressos/as da Efasol.

A relação que as EFAs, sobretudo a Efasol, constroem e possuem com os estudantes que passaram pelo processo de formação, apenas pela denominação egresso/a já traz seu diferencial. Entende-se que mesmo após a formação do jovem na Escola, ele permanece ligado, próximo a ela, e muitos deles presentes na associação local ou mantenedora, e até mesmo no grupo de monitores das próprias organizações. Na EFA, não existe ex-aluno, na EFA existe a relação de pertencimento que perpetua na vida pós-formação do jovem. Devido a isso, chama-se quem passou pela EFA de egresso ou egressa.

Dando continuidade à pesquisa em específico, após o retorno dos 62 jovens egressos/as da Efasol, pode-se afirmar que todos os dados e informações mencionadas de agora em diante são de acordo com as respostas dos 62 jovens que participaram da pesquisa. Todos esses jovens em específico, quando iniciaram sua formação na Efasol, residiam em suas propriedades, com suas famílias, sendo caracterizados como Agricultores Familiares Camponeses da região.

O mapa a seguir demonstra o município de origem, ou seja, de quando os jovens ainda estudavam na Efasol, para, posteriormente, fazer-se um comparativo de onde estão hoje.

Mapa 1 – Municípios de origem dos egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol



Os municípios com maior número de jovens que estudaram na Efasol foram Vale do Sol e Gramado Xavier, conforme demonstra o mapa acima, pois correspondem a 60% do total de jovens.

Do universo de 62 jovens que participaram da pesquisa, 45 são meninos e 17 são meninas (27,4% de meninas). Na Tabela 4, é possível ver a relação de respostas por turmas (que responderam o questionário):

Tabela 4 – Número de respostas e porcentagem de retorno por turma

Turma (de ingresso na EFASOL)	Número total de estudantes	Número respostas	% em relação à turma
2014	21	19	90,5
2015	16	15	94
2016	28	28	100

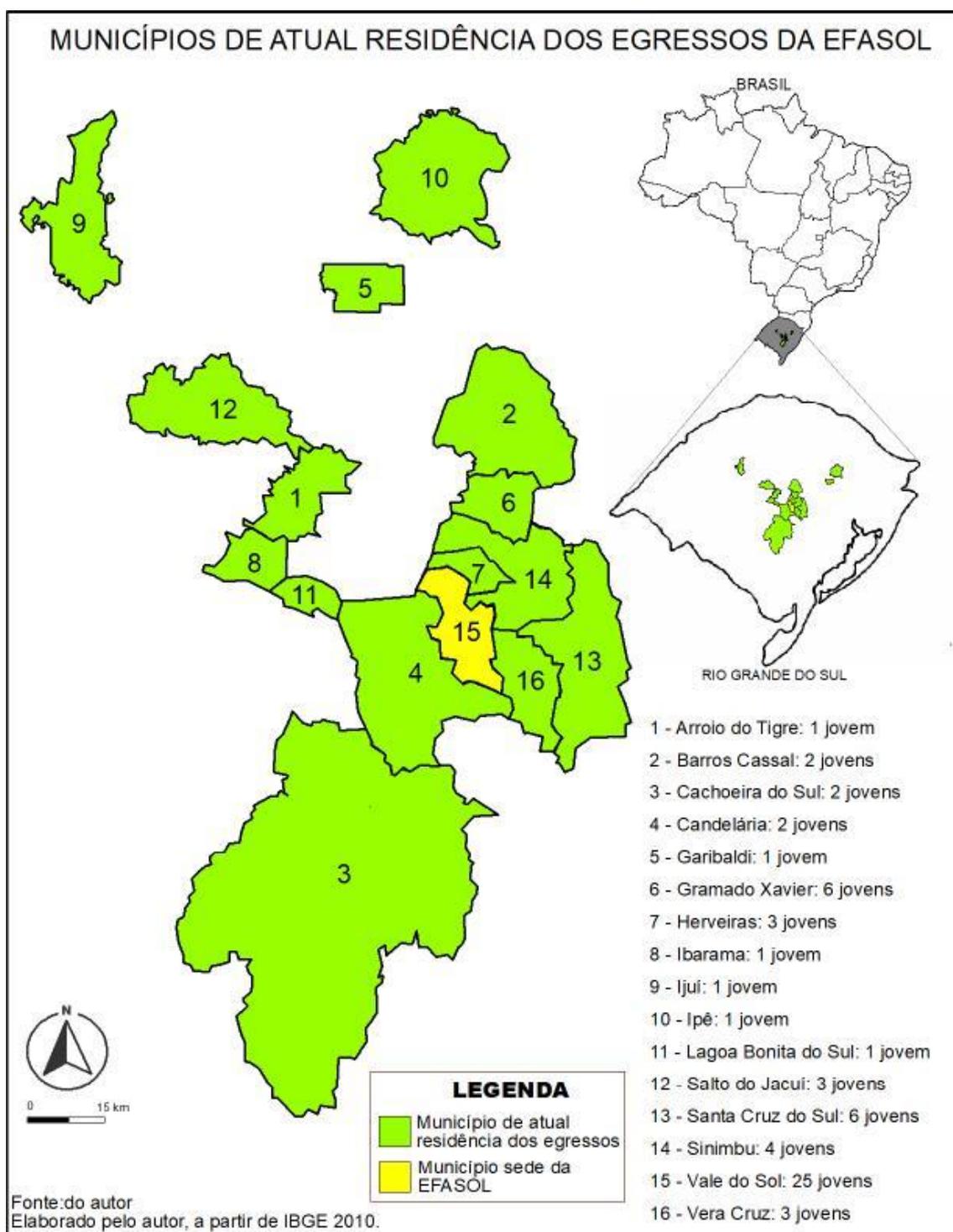
Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Percebe-se uma certa semelhança na quantidade dos retornos da pesquisa realizada, havendo pouca variação de uma turma para outra, por mais que as duas primeiras turmas sejam de menos egressos/as. A idade atual dos jovens demonstrou uma variação de 20 até 26 anos, caracterizando definitivamente todo o grupo pesquisado como jovens, segundo institui o Estatuto da Juventude, sob a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

Vale mencionar que o público egresso da Efasol se distingue em perfil juvenil, conforme traz Pozzebon (2015), melhor dizendo, em uma condição transitória, não linear, que possivelmente estão em constantes mudanças de vida, tanto social quanto profissional, até chegarem ao momento de suas vidas adultas, gerando momentos conflituosos na busca de afirmação sobre quais caminhos seguir.

Em relação ao atual local de residência dos jovens, o Mapa 2 destaca os municípios onde os jovens estão residindo nesse exato momento de suas vidas:

Mapa 2 – Municípios de atual residência dos egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol



De modo geral, vê-se que parte muito significativa dos jovens ainda reside em seus municípios de origem, fazendo o comparativo em relação ao mapa anterior. Totalizam 52 jovens (84%) que ainda residem em seus municípios de origem dos que foram estudar na Efasol. Além disso, outros sete jovens (11,2%)

saíram de seus municípios de origem, mas permaneceram na região do VRP, residindo, nesse caso, em municípios próximos, como Santa Cruz do Sul (6 jovens), que foram em busca de qualificação por meio do ensino superior principalmente, e também em busca de novas oportunidades de trabalho, e um jovem que migrou residência para o Município de Herveiras, em virtude de seu trabalho.

Houve jovens que, além de saírem de seus municípios, migraram residência para municípios de outras regiões. Foram 3 jovens (4,8%) que foram em busca de qualificação através por meio do ensino superior, e em busca de oportunidades de trabalho, nos municípios de Ipê e Garibaldi/RS, na Serra Gaúcha, e em Ijuí/RS, região noroeste do Estado do RS. Esses municípios estão mais deslocados do mapa, por serem de regiões diferentes e distantes do VRP

Vale destacar que somente dez jovens mudaram de residência, no entanto. Todos residem no Estado do RS até o momento. Para facilitar o entendimento, o Quadro 3 simplifica sobre o município de origem desses dez jovens, e os municípios em que estão atualmente, após a mudança de residência, depois da formação na Efasol:

Quadro 3 – Município de origem e de atual residência dos egressos/as da EFASOL

Município (s) de origem	Atual município de residência
Vale do Sol	Ipê
Vale do Sol	Herveiras
Barros Cassal	Garibalde
Tunas	Ijuí
Vale do Sol, Gramado Xavier, Sinimbu e Herveiras	Santa Cruz do Sul

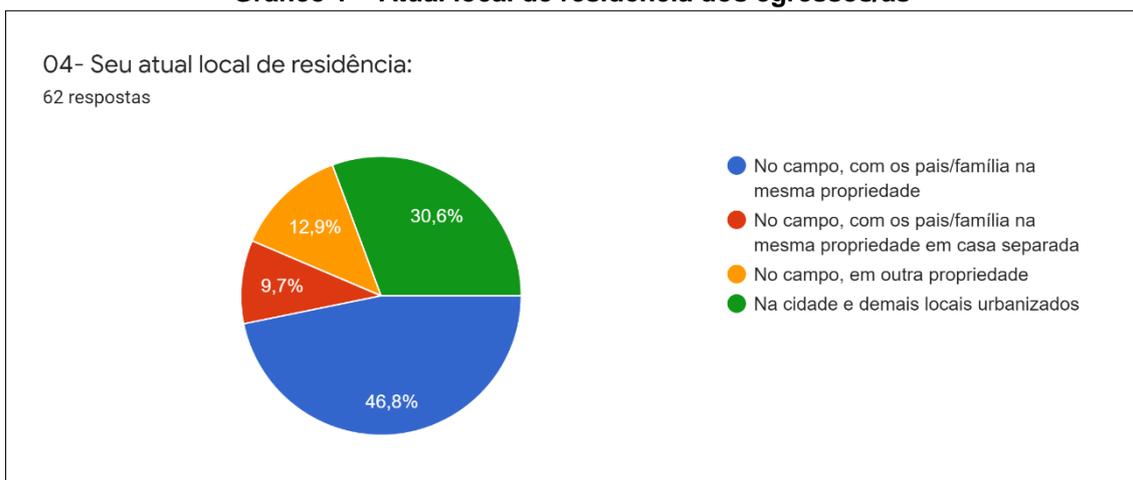
Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Houve mudança de residência de jovens de Vale do Sol para Ipê e Herveiras, de Barros Cassal para Garibalde e de Tunas para Ijuí. O Município de Santa Cruz do Sul, onde atualmente residem seis egressos/as da Efasol, dois eram de Vale do Sol, dois de Gramado Xavier, um de Heveiras e outro de Sinimbu, onde foram em busca de trabalho e educação. Wink (2000) traz uma explicação para essa mudança significativa de jovens migrando residência para

Santa Cruz do Sul. Esse município em específico, é o maior município em termos habitacionais do VRP. Ao atingir as décadas de 1960 e 1970, a conjunção de fatores políticos e econômicos fez concentrar na cidade entidades e órgãos públicos, estaduais e federais. Com isso, Santa Cruz do Sul continua contribuindo para o aumento de seu dinamismo, através de sua estruturação como centro prestador de serviços em diversas áreas, incluindo educação, saúde e lazer, voltados ao atendimento de toda a região, da qual se tornou polo. Desde muito cedo, Santa Cruz do Sul assumiu um papel de liderança regional, tornando-se centro dos principais acontecimentos sociais, políticos e econômicos, confirmando, ao longo dos anos, sua influência sobre as demais cidades do VRP, aumentando sua produção industrial e fortalecendo o setor terciário, tornando-se um dinâmico centro comercial, educacional e de serviços, direcionado também ao atendimento das cidades próximas. Contudo, sua condição de polo econômico regional atraiu, neste período, contínuas levas de imigrantes à procura de colocação no mercado de trabalho, caracterizado principalmente pela oferta de empregos temporários no setor industrial fumageiro (WINK, 2000).

De modo geral, 59 jovens (95,2%) estão na região do VRP, ou seja, apenas 4,8% dos egressos/as da Efasol migraram residência para outras regiões do Estado do RS, o que é um fator extremamente significativo, pois, percebe-se uma relação de pertencimento muito forte com seu local de origem e/ou região. E os jovens que optaram por sair foram em busca de novas oportunidades para suas vidas, de trabalho e de estudos, conforme relatado. Ainda sobre o atual local de residência do jovem, está representado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Atual local de residência dos egressos/as



Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

De acordo com o gráfico, dos 62 jovens egressos/as, 29 residem no campo, com os pais/família, na mesma propriedade, o que significa que, aproximadamente, 50% deles continuam ativos. Outros seis jovens residem também no campo, com os pais/família, na mesma propriedade, porém em casa separada, totalizando 9,7%. Por fim, oito jovens residem também no campo, mas em outra propriedade (não sendo de seus pais/família nesse caso), chegando a 12,9%. Por outro lado, 19 egressos/as estão residindo na cidade e demais locais urbanizados, chegando a 30,6% dos jovens.

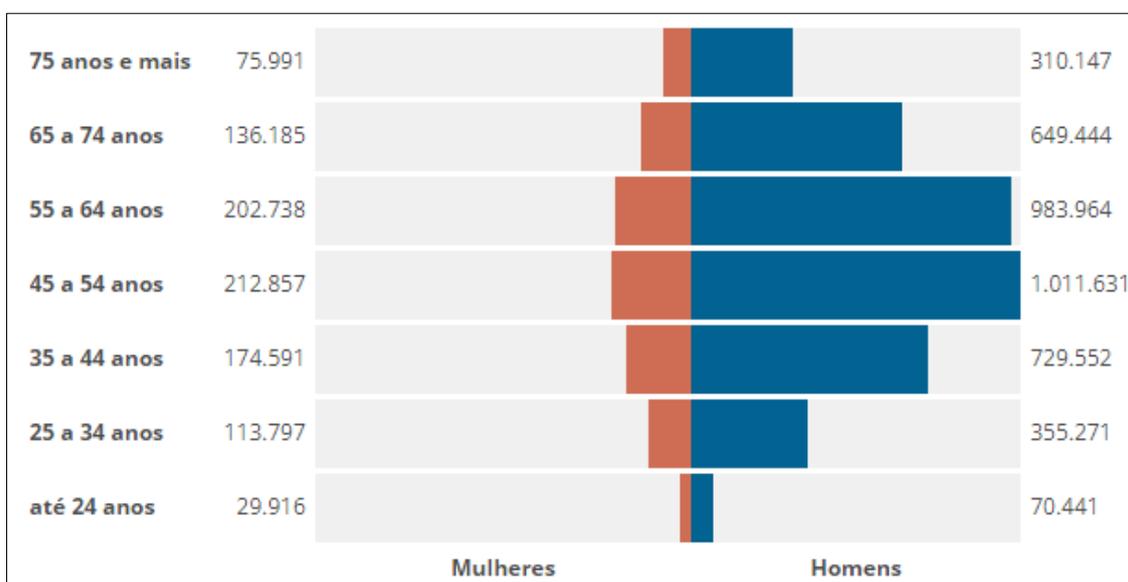
Trazendo um outro olhar em relação à quantidade de jovens que estão no campo, sendo com seus pais/família, na mesma propriedade ou em casa separada, e até mesmo no campo, mas em outra propriedade, alcançou-se um marco de 43 jovens, significando que 69,4% dos egressos/as da Efasol estão residindo no campo atualmente, a grande maioria com seus pais. Essa informação evidencia que os jovens estão permanecendo no campo, tendo sua vida profissional ligada à agricultura em muitos casos.

A região do VRP, segundo o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo 2015-2030, possui uma população de 418.141 habitantes, destes, 154.179 residem no campo, ou seja, 36,8% da população da região. Já no Estado do Rio Grande do Sul, de acordo com o IBGE, a população estimada em 2021 era de 11.466.630 habitantes, porém a população no último censo (2010) foi de 10.693.929 habitantes. Dessa população gaúcha de pouco mais de

10,6 milhões de pessoas, 1.593.638 residem do meio rural, ou seja, 14% da população do Estado do RS reside no campo.

Em relação à população mais jovem (entre 25 e 35 anos), totaliza apenas 10% segundo o Censo Agropecuário de 2017. No Gráfico 2, pode-se fazer um comparativo relacionado ao número de estabelecimentos agropecuários (propriedades), por sexo e idade, dos agricultores no Brasil.

Gráfico 2 – Número de estabelecimentos agropecuários por sexo e por idade do produtor no Brasil



Fonte: censo Agropecuário de 2017.

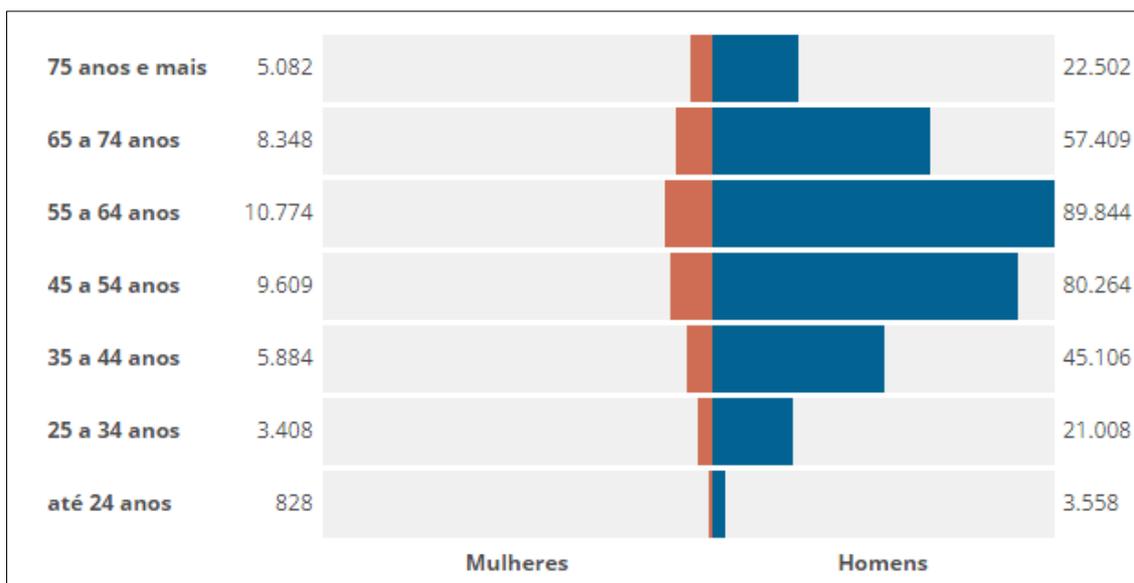
De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, as 15.105.125 pessoas ocupadas em estabelecimentos agropecuários no Brasil estão em 5.073.324 estabelecimentos. Segundo o Gráfico 2 acima, apenas 100.357 (0,66% dos estabelecimentos) são de jovens até 24 anos, sendo 29.916 mulheres e 70.441 homens, enquanto 1.224.488 estabelecimentos são de pessoas entre 45 a 54 anos, havendo 212.857 mulheres e 1.011.631 homens.

Em ambas as situações, vê-se a masculinização do campo, havendo uma diferença extremamente significativa de mais homens do que mulheres, além do próprio envelhecimento do campo, pois mais de 63% dos estabelecimentos (3.196.819 no total) estão sob comando de agricultores entre 45 a 74 anos no Brasil.

Segundo Camarano e Abramovay (1999), o envelhecimento e a masculinização da população do campo são evidentes quando se fala em estudos dos movimentos migratórios rurais. São cada vez mais jovens deixando o meio rural, entre eles, é preponderante a participação das mulheres.

No Gráfico 3, pode-se analisar os dados do RS em relação aos estabelecimentos agropecuários por sexo e idade:

Gráfico 3 – Número de estabelecimentos agropecuários, por sexo e por idade, do produtor no Rio Grande do Sul



Fonte: censo Agropecuário de 2017.

Já no RS, alguns números divergem, porém, o resultado final segue uma semelhança em relação ao Brasil. As 992.413 pessoas ocupadas em estabelecimentos agropecuários no Estado estão em 365.094 estabelecimentos, segundo o Censo Agropecuário de 2017. Destes, apenas 4.386 (1,2% dos estabelecimentos, enquanto no Brasil é 0,66%) são de jovens até 24 anos, sendo 828 mulheres e 3.558 homens, enquanto 100.618 estabelecimentos são de pessoas entre 55 a 64 anos, havendo 10.774 mulheres e 89.844 de homens.

Em ambas as situações, vê-se a masculinização do campo também, havendo uma diferença extremamente significativa de mais homens do que mulheres, além do próprio envelhecimento do campo em evidência no Estado, pois mais de 70% dos estabelecimentos (256.248 no total) estão sob comando

de pessoas entre 45 a 74 anos, enquanto, no Brasil, esse número chega a 63%, ou seja, no RS esse número ultrapassa a estatística nacional.

A falta de perspectivas vinculadas com o mundo da agricultura e o não reconhecimento de si enquanto “ser mais” na questão do entrelace do gênero e da classe acarreta uma seletividade do êxodo rural com fluxo maior e constante de jovens e mulheres, o que implica no envelhecimento e na masculinização da população rural. (VERGUTZ, 2021, p. 246).

A masculinização e o envelhecimento do campo não é um processo homogêneo e apresenta certas variações, conforme a região e a faixa etária. Segundo Costa, Froehlich e Carpes (2013), ela acontece pelas relações de produção que se estabelecem, associadas à intensidade destes sistemas produtivos, ou seja, existe uma relação direta entre a modernização da agricultura e a intensidade da masculinização, pois a modernização teria provocado a diminuição da necessidade e da intensidade da mão de obra. Dessa forma, a mão de obra das mulheres na produção agrícola tornou-se desnecessária em muitas vezes.

De acordo com a pesquisa, 69,4% dos jovens egressos/as que estão residindo no campo, 28% são mulheres. Porém, um dado interessante de mencionar, diante da grande masculinização e envelhecimento do campo, conforme citado anteriormente, é que o público feminino pesquisado foi de 17 meninas, destas, 12 estão no campo. Isso significa que 70,6% das jovens egressas da Efasol estão no campo, enquanto dos homens (45 meninos), são 31 ou 68,9%. Portanto, pode-se afirmar que, proporcionalmente, a juventude feminina, composta por jovens egressas da Efasol, está residindo no campo em maior número que os jovens (meninos).

Diante dessa explicação, percebe-se o quanto a juventude egressa da Efasol está residindo no campo, sobretudo da presença feminina, indo de encontro às das estatísticas no âmbito nacional e estadual. Além disso, os jovens continuam realizando atividades em suas próprias propriedades e/ou de suas famílias, dentro de uma realidade juvenil que se encontram, o que é um resultado muito relevante.

A existência da mulher no campo é algo primordial quando se fala em sucessão rural, produção de alimentos e juventude no campo. Hoje, o

êxodo rural está em grande escala, sobretudo o êxodo rural feminino, em que a valorização e a importância da mulher na agricultura são fundamentais.

Conforme Marion (2016), em qualquer setor (no âmbito econômico ou social), o trabalho e a participação das mulheres são essenciais. A mulher desempenha indispensável papel de mãe, esposa e dona de casa, que, muitas vezes, não é reconhecido. Embora já tenha havido evolução sobre o reconhecimento e a importância do papel feminino no meio agrícola, vê-se, em nossa cultura, a dificuldade em aceitar essa realidade, pois, apesar das diferenças entre o homem e a mulher, ambos são igualmente capazes de desenvolver as atividades agrícolas de uma propriedade.

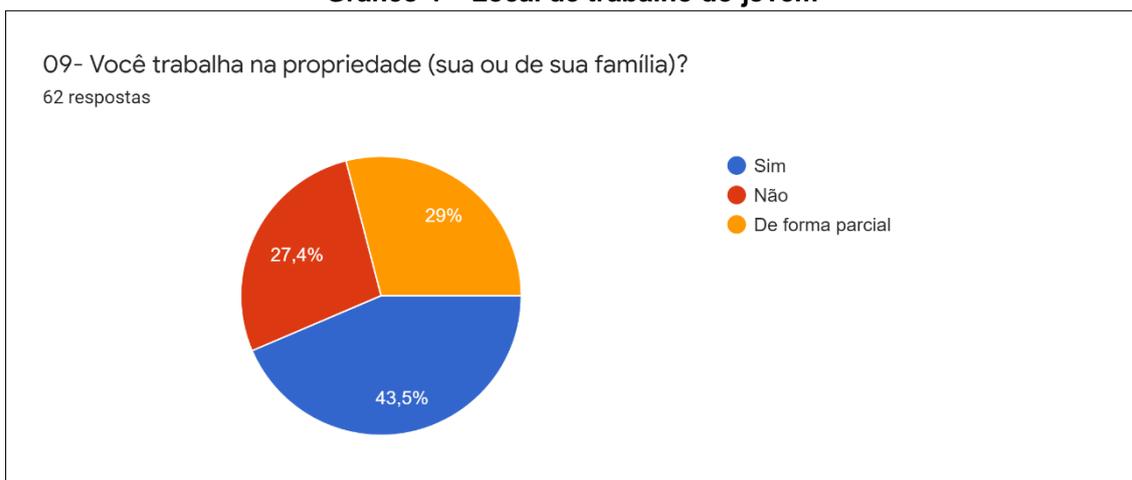
Bastiani e Strasser (2012) trazem que isso é um reflexo dos diferenciais da Educação do Campo, pois, por meio de uma educação voltada para o jovem do campo, torna-se algo fundamental que vai influenciar e possibilitar ao jovem a permanência no espaço em que está inserido. A Educação do Campo leva em consideração as especificidades desse público, porque contribui para o fortalecimento e a valorização da identidade de ser um agricultor.

Após essa identificação do jovem pesquisado, e ver-se o atual local de residência dos egressos/as da Efasol, o próximo tópico será sobre as experiências socioprofissionais dos jovens egressos/as e o acesso à educação.

4.3 Experiências socioprofissionais de jovens egressos/as da Escola Família Agrícola de Vale do Sol e suas relações com o campo e/ou a cidade

A juventude egressa da Efasol é um grupo que está, de certa forma, em uma fase transitória de suas vidas, tanto social quanto profissional, na busca de sua autonomia, projetos pessoais e objetivos de vida. O Gráfico 4 demonstra a relação do jovem com o seu local de trabalho:

Gráfico 4 – Local de trabalho do jovem



Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Observa-se que em relação às experiências socioprofissionais, 27 jovens (43,6%) estão diretamente trabalhando na propriedade (sua ou da família), mais 18 jovens (29%) de forma parcial e 17 jovens (27,4%) não trabalham na propriedade. Nesse sentido, 45 jovens (72,6%) trabalham em sua propriedade, ou de sua família, integralmente ou parcialmente, sendo uma informação significativa, esse número de jovens que seguem ligados à propriedade e possuem renda da agricultura.

Da parcela de 17 jovens que não trabalham na propriedade, 10 (59%) possuem vínculo com a agricultura de outra forma, ou seja, trabalham com assistência técnica para agricultores, estudando graduação e outros cursos na área das agrárias (e afins), atuam em movimentos sociais e sindicais, entre outros espaços. Por fim, pode-se colocar que mesmo que o jovem não trabalhe em sua propriedade, ou de sua família, pode existir, sim, vínculo com a agricultura, pois suas atuações têm papel fundamental para a Agricultura Familiar Camponesa.

Em dissertação realizada por Lucas (2021), foi identificado, em egressos/as das EFAs, um grande diferencial ao prestarem orientações de assistência técnica para agricultores que estavam na busca da diversificação do tabaco, pois havia um grande envolvimento com a agroecologia, que, conforme o autor, a formação na Escola influenciava no trabalho a campo com esses agricultores.

Nesse sentido, pode-se afirmar que 88,7% (55 jovens) dos egressos e das egressas da Efasol possuem vínculo com a agricultura. É um número bem expressivo, diante de todo o contexto estadual e nacional em que a juventude do campo vive. No caso da juventude egressa da Efasol, percebe-se sinais claros de pertencimento, ocupação direta e indireta com e também na Agricultura Familiar Camponesa.

É possível entender claramente a influência das EFAs na vida dos jovens, pois, através da sua inserção, o jovem se empodera, e constrói uma relação de pertencimento à dinâmica social da família e da comunidade. Além disso, vê perspectiva de qualidade de vida e geração de renda a partir do trabalho com a agricultura. Dessa forma, encontram meios para permanecer no campo e dar continuidade às atividades agrícolas, contribuindo para a sucessão rural (BOFF *et al*, 2019).

Pozzebon (2015) menciona que os jovens, mesmo quando residem na cidade, não significa necessariamente uma ruptura da identidade com o campo e, muito menos, que ele não possa contribuir com o desenvolvimento do seu meio, na propriedade de sua família. Ainda, segundo o autor, na EFA, o jovem se torna sujeito do processo, e a formação abre horizontes e oportunidades para que ele possa realizar suas escolhas futuras como cidadão (POZZEBON, 2015).

Haver 88,7% da juventude egressa da Efasol com vínculo com a agricultura é um reflexo do processo ensino-aprendizagem das EFAs. Existem vários fatores que podem contribuir com esse resultado, um deles é a própria PA, pois não perder o vínculo com sua família é um fator fundamental para o jovem manter vínculo com a agricultura.

A PA contribui para a construção do conhecimento teórico e empírico dos jovens que passaram pela EFA, pois uma educação contextualizada a sua realidade, novas ações e intervenções são criadas a partir disso, promovendo o desenvolvimento do seu meio. Vergutz (2013) traz que, por meio da metodologia da PA, cria-se um contato embasado na relação estudante-família-escola, em que o estudante intercala, permanecendo uma semana na escola, com contato constante com seus colegas e monitores, socializando e tendo novos aprendizados e a outra, imerso nas vivências da família e de suas atividades agrícolas, sem perder os vínculos familiares.

García-Marirrodriaga e Piug Calvó (2010) destacam que a PA permite a cada jovem viver sucessivamente períodos distintos, sendo na escola (centro de formação) e na propriedade. Sua formação está centrada na vida, na realidade cotidiana da família (trabalho e lazer), promovendo ações que venham a fortalecer o meio de onde vivem (desenvolvimento do meio).

A mediação entre os saberes teóricos escolares e os saberes teórico-práticos familiares objetivava proporcionar uma formação geral que levasse o jovem a aumentar seu campo de conhecimento, a fim de possibilitar-lhe a transposição das suas ansiedades meramente técnicas para uma compreensão da realidade em que está inserido, bem como adquirir uma formação humana sólida, visando ao surgimento de lideranças responsáveis, competentes e comprometidas com as mudanças necessárias para os contextos camponeses. (CALIARI, 2013, p. 188).

O envolvimento com a família (pais e avós) é outro fator decisivo, pois, na EFA, a própria nomenclatura retrata: Família - a participação da família na formação dos jovens na Efasol e nas demais EFAs é fundamental em todo o processo, pois é através da família que o jovem vai conhecendo a sua história, a história da propriedade e suas particularidades. O Plano de Estudos é essencial nesse envolvimento, pois, em praticamente todas as atividades que envolvem a elaboração de um Plano de Estudos, a participação da família é indispensável.

Algo muito decorrente que ocorre durante o processo formativo na EFA é aproximação dos estudantes com os avós. Essa aproximação ocorre de uma forma muito simbólica, pois, em muitos casos, o avô ou a avó do jovem reside próximo ou na mesma propriedade, muitas vezes, já aposentado e, devido a isso, não havendo obrigações de trabalho, ocorre uma grande aproximação do jovem com seus avós. Nessa aproximação, existe algo crucial, que é um resgate de conhecimentos e saberes populares que seus avós trazem de seus antepassados, ou seja, é o conhecimento popular entrando em ação por meio dessa aproximação construída principalmente com os avós da juventude egressa da Efasol.

Segundo Pozzebon (2015), o envolvimento familiar por meio da participação dos avós dos estudantes durante o processo de formação é fundamental para o jovem, atuando como mediadores muitas vezes, e como

ponto de apoio, seja para escuta ou para resgates de práticas antigas, entre elas, as agroecológicas.

A formação integral, por meio da Educação contextualizada com o jovem do campo, que proporciona um ensino que valoriza os saberes dos Agricultores Familiares Camponeses, tornando o jovem como principal sujeito de sua história, com uma formação que vai muito além de técnica profissionalizante, uma formação humana, crítica e reflexiva que fará o diferencial em seu meio, é outro fator importante para essa juventude manter vínculo com a agricultura.

O estudante de um CEFFA vai dialogicamente fazendo sua formação no cotidiano, com a observação do seu meio através das pesquisas que realiza. Isso o faz refletir sobre o objeto pesquisado, trazendo essas mensagens da sua realidade para o meio escolar, onde, na interação com demais colegas de realidades distintas, professores/monitores constroem o seu saber, com uma troca seminal de experiências advindas de seus meios sociais. Isso tudo ganha espaço nas aulas, através da reflexão com os conteúdos das áreas do conhecimento aliados à sua pesquisa. (COSTA, 2012, p. 113).

Pode-se incluir como outro fator o acompanhamento personalizado dos jovens por meio das tutorias, o que vai além da motivação para os estudos e as pesquisas, mas também promove o engajamento com o processo, da interação e relações com os colegas, da vida em grupo. É o tutor na Efasol que acompanha toda a construção do PPJ. O PPJ é uma ação pensada e articulada pelo jovem em conjunto com sua família, com a qual o tutor contribui pedagogicamente nos diálogos e mediações, nas orientações de pesquisa e demais encaminhamentos necessários.

O próprio PPJ se torna um indicativo muito grande em relação ao número de jovens que possuem vínculo com a agricultura, pois todos os PPJs na Efasol possuem relação direta com a agricultura/pecuária e, entre ambos, a presença de temas que envolvem o beneficiamento de alimentos é muito comum. O PPJ é além de um projeto profissional, pois o jovem se apropria de tal forma de determinado tema proposto que se torna uma referência em sua propriedade/comunidade.

Visitas às famílias e visitas de estudos são fatores importantes de mencionar também. As visitas às famílias na Efasol sempre são realizadas por dois profissionais da Escola: um tutor e um monitor, que se deslocam até a

Unidade de Produção Camponesa - UPC do estudante. Essa visita é sempre um momento muito simbólico, pois é possível perceber a atuação do jovem em seu meio, seus experimentos práticos, sua área experimental, bem como sua relação com a família. Serve também para conhecer melhor a realidade do jovem, além de acompanhar suas atividades desenvolvidas na propriedade de sua família, tanto produtivas como sociais. As visitas são uma forma de estender a Escola em seu meio, onde o jovem está inserido.

Além disso, as famílias se organizam e se preparam para receber os monitores em suas propriedades. “Impossível visitar algum estudante sem se deliciar com maravilhosos alimentos preparados para nos receber, representando toda a simbologia da produção de alimentos, e todo conhecimento histórico e popular presente em sua preparação” (fala do autor). Na próxima Figura, destaca-se as visitas nas propriedades das famílias dos jovens:

Figura 27 – Visitas às famílias de estudantes da Escola Família Agrícola de Vale do Sol



Fonte: arquivos Efasol, 2019.

Já as visitas de estudos proporcionam um novo olhar aos jovens. São organizadas no plano de formação da Escola, vêm para contribuir na prática sobre algum assunto abordado na teoria, em sala de aula. Proporcionam ver

experiências concretas sobre determinadas atividades, que contribuem na sua formação, mas que, principalmente, abrem novos horizontes na vida do jovem. As visitas de estudos têm como objetivo ver outras realidades locais e regionais que possam servir de motivações no que tange à importância da produção de alimentos saudáveis, agroecologia, sucessão rural e qualidade de vida.

Figura 28 – Visitas de estudos para qualificar o ensino dos jovens durante sua formação na EFASOL



Fonte: arquivos Efasol, 2019.

Por fim, afirma-se que a própria agroecologia é um fator essencial para o jovem manter vínculo com a agricultura. Desde o início das atividades da Efasol, a Escola constituiu uma área experimental de conhecimento agroecológico e de processos que envolvem a transição agroecológica, gerando, assim, conhecimento sobre a agroecologia não somente teórico, mas também prático, e sua importância para o agroecossistema no contexto atual.

Atividades práticas voltadas à produção agroecológica, à diversificação produtiva nas propriedades, à produção de alimentos saudáveis, entre tantas outras que a Escola vem trabalhando, trazem experiências e princípios que levam a uma produção diferenciada e agroecológica, conforme retrata a Figura 29.

Figura 29 - Aulas práticas na Escola Família Agrícola de Vale do Sol



Fonte: arquivos Efasol, 2019.

Diversas atividades que envolvem a produção agroecológica são desenvolvidas durante as aulas práticas, desde a horta mandala, cultivo em ambiente protegido e aberto, fruticultura, análise e correção de solo, preparo de caldas e biofertilizantes, entre outras práticas agroecológicas. A Figura 30 retrata as atividades teóricas na Efasol:

Figura 30 – Aulas teóricas na Escola Família Agrícola de Vale do Sol



Fonte: arquivos Efasol, 2019.

As aulas teóricas são embasadas na Colocação em Comum dos jovens, um dos Instrumentos Pedagógicos para a socialização e sistematização das pesquisas que a juventude realiza em suas propriedades e comunidades por meio do Plano de Estudos. É o momento de trazer a realidade do jovem para dentro da Escola. Por meio disso, as aulas e demais intervenções são realizadas de acordo com o contexto, realidade e necessidade do jovem.

No processo de construção do conhecimento agroecológico e do restabelecimento do metabolismo social (ser humano e natureza) as EFAs têm sido fundamentais. Primeiro pela opção política por um projeto de campo; segundo por formar adolescentes e jovens que, em sua maioria, estão imbuídos desse compromisso; e terceiro, o próprio processo de formação dos estudantes e das famílias ocorre com a promoção da agroecologia a partir da Pedagogia da Alternância numa concepção de educação contextualizada no/do campo, entretanto é importante afirmar que em muitos locais precisamos que as escolas sejam um reflexo dessas novas relações sociais e de produção. Nas EFAs, a agroecologia é, e deve ser vista como uma opção em defesa da vida e dos valores da cultura camponesa, contribuindo para o resgate da biodiversidade, das sementes como patrimônio da humanidade, dos métodos e técnicas de produção que garantam a autonomia das famílias e sustentabilidade do meio. Em qualquer lugar que tivermos um estudante, que seja um só, temos a obrigação de levarmos a reflexão sobre o modelo de vida, de relação e a discussão com a agroecologia como elemento de sustentabilidade. (BENÍSIO, COSTA, 2019, p. 62).

Os sistemas agroecológicos nas EFAs são construídos com base em constantes diálogos com a realidade dos jovens, que, através da alternância, trazem para a escola os conhecimentos de seus avós e de seus pais. Dessa forma, acontece o resgate, a valorização e o reconhecimento do conhecimento popular.

Pode-se aliar aqui a agroecologia com a diversificação produtiva. Não existem monocultivos agroecológicos, portanto, a agroecologia por si só já traz consigo a diversificação produtiva como um de seus princípios. A Efasol, durante suas atividades formativas, além de trazer à tona os impactos da modernização da agricultura, e todas as problemáticas da grande utilização de produtos químicos nesse modelo de agricultura centralizadora, traz a agroecologia em foco, bem como a importância da diversificação nas propriedades camponesas. Reflexo disso é a grande diversidade de culturas e criações que a juventude egressa da Efasol realiza atualmente em suas propriedades, conforme segue relação abaixo:

- Produção vegetal: Alface, repolho, rabanete, beterraba, brócolis, couve-flor, pimentão, pepino, hortaliças em geral, tabaco, mandioca, batata-doce, batata-inglesa, feijão, temperos, chás, citros, caqui, uva, pera, tomate, romã, ameixa, pêsego chuchu, cebola, milho para silagem e grão, nozes, morango, soja, arroz e trigo.

- Produção animal: Aves de corte e postura, suínos, ovinos, bovinos de corte e leite, apicultura, codornas e piscicultura.

- Alimentos processados ou minimamente processados: Mel, queijo, conservas de codornas, pepino, entre outras.

As principais características da Agricultura Familiar Camponesa são a diversificação produtiva, a produção de alimentos para o autoconsumo, e também para comercialização. Vê-se claramente que a presença da diversificação produtiva é um fator muito considerado nas propriedades dos jovens, visto existir uma vasta diversidade de culturas e criações e, conseqüentemente, diferentes fontes de renda, conforme demonstra o Gráfico 5.

Gráfico 5 – Número de fontes de rendas existentes nas propriedades



Fonte: elaborado pelo autor, 2021

Pode-se observar que praticamente 60% dos jovens (37 no total) possuem de duas a três fontes de renda em suas propriedades, sendo, assim, a grande maioria do grupo. Já os outros 11,3% (sete jovens) possuem de quatro a cinco fontes. Juntando esses dois resultados, pode-se afirmar que 71% da juventude egressa da Efasol (44 no total) possui de duas até cinco fontes de renda em suas propriedades. Somente 6,5% (quatro jovens) possuem acima de cinco fontes de renda e 22,6% (14 jovens) possuem somente uma.

Ter mais de 70% de jovens com duas até cinco diferentes fontes de renda na propriedade é uma informação importante, considerando-se que o contexto da região é basicamente formado por pequenas propriedades, sobretudo as vinculadas à produção de tabaco. Lembra-se que a renda, nesse caso, é proveniente somente da agricultura, ou seja, é um reflexo da diversificação produtiva em suas propriedades.

A importância da diversificação produtiva, sobretudo de viabilizar uma propriedade a ter outras fontes de renda provenientes da agricultura, hoje, é uma prática fundamental no contexto da Agricultura Familiar Camponesa, como retrata Vargas e Oliveira (2012, p. 18):

Em primeiro lugar, considera-se que qualquer iniciativa específica de diversificação deve estar inserida em programas amplos de desenvolvimento rural, particularmente nas regiões/municípios que têm alta dependência em relação ao fumo. O estudo de casos brasileiros evidencia que os esforços para estimular a substituição de cultura têm sido relacionados à identificação de novos canais de distribuição e a oportunidades para agregar valor às culturas

alternativas de alimentos. Além do potencial de geração de renda, é importante também levar em conta a segurança e a estabilidade para a produção e a comercialização, as condições de reprodução da família, as condições de saúde e bem-estar da família, entre outras variáveis.

Uma questão interessante em relação aos jovens é que, após seu ingresso na Efasol, deram maior visibilidade às produções que as famílias vinham desenvolvendo, e foram aprimorando essa prática no decorrer da formação, promovendo a diversificação em suas propriedades, com um foco voltado às produções de alimentos saudáveis. Conforme relata Santos, Tonezer e Rambo (2009, p. 06):

O debate referente à sustentabilidade incorpora conceitos ligados à preservação do meio ambiente, a não utilização de agrotóxicos e à produção extensiva em monoculturas. Os defensores da sustentabilidade, por exemplo, colocam-se frontalmente contra o uso de alimentos transgênicos devido principalmente, à redução da biodiversidade nos locais onde estes estão sendo cultivados; ao aumento significativo do uso de herbicidas nas plantações; e a insegurança que até o momento tais alimentos passam aos consumidores.

Mesmo com a existência da diversificação nas propriedades dos egressos/as, não se pode deixar de mencionar que a produção de tabaco ainda é muito forte na região, sobretudo na realidade dos jovens, pois 41 deles e/ou suas famílias (66,1%) estão ligadas à produção de tabaco atualmente. Em grande parte das propriedades havia o monocultivo dessa cultura, porém, aos poucos (com o ingresso do jovem na Escola), foram implementando novas atividades produtivas, seguindo a proposta de agregar novas fontes de renda, mas não substituir a cultura do tabaco por outra, pois seria, mesmo assim, um monocultivo e seguiriam na dependência e risco de existir apenas uma fonte de renda. No entanto, vê-se a criação de novos arranjos produtivos, reflexo disso é o grande número de jovens com mais de uma fonte de renda. A Figura 31 retrata uma reportagem de um jornal local, representando o trabalho na agricultura de dois jovens egressos da Efasol, diversificando suas propriedades no Município de Vale do Sol:

Figura 31 – Reportagem do Jornal Arauto, destacando o trabalho de dois egressos da EFASOL, diversificando suas propriedades



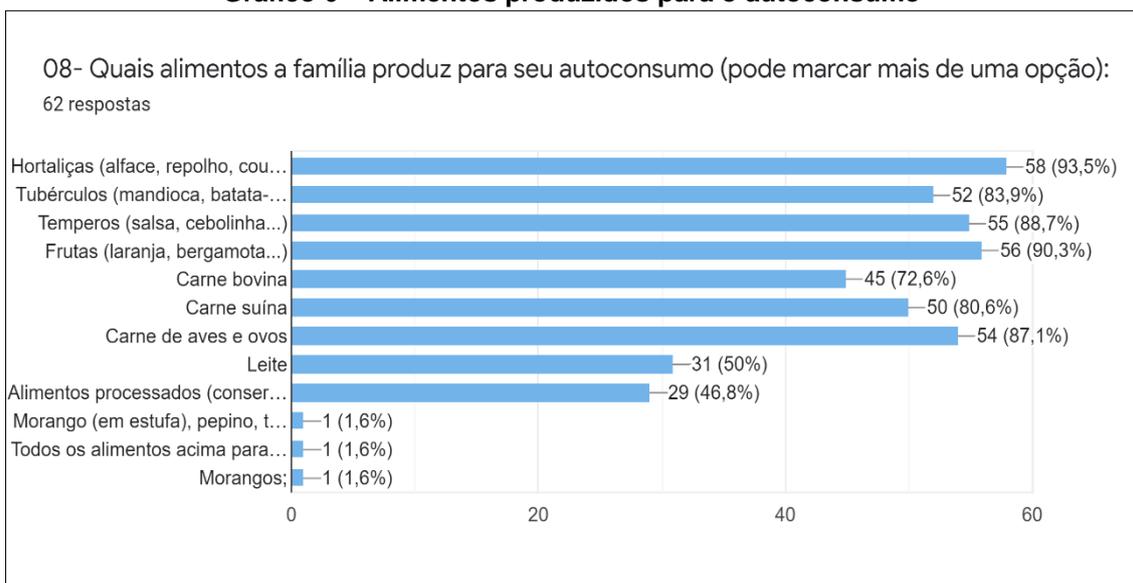
Fonte: arquivo Efasol, 2021.

A reportagem destaca sobre os dois jovens egressos, Jefferson Rech e Fabiano Weiland¹⁴, que estavam dando início a suas produções de morango, motivados a diversificar as propriedades de suas famílias, no Município de Vale do Sol. A percepção dos caminhos que os egressos/as da Efasol estão seguindo é um meio de provar o quanto a escola tem influenciado os processos de produção material de vida a partir das juventudes.

Em relação à produção para consumo da família, vê-se que o cultivo de alimentos na Agricultura Familiar Camponesa é muito presente, ainda mais na propriedade da juventude egressa da Efasol, conforme demonstra o Gráfico 6.

14 O jovem Fabiano inclusive faz parte da Associação Local da Efasol, no cargo de primeiro Tesoureiro.

Gráfico 6 – Alimentos produzidos para o autoconsumo



Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

A produção de hortaliças (alface, repolho, couve etc.) é muito comum em praticamente todas as propriedades onde os jovens estão (93,5%). Além disso, frutas (laranja, bergamota etc.), em 90,3%, temperos (salsa, cebolinha etc.), em 88,7%, são os principais alimentos que são produzidos. Fazendo uma média, constata-se que 85,2% produzem hortaliças, tubérculos, temperos, frutas, carnes e ovos. Já 50% produzem leite, e um dado importante de destacar também é que 46,8% dos jovens produzem alimentos processados (conservas, queijos etc.), ou seja, uma prática de conservação, mas também de agregação de valor ao alimento produzido para a comercialização, se for o caso.

A Agricultura Familiar Camponesa torna-se de suma importância para assegurar a soberania alimentar e nutricional da população brasileira, uma vez que é responsável por 70% dos alimentos consumidos no Brasil. O fato de produzir para consumir, além de todo um processo simbólico, é uma prática clássica e de reprodução social, porém seguidamente se torna invisível em estudos rurais e também acadêmicos.

Existem várias denominações para a produção de alimentos para o autoconsumo, alimentos “pro gasto” popularmente dito, para o consumo da família, mas que, em muitos casos, é classificada como algo insignificante economicamente (FIORESE, PLEIN; 2017).

De acordo com Grisa *et al.* (2010, p. 66):

o autoconsumo refere-se a toda produção realizada pela família cujos produtos são destinados ao seu próprio consumo. Diz respeito ao cultivo de alimentos para o consumo familiar (horta, pomar, criação de animais, etc.) e dos animais presentes no estabelecimento, à fabricação de ferramentas e à produção de insumos para o processo produtivo.

A produção de alimentos para o autoconsumo, segundo Crisa (2007), está inserida em um contexto ambiental, social, cultural, político, econômico e ético, podendo ser relacionada com a agroecologia. A existência do autoconsumo nas propriedades se justifica por fatos de como consumir alimentos sem veneno e também saber o que está consumindo. Com o objetivo de garantir a qualidade e sanidade dos alimentos, a produção para o autoconsumo geralmente não utiliza agrotóxicos e produtos químicos, estando baseada no uso de esterco animal, cinzas, restos de alimentos e materiais que não comprometem a saúde do consumidor, que será a própria família. Sendo assim, esse tipo de produção adota manejos mais sustentáveis, com a utilização e reciclagem dos recursos naturais disponíveis nas propriedades, sem agressão ao meio ambiente (CRISA, 2007).

Tesche (2011) faz uma análise sobre a valorização da produção de alimentos como uma renda monetária, ou seja, os agricultores que produzem alimentos para o consumo da família representam, nesse caso, uma importante renda mensal para a propriedade, junto da garantia da segurança alimentar e nutricional.

Além da produção para consumo, a comercialização do excedente está muito presente na vida dos jovens egressos/as, pois 72,6% comercializam os alimentos, principalmente hortaliças, tubérculos, temperos, frutas e alimentos processados. Obviamente, quando se fala em comercialização, existem diferentes meios de se realizar essa prática. Waquil, Miele e Schultz (2010) trazem exemplos de canais de comercialização, sendo um deles o canal de nível zero, em que o agricultor comercializa os produtos diretamente para o consumidor (venda direta), como hortaliças, feijão, entre outros. Via cooperativas também é uma forma de venda direta.

Nesse sentido, a venda direta é um dos canais de comercialização mais utilizado pelos jovens, com a venda de alimentos principalmente em feiras rurais, também por meio de um grupo de Comunidade que Sustenta a Agricultura - CSA, nos mercados institucionais (pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar -

PNAE e o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA) e para vizinhos, amigos e familiares que residem no campo e na cidade.

Vale ressaltar algumas experiências sobre a comercialização de alimentos dos jovens egressos/as da Efasol, sendo uma delas o Grupo de CSA. Inicialmente, antes de aprofundar essa experiência, é importante mencionar o que é CSA. Segundo Junqueira e Moretti (2018), CSA é uma inovação nas relações que se estabelecem entre agricultores produtores de alimentos e os consumidores, não apenas no que se refere às vendas decorrentes entre ambos, mas também quanto à forma que se constrói essa relação, de fortalecimento de práticas coletivas de cooperação e de atuação política favorável à defesa do desenvolvimento socioeconômico endógeno, à revalorização das culturas alimentares identitárias e territoriais, ao comércio justo e à defesa e proteção do bem comum, especialmente no que tange ao meio ambiente.

A CSA “é um movimento de escala internacional que tem como objetivo, promover a interação direta entre o agricultor e o consumidor, que no modelo de comercialização implementado pela CSA, o consumidor é um parceiro no processo produtivo, sendo um co-agricultor” (NETA; NIENOW; SOUZA, 2020, p. 3).

Nesse sentido, a juventude egressa da Efasol se organizou com outros parceiros (MPA, Capa, Ecovale etc.) e criaram um grupo de CSA na região, no ano de 2020, realizando entregas de cestas de alimentos agroecológicos de forma semanal, na residência dos consumidores. A criação do grupo se deu também por uma necessidade de diversificar os meios de comercialização, devido às restrições de distanciamento social e protocolos de segurança, causados pela pandemia do Covid-19. A Figura 32 mostra uma reportagem na mídia local sobre o funcionamento do Grupo de CSA aqui na região:

Figura 32 – Reportagem do Jornal Arauto, demonstrando sobre a experiência do Grupo de CSA

8 ARAUTO | SEXTA-FEIRA E SÁBADO, 23 E 24 DE JULHO DE 2021 COLONO & MOTORISTA

Juventude que produz e entrega em casa cestas repletas de saúde



> Jovens reúnem produção e organizam as cestas a serem entregues a domicílio

Quando um grupo de jovens ligados ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) com egressos da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Efasol), apoiados por entidades como Cooperfumos, CAPA e Ecovale, resolve se unir para criar uma alternativa que envolva a produção, a gestão e a venda de produtos orgânicos, todos saem ganhando. Aqueles que se dedicam a cultivar alimentos livres de agrotóxicos, aqueles que apostam na alimentação saudável. E em tempo de restrições e dificuldades enfrentadas no comércio com a pandemia, especialmente nas feiras, a inovação foi o caminho escolhido para dar certo. Pois foi o que fizeram esses sete produtores, ao montarem as cestas camponesas.

A cada sexta-feira, conta um deles, o vale-solense Marcelo Lessing, as cestas de alimentos são organizadas de acordo com a disponibilidade de itens e o interesse do cliente, que tem se mantido fiel ao projeto. “É uma alternativa para as pessoas que não estão saindo de casa”, comenta Marcelo, ou que pelo menos estão evitando aglomerações e, principalmente, buscando alimentos frescos e sem veneno. A produção no campo, que vai além do consumo familiar, possibilita esses circuitos curtos de comercialização, um importante nicho de mercado também para agregar renda ao agricultor, comenta Cláudia Gonçalves, monitora de Produção Agroindustrial e Coordenadora da Alimentação da Efasol. Essa relação de proximidade e fidelidade entre produtores e consumidores se aproxima do conceito de CSA, Comunidades que Sustentam a Agricultura, e segundo a educadora, o despertar do jovem para esses circuitos curtos de comercialização ocorreu durante a formação de alguns deles, na feira Caminhos da Agroecologia.

A cada semana, os produtos cultivados em Vale do Sol; na Unidade de Produção Camponesa Harmonia, em Vera Cruz; na própria Cooperfumos e até em Rio Pardo são remetidos à sede da cooperativa para a organização das cestas. Cabe a Marcelo fazer o roteiro de entregas, que ocorre principalmente em Vera Cruz e Vale do Sol, na casa do cliente. “São produtos frescos, colhidos no dia ou na véspera, resultado de produção orgânica, ecológica, que faz bem para a saúde e para o meio ambiente”, completa o diretor-presidente da Cooperfumos, Miquel Schiavon.

continua >

9 ARAUTO | SEXTA-FEIRA E SÁBADO, 23 E 24 DE JULHO DE 2021 COLONO & MOTORISTA

“É impossível olhar para a saúde sem olhar para a alimentação”

Sandi Xavier



> Marcelo entrega a cesta na casa de Régis Solano, uma praticidade com alimentos de qualidade

Desde meados de maio, são, em média, de 15 a 20 cestas de frutas, verduras e fermentados entregues a cada sexta-feira. Entre os produtores, espaço e valorização feminina também há, como a UPC Harmonia, conduzida por Sandi Xavier, Diulle Almansa e Leticia Schimini. Sandi é do município de Cerro Grande do Sul, na região carbonífera, e veio para Santa Cruz em 2015 ao se formar em Técnica Agropecuária com foco na alimentação agroecológica. E é em Vera Cruz, em Alto Dona Josefa, que ela e as amigas cultivam seus alimentos. De uma família de 11 irmãos, Sandi relata que a produção de tabaco era a base de sustento da casa, mas também gerava dependência alimentar. “Produzia o fumo e vendia para comprar comida para casa”, assinala ela, lembrando com desgosto outros tempos. Se hoje a propriedade é diversificada, Sandi acredita que se dá pelo entendimento de que é possível produzir a própria comida, e de forma saudável. “É impossível olhar para a saúde sem olhar a alimentação”, desabafa.

O agrônomo do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), Sighard Hermany, faz eco à articulação de diversas instituições com olhar voltado à agroecologia para criar a sistemática de entrega das cestas de alimentos saudáveis nas casas em um momento em que se prima por evitar a circulação de pessoas nos estabelecimentos. “São os jovens produzindo e levando saúde. É um trabalho que promove o espaço para a juventude que planta comida e resgata a importância da agricultura familiar e camponesa de colocar comida na mesa”, atesta ele, ao garantir que a agroecologia cresce cada vez mais porque as pessoas procuram alimentos limpos, com maior valor nutricional. “É um organismo bem nutrido e equilibrado tem um sistema imunológico fortalecido”, arremata.

Para quem recebe a cesta camponesa no conforto do lar, como é o caso de Régis Solano, monitor da Efasol, só elogios. “É muito gratificante participar de um movimento desses, processos que envolvem produção de alimentos agroecológicos na agricultura familiar, ainda mais com a participação e o protagonismo da juventude do campo. Receber alimentos fresquinhos na porta de nossas residências é algo fenomenal, pela facilidade, pela comodidade, além de permitir um diálogo com essa juventude que está preocupada com o meio ambiente, e em colocar comida boa em nossas mesas”, frisa Solano.

Fonte: arquivo Efasol, 2021.

Outra experiência que merece ser mencionada é a Feira Jovem Caminhos da Agroecologia. Existente desde 2018, a feira é composta por sete jovens egressos/as da Efasol de Vale do Sol. A feira acontece todas as segundas-feiras, no período da manhã, próximo à prefeitura municipal, onde os alimentos comercializados são de produção dos jovens, livre de agrotóxicos e produtos químicos sintéticos, promovendo qualidade de vida aos consumidores.

Figura 33 – Feira Jovem Caminhos da Agroecologia



Fonte: arquivo Efasol, 2020.

Por outro lado, nem todos os jovens possuem renda proveniente apenas da agricultura. Nesse caso, possuem renda de forma assalariada na cidade. A pesquisa revela que 22 jovens (33,8%) são assalariados na cidade, com vínculo de trabalho direto ou de forma parcial, conciliando com sua propriedade.

Desses 22 jovens, 16 (72,8%) trabalham com algum tipo de vínculo com a agricultura, segundo as respostas coletadas: vendedor(a) em agropecuária, balconista de agropecuária, safristas, orientador de campo, *trainee* em empresas fumageiras, estagiário de agronomia, comercialização de alimentos da agricultura familiar, vendedor externo de agropecuária, auxiliar de assistência técnica e extensão rural, técnico prestador de assistência técnica e extensão rural, vendedor interno agrícola, mora na cidade e trabalha em granja no interior,

comerciante agropecuário, vendedor e auxiliar de produção em floricultura, assistência técnica comercial e trabalhador com artesanato com couro animal.

Lembrando que todas as atuações destacadas possuem vínculo e/ou ligação direta com a agricultura. As demais apresentadas, não possuem vínculo nenhum com a agricultura, sendo elas: secretária de despachante, proprietário de uma barbearia, vigia noturno, polidor de metais, marmoraria, militar, assistente de Pessoas com Deficiência - PCD, destroçador de pedras e auxiliar de escritório.

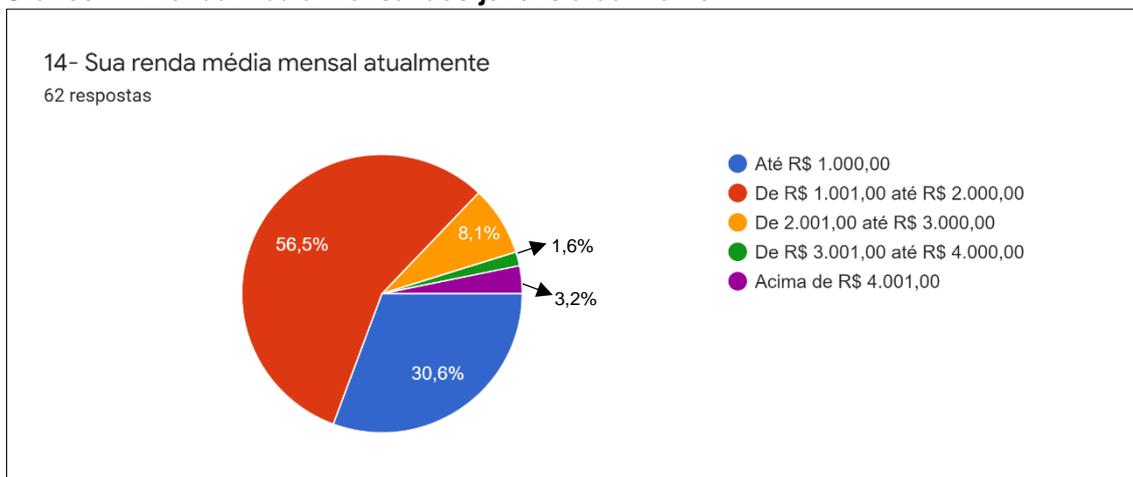
Pode-se observar que mais de 70% das diferentes experiências socioprofissionais apresentadas anteriormente possuem direta relação com a agricultura, o que é um achado relevante para o momento histórico da pesquisa. Com isso, pode-se afirmar que, do montante de jovens egressos/as da Efasol que trabalham como assalariados na cidade, 72,8% apresentam atuações de vínculo total com a Agricultura Familiar Camponesa. Portanto, mesmo trabalhando na cidade, o jovem possui vínculo com a agricultura.

O interesse em buscar uma proposta educacional próxima e voltada à família e à agricultura sinaliza, para estes jovens, a procura por uma educação do campo. Como explica o estudante Wagner Mateus da Silva Barros, estudante do 3º ano da EFASC, *“na escola convencional só aprendia sobre assuntos da cidade, não trazia nada do campo, não falava nada do campo”*. É esse desejo por ações educacionais que possibilitam a valorização das matrizes culturais, contextualizadas na vida, no trabalho e na cultura do campo. A possibilidade de optar por uma escola do campo, abre um leque de escolhas e oportunidades congruentes pela permanência ou não no campo, mas tendo relações de vida pautadas na qualidade de vida, na geração de renda planejada e ética, no respeito à diversidade e peculiaridades de saberes, assessorando comunidades com seu conhecimento técnico e ampliando redes de conhecimento. (VERGUTZ, 2013, p. 42).

É importante enfatizar que as experiências socioprofissionais da juventude egressa da Efasol podem ser vistas como a entrada para o mundo de trabalho, tanto no campo quanto na cidade, compreendido, conforme relata Figaro (2009), como um conjunto de decisões que devem ser levadas em consideração, sendo elas: as relações de trabalho, vínculo empregatício, mercado e trabalho, salário, tecnologia, troca, lucro, capital, organizações, controle de poder, sociabilidades, cultura e relações de comunicação, tornando esse processo algo complexo, amplo e difuso para os jovens.

Mais especificamente sobre a renda dos jovens, tanto os que estão no campo como os que estão na cidade, demonstram uma interessante variação, conforme traz o Gráfico 7.

Gráfico 7 – Renda média mensal dos jovens atualmente



Fonte: elaborado pelo autor, 2021

Do universo pesquisado, 16 jovens (30,6%) possuem como renda até R\$ 1.000,00 mensais. Já a grande maioria, 35 jovens (56,5%) possuem renda entre R\$ 1.001,00 até R\$ 2.000,00 mensais. Os demais, sendo cinco jovens (8,1%) ficam com renda entre R\$ 2.001,00 até R\$ 3.000,00 mensais. Apenas um jovem (1,6%) possui renda entre R\$ 3.001,00 até R\$ 4.000,00 mensais e, por fim, dois jovens (3,2%) possuem renda acima de R\$4.001,00.

De modo geral, 87,1% dos jovens possuem renda até R\$2.000,00. A questão da renda para a juventude, sobretudo do campo, é uma temática interessante. Durante a sua formação na Efasol, o jovem realiza seu PPJ. De acordo com Frossard (2003), o PPJ serve como uma maneira de profissionalizar o trabalho do jovem, no sentido de viabilizar ou melhorar sua renda e a qualidade de vida da família, de servir como um facilitador para o encaminhamento ao mundo do trabalho e como um elemento de desenvolvimento econômico e social no campo.

Já para Puntel, Paiva e Ramos (2011), a renda para a juventude, em especial do campo, traz consigo muitas limitações, segundo pesquisa realizada pelos autores com jovens que são do campo. A pesquisa apontou que a baixa remuneração é o principal problema da vida do campo. Porém, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD (2021), 30,2 milhões de

habitantes recebem até um salário mínimo no Brasil, portanto, próximo a 88% da juventude egressa da Efasol tem como renda até R\$ 2.000,00 mensais. É um valor muito significativo no contexto da juventude do campo.

Ao questionar os jovens para descreverem suas experiências socioprofissionais nesse exato momento de suas vidas, percebe-se uma grande diversidade de atuações desses 62 jovens, conforme os relatos a seguir, que são palavras dos próprios jovens:

- “Planto tabaco e hortaliças pro consumo, criação de suínos pro consumo;
- Atualmente estou morando na propriedade com meus pais, onde estou trabalhando nas áreas da fruticultura, horticultura e apicultura;
- Atuo na minha propriedade diariamente, ajudando nas demandas da mesma;
- Trabalho com criações, como bovinos, ovinos e equinos, e com plantações de pastagens;
- Agricultor, produzo alimentos e tabaco;
- Resido em propriedade rural no interior de Vale do Sol. Trabalho como vendedor na agropecuária do sindicato sendo na cidade, porém é um lugar cujo trabalho sempre é feito buscando ajudar os agricultores do nosso município. Também, nos momentos de folga do serviço, atuo na propriedade trabalhando na agricultura;
- Estou na propriedade com a soja em principal fonte de renda e ajudando a família com as demais atuações da propriedade;
- Com a produção de leite.
- Sou agricultor;
- Atualmente não estou na propriedade da minha família, apenas nos finais de semana, visito eles, durante a semana trabalho no despachante da Jorce e na revenda;
- Na propriedade estou mais próxima da apicultura e melipolicultura. Já na cidade, na Agropecuária aonde atuo, sou responsável pela área de vendas das mudas de hortaliças, frutíferas, flores e plantas para jardinagem em geral;

- Atualmente trabalho de balconista durante a semana e finais de semana estou na propriedade com minha família;
- Trabalho como barbeiro, na cidade de Ipê – RS;
- Tarefas da casa e propriedade, e cuidado de minha irmã;
- Na maior parte do tempo passo estudando e fazendo estágios da faculdade, mas ajudo nas atividades da UPF;
- Assistência técnica diretamente com produtores de tabaco;
- Trabalho como estagiária em uma empresa de Semijoias;
- Plantando tabaco;
- Atualmente trabalho na cidade como *trainee* de classificação de tabaco. Aprendendo toda a parte de qualidade da classificação e atendimento ao produtor. Buscando sempre ter um diálogo com o mesmo, entendendo sua realidade e, se possível, auxiliando com dicas de melhorias. Na parte do campo, ainda busco produzir boa parte dos alimentos citados anteriormente na propriedade para a subsistência da família, cultivando também temperos e hortaliças na cidade;
- Trabalho no campo, tem momentos em que aplico o conhecimento que obtive na Efasol;
- Atuo na propriedade da família, com a produção vegetal e animal, e trabalho como safrista na empresa fumageira;
- Trabalho na Cooperfumos¹⁵, realizando as atividades na área de produção de alimentos, e a comercialização dos mesmos, também ajudando na propriedade dos meus pais no interior;
- No momento estou trabalhando em uma agropecuária na cidade, mas ainda moro com meus pais e os ajudo parcialmente;
- Eu estou na propriedade ajudando meus pais, onde plantamos tabaco, soja e hortaliças em geral;
- Atualmente trabalho em especializada de assistência técnica de eletro leves e pesados e informática;

15 A COOPERFUMOS (Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil Ltda) é uma das Cooperativas ligadas ao Movimento dos Pequenos Agricultores na região,

- Atualmente estou trabalhando na propriedade da minha mãe, planto tabaco e ajuda nas tarefas, de vez quando vamos na propriedade do meu namorado trabalhar nas mudas de eucalipto;
- Não moro mais na nossa propriedade, moro na cidade e trabalho atualmente na empresa Tramontina, como polidor de metais e regulador de polidores semiautomáticos;
- Sou agricultor no meio rural. Ser agricultor não é somente arar, plantar, regar e colher, e sim tudo isto, mas também saber esperar e depender das intempéries climáticas, saber negociar e administrar suas produções na propriedade e diversas outras atividades necessárias a serem realizadas por um agricultor;
- Atualmente estou na propriedade dos meus pais, plantando tabaco;
- Estou no campo, na UPF;
- Atualmente ajudo meus pais na propriedade com o tambo de leite e produção de soja;
- Atuo na Delegacia de Pronto Atendimento de Santa Cruz do Sul - DPPA, área que tem ligação direta com o curso de Direito;
- Estou morando na cidade, e trabalhando como vendedor agrícola. Nas horas vagas, ajudo um pouco na casa dos pais com plantio de mantimentos para consumo;
- Trabalho na produção de arroz irrigado para venda e consumo próprio;
- Estou na UPF e trabalhando fora, criando uns animais para ajudar na renda;
- Estou morando na propriedade de meus pais, assim, nas horas vagas, ajudo na produção de alimentos para o consumo da minha família. Atualmente trabalho na Afubra, na parte de vendas do setor agrícola;
- Trabalho numa granja, desenvolvo atividades em todas as áreas: lavoura, armazém e na parte animal;
- Trabalho em agropecuária, venda de mudas de hortaliças, mudas, adubos e reposição de estoque e comercialização de produtos do mercado;
- Estou na propriedade cultivando fumo e produção de alimentos;
- Agricultor, trabalhando em todas as culturas e criações que são desenvolvidas e produzidas na propriedade, sendo apicultura,

piscicultura, avicultura, suinocultura, bovinocultura, milho silagem e grãos, tabaco Virgínia, mandioca e batata-doce, para trato animal, feijão para consumo, hortaliças em geral;

- Trabalhamos com o tabaco que é a principal fonte de renda, mas estamos formando novas fontes de renda, com isso temos uma diversificação;
- Estou atualmente na propriedade de meus pais, onde ajudo em todas as atividades propostas por todos principalmente no tabaco;
- Atualmente atuo diretamente na Verde Sul na produção de plantas ornamentais, frutíferas, produção de composto etc, e também disponibilizamos os mesmos para venda;
- No geral, minhas atividades são desenvolvidas a partir das necessidades do cultivo do tabaco.
- No momento não trabalho na propriedade, trabalho como militar no 7º BIB, na graduação de CABO auxiliar de mecânico e elétrico auto (mecânico de blindados);
- Técnico Agrícola, cuido de uma área de produção de hortifruti agroecológico;
- Atualmente atuo como Assistente Técnico Comercial da Timac Agro. Realizo atividades de auxílio na propriedade rural da família;
- Ajudar o meu pai no cuidado com as criações e quando precisar no plantio também;
- Atuando nas atividades de escritório e agropecuária do Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Vale do Sol e nas atividades produtivas na propriedade de meus pais;
- Trabalho na nossa propriedade, na produção de tabaco, tratar os animais e nos serviços de casa;
- Coordenação do coletivo nacional de juventude e secretaria nacional do MPA;
- A parte de pedras preciosas (ágatas) para exportação;
- Trabalho na propriedade com produção de tabaco, morango milho e hortaliças;

- Estou trabalhando de assalariado em uma propriedade rural, cuidando dos animais, produção de hortaliças, videiras, piscicultura, tubérculos, temperos, frutas e alimentos processados;
- Não estou no campo, trabalho atualmente em mercado até concluir a faculdade;
- Trabalho na propriedade e fora dela, conforme demanda;
- Estou na propriedade, ajudando nas tarefas;
- Na propriedade da família;
- Plantamos fumo, milho e alimentos para nossa família;
- Produção de alimentos na UPF, e sou bolsista do PIBID”.

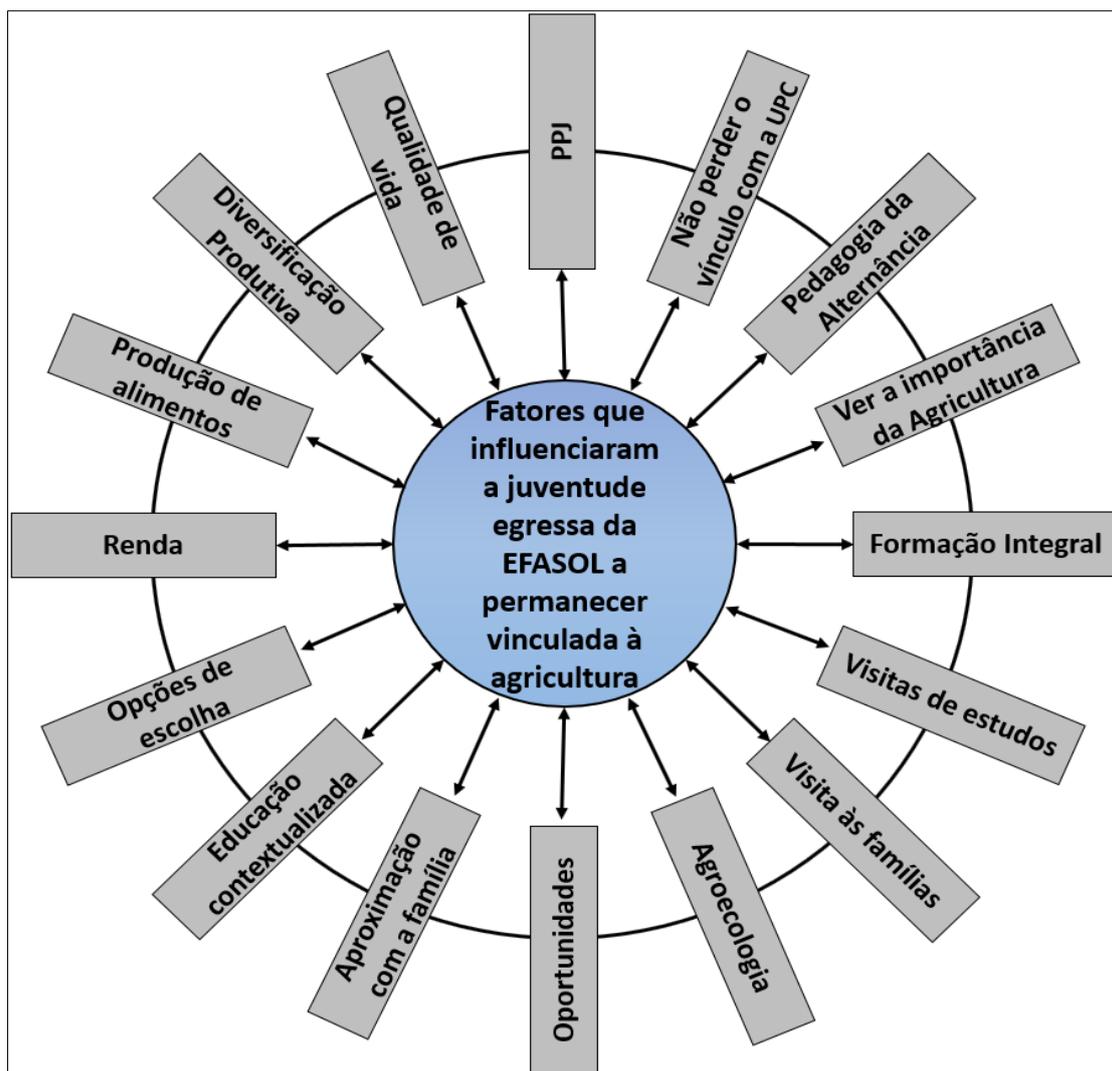
Portanto, pode-se observar que de todas as respostas relatando suas experiências socioprofissionais nesse exato momento de suas vidas, 55 jovens (88,7%) estão em atividades que representam a existência de vínculos com a agricultura. Já os demais, mesmo estando em outros segmentos, muitos relataram que aos finais de semana estão nas propriedades de suas famílias.

O processo de formação na Efasol é um caminho importante para a instrumentalização da Educação do Campo, pois, além da ascensão da agroecologia, promove o protagonismo da juventude camponesa. Além disso, percebe-se o reflexo dessa grande diversidade de experiências socioprofissionais que os jovens egressos/as da Efasol estão assumindo, sobretudo de valorização e envolvimento direto com Agricultura Familiar Camponesa, bem como, em muitos casos, fazendo a sucessão rural.

Neste sentido, a Pedagogia da Alternância não é apenas uma metodologia de Educação do Campo, mas também uma política inclusiva que alcança uma transformação social para a juventude rural permitindo que a sucessão familiar se desenvolva com consciência do verdadeiro papel do jovem na família e em suas comunidades. (FARIA, *et al.*, 2019, p. 442).

Na Figura 34, apresenta-se um compilado elaborado pelo próprio autor, sobre os fatores que influenciaram a juventude egressa da Efasol a permanecer vinculada à agricultura:

Figura 34 – Compilado de informações sobre os fatores que influenciaram na permanência de vínculos com a agricultura

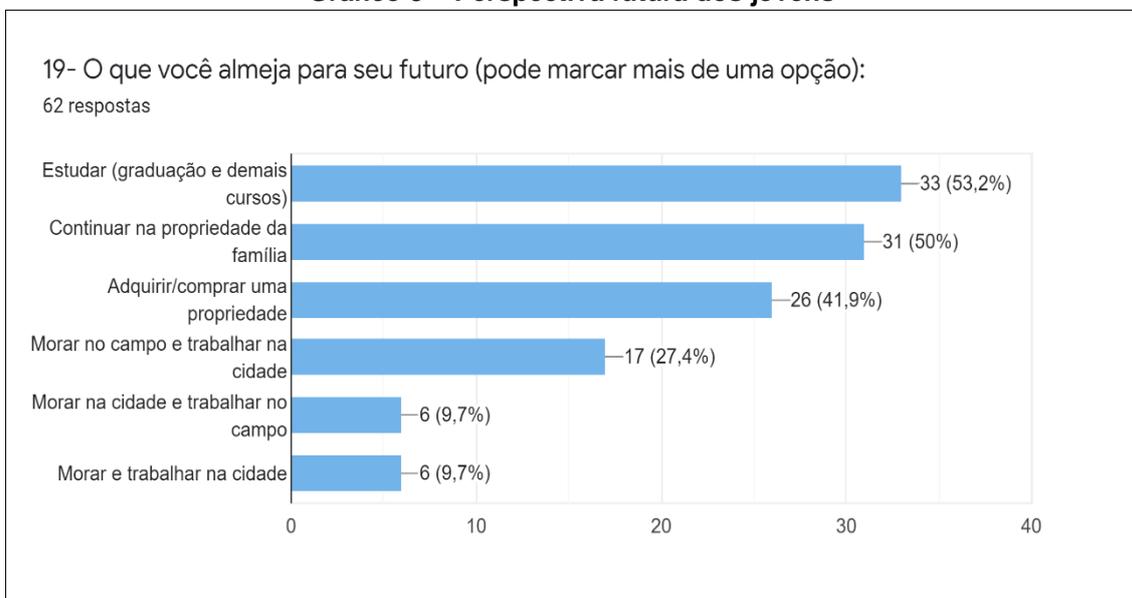


Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

A elaboração dessa figura representativa traz de forma sintética os fatores que influenciaram a juventude egressa da Efasol a permanecer vinculada à agricultura. Além disso, todos esses fatores ficam interligados uns aos outros, em que o PPJ se coloca como uma “porta de entrada” para as experiências socioprofissionais principalmente na propriedade do jovem. Não perder o vínculo com a propriedade, por meio da PA, ver a importância da agricultura, que, por meio da formação integral, visitas de estudos, visitas às famílias e a agroecologia, abre um leque de oportunidades, com a aproximação da família, por uma educação contextualizada, com opções de escolhas, renda, com a produção de alimentos saudáveis, diversificação produtiva, promovendo qualidade de vida para as pessoas.

Após observar-se a situação atual da juventude egressa da Efasol, através do relato de suas experiências nesse momento de suas vidas, uma informação importante é saber sobre suas perspectivas futuras, conforme retrata o Gráfico 8:

Gráfico 8 – Perspectiva futura dos jovens



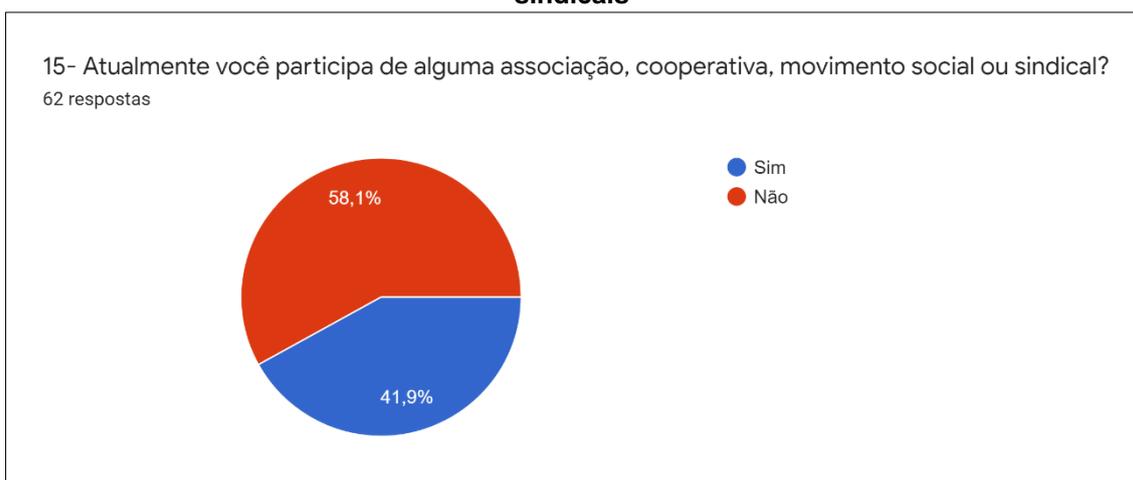
Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

De modo geral, o anseio de seguir estudando (curso superior e demais cursos) se faz muito presente na vida dessa juventude. Mais especificadamente, 33 jovens (53,2%) demonstraram grande interesse em estudar ou seguir estudando no futuro. Outra informação muito pertinente é que exatos 50% dos jovens também trazem entre suas perspectivas futuras continuar na propriedade da família, fazendo a sucessão rural, seguindo, muitas vezes, no local histórico e de geração de famílias.

Já o anseio de adquirir/comprar uma propriedade também aparece para 26 jovens (41,9%), morar no campo e trabalhar na cidade, para 17 jovens (27,4%), morar na cidade e trabalhar no campo, para 6 jovens (9,7%) e, por fim, morar e trabalhar na cidade aparece para somente 6 jovens (9,7%).

Sobre as relações sociais que os jovens estabelecem por meio de suas participações em associações, cooperativas, movimentos sociais e sindicais, estão especificadas no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Participação do jovem em associações, cooperativas, movimentos sociais ou sindicais



Fonte: elaborado pelo autor, 2021

Atualmente, 26 jovens (41,9%) estão ligados a alguma associação, cooperativa, movimento social ou sindical. Segundo eles, participam de diferentes entidades e/ou grupos, conforme o Quadro 4:

Quadro 4 – Organizações e/ou entidades que os jovens possuem vínculo

Associação e/ou Cooperativa	Movimento Social e/ou Sindical	Outros grupos
-Associação das trabalhadoras rurais de Lagoa Bonita baixada; -Associação de produtores; -Associação de Pequenos Agricultores Renascer Hortifrutigranjeiros do Vale (Aparhortivale); -Associação dos produtores de leite; -Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol (Aefasol);	-Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município; -Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Vale do Sol; -Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Herveiras; -Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Santa Cruz do Sul,	-Escola de Jovens Rurais (EJR); -Grupo de jovens da comunidade e município; -Grupo amigos do Bem (desenvolvendo ações sociais); -Diretoria de comunidade; -Diretoria de patrulha agrícola; -Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

-Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra); -Cooperativa de Crédito Sicredi; -Cooperativa Coagrisol; -Cooperativa Regional de Agricultores familiares Ecologistas (Ecovale); -Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil (Cooperfumos).	Sinimbu, Vale do Sol e Herveiras; -Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).	(Emater); -Grupos do Capa – Centro de Apoio a Promoção da Agroecologia. -Grupo de Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA – Cestas Camponesas);
--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Pode-se observar a grande diversidade de organizações e entidades nas quais a juventude egressa da Efasol está inserida, mantendo vínculo direto com elas, pois os jovens estão se articulando regionalmente.

Há uma contribuição ao desenvolvimento regional, pois estão organizados coletivamente, em associações e cooperativas. Entendem-se como sujeitos coletivos e não individuais. Além disso, estão preocupados com a manutenção da segurança alimentar e procuram alternativas na agricultura agroecológica e orgânica, que além de ser livre de veneno, agrega valor aos produtos comercializados por eles. (BOFF, *et al.*, 2019, p. 280).

O trabalho coletivo com movimentos sociais, cooperativas ou associações, muitas vezes, facilita e muito o cotidiano dos agricultores. A cada ano que passa, o crescimento dessas instituições, sobretudo a criação de novas, vem aumentando no Brasil. Um reflexo disso é o grande aumento dos estabelecimentos associados a Cooperativas, conforme o Censo Agropecuário de 2017, pois houve um aumento de 67,3% em relação ao censo de 2006. Atualmente, em torno de 579,5 mil estabelecimentos estão associados a alguma cooperativa, conforme traz a Figura 35.

Figura 35 – Número de estabelecimentos associado a alguma cooperativa no Brasil



Fonte: Censo Agropecuário de 2017.

Vale destacar, quanto ao percentual de cooperativas na região Sul do Brasil, conforme retrata a imagem acima, a quantidade de estabelecimentos ligados às cooperativas, em que, nesse caso, as inserções dos egressos/as ficam claramente observadas nesse contexto. Outro dado importante, segundo o Censo Agropecuário de 2017, é que 22,8% das propriedades até 10 hectares são associadas a cooperativas, e 46,3% das propriedades até 50 hectares são associadas também, ou seja, praticamente 70% das propriedades até 50 hectares são associadas a cooperativas. Além disso, 71,2% das propriedades cooperadas são da Agricultura Familiar. (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017).

Em relação às propriedades dos jovens egressos, tem-se uma média de 28,1 hectares. Existem propriedades menores que um hectare, porém a grande maioria fica nessa faixa entre 20 até 30 hectares. Além disso, somente três jovens possuem área acima de 100 hectares. No Brasil, de acordo com o Censo

Agropecuário de 2017, 77%¹⁶ dos estabelecimentos são classificados como Agricultura Familiar, ou seja, mais de 3,9 milhões de estabelecimentos, e empregam mais de 10,1 milhões de pessoas. Sobre o tamanho (em hectares) dos estabelecimentos no Brasil, mais de 70% das propriedades possuem até 50 hectares. Isso quer dizer que praticamente 40% das propriedades rurais no Brasil possuem até 10 hectares, o que caracteriza o quanto a Agricultura Familiar Camponesa possui grande proporção em estabelecimentos agropecuários no Brasil.

No RS, de acordo com Plano Estratégico de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo 2015-2030, 85,7% dos estabelecimentos são de Agricultura Familiar Camponesa. Já na realidade do VRP, há um total de 38.131 propriedades rurais, que ocupam 997.405 hectares. Contudo, do conjunto de propriedades, 47,83% têm menos de 10 hectares e quase 75% têm menos de 20 hectares, ou seja, esse número faz com que 90,8% dos estabelecimentos da região sejam de Agricultura Familiar Camponesa.

Em relação aos estudos dos egressos/as, 21 relatam terem dado sequência aos estudos (33,9%), sendo em cursos de graduação, como Agronomia, Bacharel em Agroecologia, Medicina Veterinária, Licenciatura em Educação do Campo, Direito, Gestão do Agronegócio, Pedagogia, Fisioterapia, Relações Internacionais, Bacharel em Administração, Licenciatura em Ciências e Gestão Pública. Um maior número de jovens seguiu os estudos na área das agrárias, como Agronomia, Agroecologia, entre outros, e também na Educação do Campo.

As instituições de ensino variam, sendo elas: Unisc, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Universidade Federal do Rio Grande - Furg, Universidade Norte do Paraná - Unopar, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UEGRS, Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi) e Faculdade Dom Alberto. Além de cursos de graduação, os jovens relataram também estarem realizando outros cursos, por exemplo, de inglês, cursos voltados à agricultura, agroecologia, produção de alimentos de modo geral, também cursos de Gestão Básica do Empreendedorismo, cursos no Exército e

16 Para se ter uma ideia, em 2006, esse dado ultrapassava 84%, infelizmente, como o grande avanço do agronegócio, esse número diminuiu em 8,8%.

atendente de farmácia, nas mais diferentes instituições e/ou entidades motivadoras dessas atividades.

Em relação aos jovens que não estão estudando, 14 deles (22,5%) apontaram não estarem estudando apenas no momento, mas demonstram grande interesse em seguir nos estudos, conforme relatos destacados pelos jovens durante a pesquisa, quando justificavam se havia interesse em estudar:

- “Não estou estudando, mas tenho interesse em seguir;
- Tenho vontade de seguir com os estudos, seja cursos ou faculdade;
- Pretendo cursar faculdade de agronomia ou veterinária;
- Mas tenho vontade de seguir estudando;
- Talvez sim, quero seguir;
- Sim, tenho muita vontade de continuar estudando;
- Mas tenho vontade de voltar a estudar;
- Talvez quero seguir;
- Quem sabe futuramente;
- Mas tenho vontade sim de continuar estudando;
- Pretendo voltar a fazer algum curso;
- Não continuei, mas tenho grande interesse em me aperfeiçoar mais;
- Tenho vontade de cursar Agronomia;
- Quero retomar os estudos”.

Além do grande anseio de continuar estudando ou de voltar a estudar por parte dos jovens, vê-se claramente o interesse nas áreas das agrárias (Agronomia ou Medicina Veterinária), visto ser uma identificação que nasce durante o processo formativo na Efasol.

Observa-se que 33,9% da juventude egressa da Efasol seguiu os estudos, o que parece um número relativamente baixo, porém existe uma explicação para isso. Não é novidade, mas o desfecho das políticas educacionais nos últimos anos, sobretudo com a eleição do presidente Jair Bolsonaro, trouxe impactos imensuráveis no que tange à Educação no Brasil segundo Moraes, Santos e Paiva (2021). Além de conservar o ideário neoliberal e neoconservador, aprofundou esse processo de desvalorização da educação, sucateando as

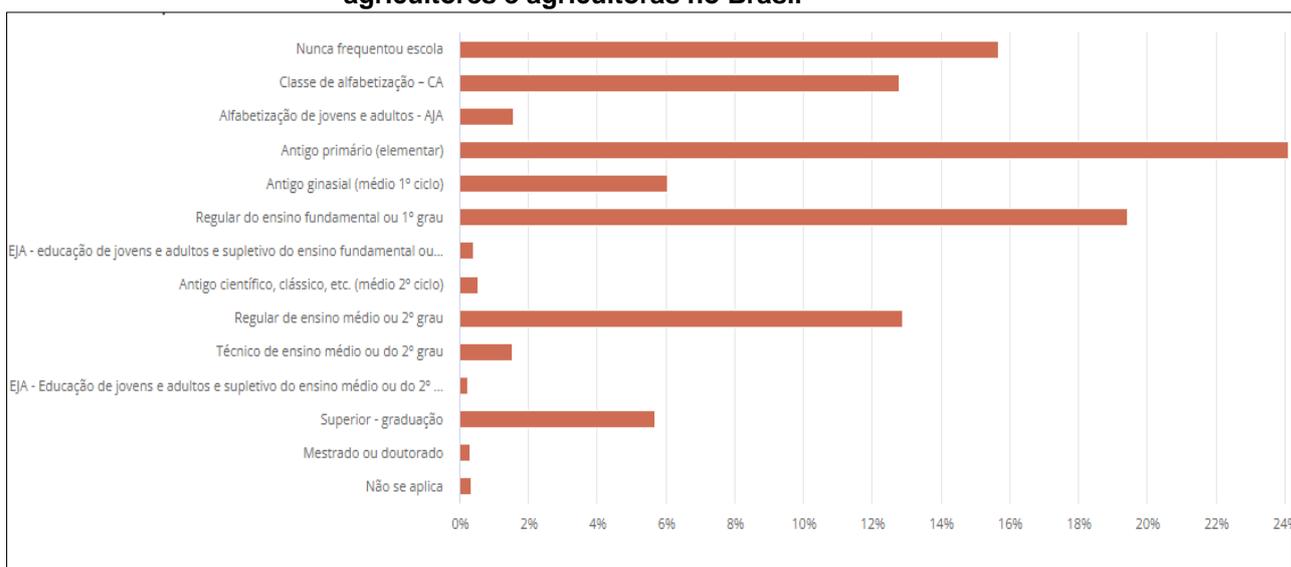
universidades, com restrição de recursos para a ciência e tecnologia, concentrando seus esforços em uma política para o mercado, para o setor financeiro e para os ruralistas (MORAIS; SANTOS; PAIVA, 2021).

Agravando a situação da Educação do Campo, temos o ataque ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, que atende áreas de reforma agrária, desferido inicialmente durante o governo Temer com o desmonte do Ministério de Desenvolvimento Agrário - MDA e no atual governo com os cortes orçamentários. Soma-se a isto a extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI/MEC, que cuidava da promoção da valorização de diferenças e da diversidade sociocultural, à promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos, e da sustentabilidade socioambiental. A SECADI desenvolvia ações no âmbito da “Educação de Jovens e adultos”, Educação Especial na perspectiva inclusiva, Educação Ambiental e em Direitos Humanos, Educação do Campo, Indígena, Quilombola, Educação para as relações Étnicoraciais. Esse desmonte interessa ao modelo de desenvolvimento neoliberal, que beneficia o latifúndio, o agronegócio, em detrimento de um projeto de nação cujas bases estão assentadas em princípios da economia socialista, onde o ser humano, sua vida, seu modo de produção e reprodução, suas relações com a natureza que lhe garantem a vida e a relação com outros seres humanos não está pautada na propriedade privada, na lógica do lucro e, da concentração de riquezas nas mãos de poucos em detrimento do bem-estar da maioria. (TAFFAREL; NEVES, 2019, p. 326).

Diante disso, pode-se considerar que, se as políticas de acesso à educação fossem reestabelecidas, com certeza, haveria um maior número de egressos/as dando continuidade em seus estudos.

Seguindo a análise do acesso à Educação no Brasil, apresentar-se-á, no Gráfico 10, o número de estabelecimentos agropecuários por escolaridade dos agricultores no Brasil e no Estado do RS.

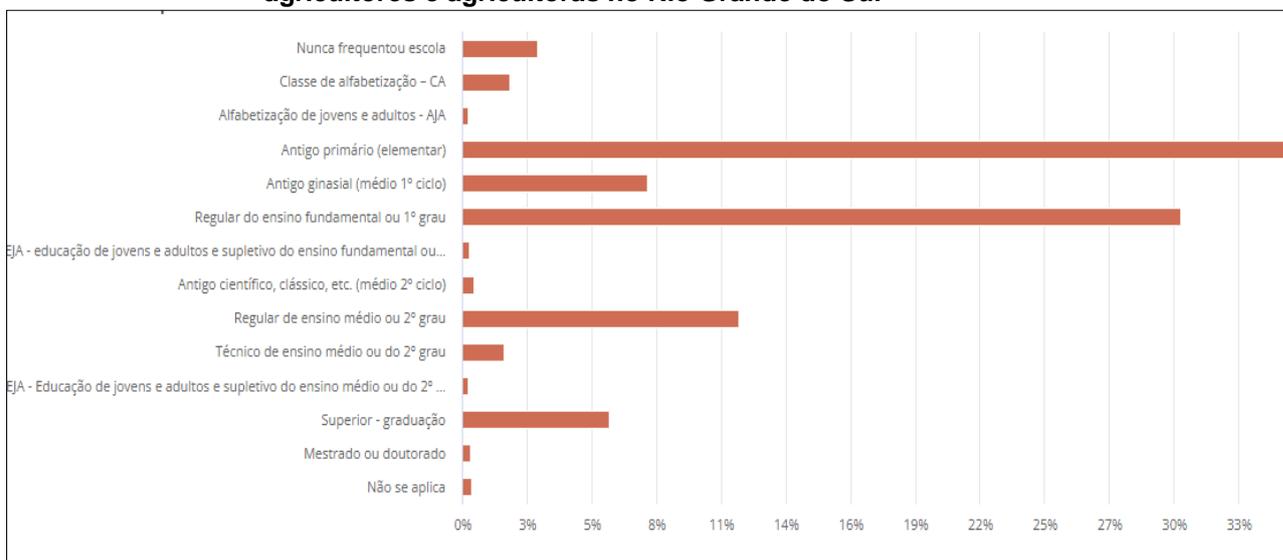
Gráfico 10 - Número de estabelecimentos agropecuários por escolaridade dos agricultores e agricultoras no Brasil



Fonte: Censo Agropecuário de 2017.

Dos 5.073.324 estabelecimentos agropecuários no Brasil, 23,77% dos agricultores possuem somente o antigo primário como escolaridade. Após, 19,13% possuem o ensino regular do ensino fundamental ou 1º grau, outros 15% nunca frequentaram a escola, somente 5,58% possuem graduação, 1,51% cursaram algum curso técnico de nível médio e 0,29% possuem Mestrado ou Doutorado, ou seja, infelizmente a realidade brasileira de acesso à educação aos sujeitos do campo sempre foi para poucos. O Gráfico 11 demonstra a realidade no Estado do RS.

Gráfico 11 - Número de estabelecimentos agropecuários por escolaridade dos agricultores e agricultoras no Rio Grande do Sul



Fonte: Censo Agropecuário de 2017.

A realidade do RS também segue alguns parâmetros semelhantes. Dos 365.094 estabelecimentos agropecuários gaúchos, 34,91% dos agricultores possuem somente o antigo primário como escolaridade. Após, 30,42% possuem o ensino regular do ensino fundamental ou 1º grau, outros 3,16% nunca frequentaram a escola, 6,21% possuem graduação, 1,75% cursaram algum curso técnico de nível médio e 0,35% possuem Mestrado ou Doutorado. Sendo assim, infelizmente a realidade do Estado segue muito a perspectiva nacional de acesso à Educação no Campo, pois também sempre foi para poucos.

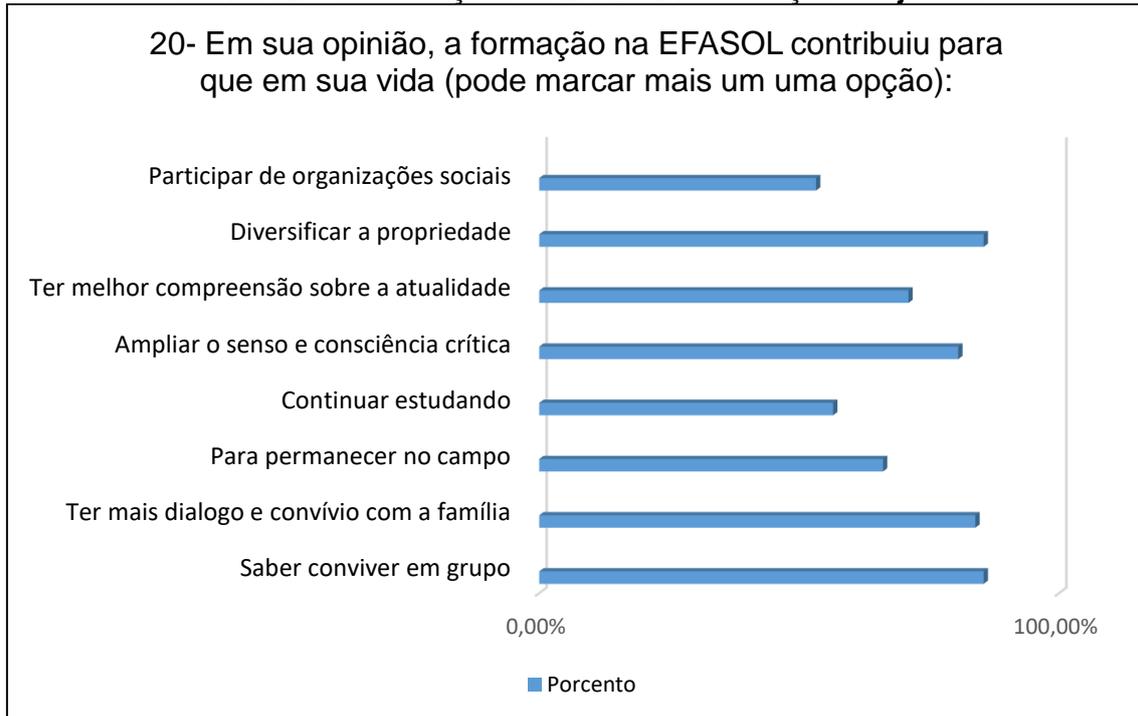
Historicamente, no Brasil, as políticas agrícolas não “conversam” com a educação, isto se reflete na cultura, nos discursos existentes, como por exemplo, de que para continuar na agricultura não é preciso ir à escola. As escolas no meio rural foram implantadas como política compensatória, na lógica de fazer o letramento, ou seja, as pessoas teriam que saber minimamente ler, escrever e fazer as quatro operações básicas. Essa retórica se perpetua através discursos que evidenciam a educação e a agricultura como polos opostos, e portanto, a escola ou a continuidade dos estudos não fazem parte das necessidades de quem quer continuar no campo. (POZZEBON, 2015, p. 142).

De acordo com o Censo Agropecuário, sobre o nível de instrução em relação a saber ler e escrever, 22,6% dos homens e 24,8% das mulheres do campo não sabem ler e escrever no Brasil em pleno século XXI. Portanto, essa realidade no que tange ao acesso à Educação para os sujeitos do campo, historicamente, vem sofrendo descasos, sobretudo agora, diante do contexto político e ideológico existente em nível governamental.

4.4 Contribuições e os diferenciais da EFASOL na vida dos jovens

No questionário realizado com a juventude egressa da Efasol, perguntou-se em que a formação na Escola contribuiu em sua vida, o que resultou em interessantes respostas, conforme demonstra o Gráfico 12.

Gráfico 12 – Contribuições da EFASOL na formação dos jovens



Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Pode-se observar uma diversidade de opiniões mencionadas durante esse questionamento. O saber conviver em grupo e diversificar a propriedade da família foram as maiores contribuições da Efasol para seus egressos/as, conforme destacam 53 jovens (85,5%).

Em relação à convivência de grupo nas EFAs, ela se fortalece na alternância do dia e da noite, segundo Vergurz (2013), havendo a coletividade, integração, conversas e trocas, com respeito às diferenças, sendo “um espaço de formação cheio de informações, comparações, de opostos, de discussões de problemas permitindo a cada um situar-se em relação a seus campos de vida familiar, profissional, mas também, de posicionar-se em grupo” (GIMONET, 2007, p. 87).

Ter mais diálogo e convívio com a família: relato de 52 jovens (83,9%) que mencionaram terem melhorado muito a relação com sua família, devido às atividades desenvolvidas principalmente durante as sessões familiares, pois envolvia pesquisas da família, da propriedade, das produções e criações, entre outras temáticas que proporcionam uma proximidade maior entre o jovem e seus familiares.

Ampliar o senso e consciência crítica foi outra questão levantada por 50 jovens (80,6%), seguido também de ter melhor compreensão sobre a atualidade, questão levantada por 44 jovens (71%), sendo muito um reflexo da metodologia de ensino e a formação integral dos jovens.

Para permanecer no campo: relato de 41 jovens (66,1%), sendo um dado relevante para a juventude egressa da Efasol, pois a formação possibilitou criar caminhos para viabilizar sua permanência no campo.

Continuar estudando: levantado por 35 jovens (56,5%), quando a Efasol viabilizou para alguns jovens voltarem a estudar, pois haviam finalizado o ensino fundamental e desistido de seguir para o ensino médio. Portanto, a Efasol resgatou jovens que não queriam mais estudar, além de proporcionar também para esses e outros jovens novos horizontes para seguir estudando após sua formação na EFA.

Por fim, participar ou ter participado de organizações sociais (associações, cooperativas e sindicatos etc.) foram levantadas por 33 jovens (53,2%), demonstrando o engajamento da juventude com entidades regionais, seguindo com o trabalho em grupo, no coletivo, por meio das organizações produtivas.

Posteriormente, foi pedido aos jovens para definirem a Efasol utilizando apenas uma palavra (somente uma palavra mesmo). Após, sintetizando todas as palavras que vieram como resposta, surgiu uma belíssima ilustração, conforme demonstra a Figura 36.

Figura 36 – Definição da EFASOL pelos seus egressos/as, em apenas uma palavra



Fonte: adaptado de Mentimeter, elaborado pelo autor, 2021.

Essa figura foi elaborada por meio de uma ferramenta disponível na *internet*, chamada Mentimeter¹⁷, que fez um compilado interativo sobre as respostas dos jovens. As palavras que ficaram com um *layout* maior foi criação do próprio aplicativo, pois foram palavras mais descritas/citadas pelos jovens, por exemplo: família, palavra que define a Efasol para 21 jovens (34%), após, as outras palavras, como agroecologia, aprendizado, conhecimento, diversificação, entre outras, também foram palavras que definiram a Efasol para sua juventude egressa, conforme as 62 respostas.

Sobre o principal diferencial da Efasol, exatamente cada um dos 62 jovens tiveram suas respostas bem particulares, específicas e objetivas, conforme retrata abaixo:

- “Desenvolvimento crítico no meio social;
- A relação das pessoas e o preparo para a realidade;
- Trabalhar a realidade do jovem, em específico, do campo. O ‘eu’, a comunidade e o município. O espaço onde o jovem está inserido.

17 Mentimeter: Disponível em <https://www.mentimeter.com>, sendo uma plataforma online que permite criar apresentações interativas. Serve também para criar apresentações com feedback em tempo real, criar e compartilhar apresentações com interatividade ou para *download*.

Trabalhar em sala de aula atividades que estão presentes no cotidiano de cada um, o que não se percebe em uma escola tradicional de ensino. Por exemplo, utilizar a cultura do tabaco, que está muito presente na realidade dos jovens que frequentam a escola, para as aulas de matemática, calculando quantos pés da cultura plantados por hectare e a estimativa de custo de produção, potencializando os insumos disponíveis na propriedade no fluxo de caixa das entradas e saídas, já envolvendo a gestão familiar sobre determinado tema gerador;

- Propôs que a família fosse mais ativa nas minhas atividades propostas;
- O convívio, o jeito de ser tratado, não há desigualdade, é uma família;
- A Pedagogia da Alternância. É pra mim, particularmente, a forma de ver, pensar e agir, pois abre inúmeros caminhos e aí cada um faz a sua caminhada, pensando onde os pés pisam e construindo sua trajetória;
- O vínculo com o campo;
- O diferencial é que ela é uma escola onde todos são tratados de igual maneira;
- Forma de aprendizados;
- O diferencial da Efasol é o método de ensino que assim é com nossa realidade, aprendendo os conteúdos, porém de uma forma que podemos trocar conhecimento e dialogar com o mesmo;
- Internato;
- Mostrar que podemos fazer uma agricultura diferente;
- É uma família, onde todos lutam por um objetivo e ensino diferenciado;
- Acredito que o convívio entre muitos estudantes, assim como a valorização da família, é o principal diferencial e o que me fez permanecer na escola;
- A possibilidade de ampliar as noções da importância da atividade dos pequenos agricultores na região;
- Incentivar os jovens a permanecer no campo;
- Convivência e ver novas realidades;
- O vínculo entre escola e propriedade familiar;
- A sua metodologia de ensino;

- Trabalho em grupos e a convivência, além do senso crítico e a atenção com os jovens e os pequenos agricultores;
- A Efasol é um mecanismo de ensino que ensina de acordo onde nossos pés estão pisando, contribuindo assim para conhecer e estimular o conhecimento sobre a nossa volta;
- Formação que recebemos;
- Formação integral;
- Mais do que ensinar para ter uma formação, ensinar a viver diferente, ter pensamento crítico;
- Bom, é uma escola voltada para o campo, mostrando para a juventude que não é necessário largar a agricultura e que tem como evoluir a propriedade e seguir com ela;
- Tive melhoramento no diálogo com as pessoas;
- O Principal diferencial é o ensino, que está fixada em um dos pilares da escola, a Pedagogia da Alternância, onde o aluno fica uma semana em casa e outra na escola. Desta forma, o ensino fica focado na troca de conhecimentos entre os alunos e suas famílias, com os professores e tutores da Efasol;
- Ela ensina a ter postura e senso crítico;
- Estudo alternativo onde fica uma semana na escola estudando e a outra semana em casa, e o convívio em grupo com outras pessoas de vários municípios diferentes;
- O preparo da juventude para enfrentar a realidade como seres humanos melhores e capazes de influenciar, transformar, melhorar a realidade;
- Ter convivência com pessoas de outras realidades e ter muitas trocas de conhecimentos;
- Convívio em grupo, acesso a materiais de estudos que uma escola tradicional não dispõe, e o fortalecimento do lado pessoal de cada um;
- Pedagogia, e a dedicação de todos os integrantes envolvidos para a mesma continuar sendo uma escola de grandes conhecimentos;
- Família, união, conhecimento, reconhecimento, sucesso entre muito mais;
- Forma de ensino;
- Trabalho em grupo com uma aceitação enorme dos alunos;

- Os relacionamentos e a metodologia de ensino;
- É uma escola que temos a oportunidade de adquirir conhecimentos novos da nossa realidade no campo, podendo, assim, aplicar na prática as ideias e sugestões de maneiras diferentes no campo;
- Traz muitos aprendizados para os estudantes;
- O internato;
- Creio que a escola é totalmente diferenciada de qualquer outra escola, lá os professores têm um diálogo muito grande com os jovens, escutando tudo e apoiado os alunos sempre. Com essas conversas falei que cortava cabelo e tive muito apoio dos professores, sendo até que me deixaram levar meus equipamentos para a escola, assim pude cortar o cabelo de meus colegas, foi muito bom isso pra mim, pois eu cortava o cabelo só de meus primos, e assim, cortando lá tive várias pessoas para cortar. Todos gostavam e acabei gostando mais do que eu estava fazendo, e por isso sou muito grato por eles terem deixado eu cortar cabelo lá na escola, hoje essa é minha fonte de renda, o que paga minhas contas, esse foi um de vários diferenciais da escola na minha vida, e um dos mais importantes;
- É uma Escola Família, que busca a participação de todos, proporcionando aos alunos expor suas realidades favorecendo o desenvolvimento de todos. Abre horizontes e nos ensina a ter senso de crítica sobre o mundo onde vivemos;
- Estudar nosso (seu próprio) meio;
- Pra mim o diferencial da Efasol é a troca de saberes que tem entre os jovens, a família, comunidade e monitores, que é muita rica em informações e que complementam o seu conhecimento. Também destaco que, ao longo dessa trajetória o jovem tende a se tornar mais responsável e perseverante, estes por sua vez complementam o seu aprendizado além de auxiliar o desenvolvimento do senso crítico do mesmo. A instituição maximiza sua percepção sobre a realidade que o mundo se encontra na atualidade em diversos fatores. Por fim, mas não menos importante, a Efasol incrementa e concilia o conhecimento teórico com o prático;

- A Efasol tem como diferencial a metodologia de ensino e a pedagogia da alternância. Ambos são ligados à realidade do jovem;
- Conhecimento para o jovem e sua família sobre a importância de manter a agricultura familiar;
- A forma de ensino dialogando e vendo formas de estudos diversificados;
- Escola que ensina uma profissão e continuar com a propriedade da família;
- Ser uma escola que pensa e é construída com a família (não apenas a família hetero e monogâmica), que visa um campo com diferentes saberes e resgatando as diversidades;
- Sua forma de ensino;
- A escola não é somente uma escola, e sim uma segunda família;
- Ideologia;
- Aproximação do jovem com a realidade do campo e abertura de novos caminhos a se traçar após a formação;
- Aprendizagem, a convivência com os colegas;
- Fazer um estudante que não tem conhecimento ter um conhecimento maior sobre o pequeno agricultor do campo;
- Construção de um ser humano capaz de se ver inserido em várias possibilidades do cotidiano;
- A forma que nos é ensinado os conteúdos e os trabalhos que levamos para casa;
- O convívio único;
- Interação entre alunos e educadores;
- O principal diferencial da Efasol é de uma escola que mostra para os jovens de como podemos diversificar a propriedade com culturas, de onde podemos fazer uma reutilização de produtos da propriedade para adubação;
- Sem dúvidas trabalho em grupo. O convívio de cada dia com colegas e monitores focando na realidade do jovem, incentivando uma agricultura sustentável”.

Nesse caso, foi proposital deixar exatamente as 62 respostas, com o objetivo de trazer a grande diversidade de respostas (e bem particulares mesmo) sobre o principal diferencial da Efasol para sua juventude egressa atualmente. Em muitos momentos, apareceu nas falas dos jovens, como o ensino voltado à realidade, o envolvimento com a família, a PA, o convívio em grupo, a formação integral, a família como os principais diferenciais da Efasol, sendo algo vindo dos jovens, mas que, nos princípios, a proposta é essa mesma, ou seja, do universo que foi pensando está sendo executado na prática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais descritas aqui não são de um fechamento de ciclo, e sim de novos questionamentos e desafios futuros a serem desbravados. Esta pesquisa tinha como objetivo analisar as experiências socioprofissionais dos egressos/as da Efasol, bem como as suas relações com o campo e/ou a cidade e as influências da Escola nesse processo.

As informações e análises descritas se orientaram por questionamentos bem claros, sendo eles: Onde estão os egressos/as da Efasol? Após sua formação na escola, quais experiências socioprofissionais estão estabelecendo? Qual o perfil desses egressos? E suas relações com o campo e/ou a cidade? Estão ficando na agricultura, por quê? Estão indo para a cidade, por quê? Quais as contribuições da Efasol na formação dessa juventude? Quais os diferenciais da Efasol na vida de seus egressos/as? Esses e outros questionamentos foram fundamentais para a realização desta pesquisa, que partiu de seu meio, por uma necessidade fidedigna da base, de uma demanda existente, de buscar algumas respostas para essas perguntas. Conciliar o trabalho na EFA e encarar um Mestrado não seria e não foi nada fácil, mas diante da importância da pesquisa, tornou-se algo muito necessário para o movimento.

Sobre a pesquisa, realizou-se, primeiramente, uma contextualização sobre alguns conceitos básicos e iniciou-se, com uma problematização que coloca o principal sujeito da pesquisa em foco: a juventude do campo e os dilemas entre ficar ou sair, uma dicotomia muito presente na vida dessa juventude, diante de todo um contexto em que ela se insere. A discussão em si permeia também a Educação do Campo e o Desenvolvimento Regional, trazendo um olhar mais histórico sobre estes temas.

O campo e a cidade possuem uma longa trajetória para superar a falsa divisão que, historicamente, o sistema capitalista impôs, que separa o campo da cidade, obviamente ainda muito fortalecida na sociedade, que, para ficar no campo, o sujeito não teve outra opção, ou quem saiu, está muito bem colocado no mercado de trabalho. Uma triste realidade que mesmo através de avanços em discussões, implantação de programas e incentivos, a prevalência de resistências para mudanças nas estruturas políticas e pedagógicas nas escolas do campo ainda permanecem verticalizadas, além da não identificação de muitas

escolas que são do campo, que não se identificam com as particularidades do campo.

A agroecologia como um sistema de produção, mas também como propósito de vida, está muito presente na vida dos jovens egressos/as da Efasol, além de sua identificação como classe na Agricultura Familiar Camponesa. A PA faz com que a juventude tenha pertencimento com a Agroecologia e com a Agricultura Familiar Camponesa, indiferente às experiências socioprofissionais que os jovens possuem, mas o entendimento da Agroecologia e o orgulho de ser filho ou filha de Agricultor ou Agricultora Familiar Camponesa é muito presente para a juventude egressa da Efasol.

Não é por nada que, no início da dissertação, bem como no seu final, no tópico sobre as contribuições e os diferenciais da Efasol na vida dos jovens egressos/as, fica claro que a pesquisa toda perpetua sobre o jovem, de compreender fatores limitantes e decisivos em suas experiências socioprofissionais, bem como suas relações com o campo e/ou a cidade após a formação nesta Escola.

Diante do contexto apresentado sobre a juventude do campo, vê-se a importância de uma Educação voltada para ela. Após muitas lutas dos movimentos sociais camponeses, surgiu a Educação do Campo, construindo uma análise crítica sobre a atual conjuntura social, política e econômica do campo, sendo um elemento central para haver uma transformação dessa realidade após a modernização da agricultura, que trouxe imensuráveis impactos negativos para o ecossistema.

Portanto, a agroecologia surge como uma grande afronta a esse processo de modernização, valorizando os saberes históricos dos agricultores, estabelecendo novas estratégias de desenvolvimento e outros arranjos produtivos, sendo uma resistência ao capitalismo agropecuário existente e seus impactos sociais e ambientais. A agroecologia e a Agricultura Familiar Camponesa estão diretamente relacionadas quando se fala em produção de alimentos saudáveis, comércio justo, preservação do meio ambiente e dos recursos naturais.

O VRP, muito citado durante a pesquisa, consiste em uma importante região para o Estado do RS, sobretudo para o Brasil, pois a Agricultura Familiar Camponesa é a matriz produtiva, econômica e social da região, havendo grande

predominância de pequenas propriedades e a forte presença da produção do tabaco em todos os municípios. Porém, no decorrer dos anos, houve um grande esvaziamento do campo, extinguindo, em muitas vezes, as possibilidades de sucessão rural nas propriedades localizadas no VRP. Portanto, é nessa proposta que está a grandiosidade de um ensino voltado à realidade do jovem do campo, criando reais possibilidades de sucessão rural por meio de uma Educação libertadora, humana e que valoriza os Agricultores Familiares Camponeses.

A PA, por meio de uma educação voltada aos filhos e filhas de agricultores, é fundamental para a sobrevivência das propriedades do VRP, conseqüentemente, da própria Agricultura Familiar Camponesa, aqui existente, pois grande parte das escolas, atualmente, não possui um trabalho voltado ao jovem do campo. Diante disso e das frustrações com a matéria de Técnicas Agrícolas durante o ensino fundamental, é possível afirmar que as próprias escolas também são responsáveis pelo esvaziamento e envelhecimento do campo nos dias atuais, além da não identificação como escola do campo, conforme mencionado anteriormente.

Vale destacar que essa crítica não é direcionada às escolas. A questão a ser debatida é sobre a importância de haver uma educação voltada para esse jovem, que valorize os agricultores e traga sua vivência prática para dentro da escola. Esse é um dos objetivos da PA, que, além de trazer a vivência familiar para a escola, permite que o jovem não perca o vínculo com sua família.

Devido a isso, a pesquisa mostrou que o propósito da existência da PA no mundo está cumprindo seu papel até os dias atuais, por intermédio da Efasol, tornando o jovem como o principal sujeito do processo, com uma formação técnica, mas também humana e libertadora, tornando-o capaz de seguir o caminho que ele entender ser o melhor para sua vida.

Portanto, diante de alguns dados mencionados na pesquisa, como 95,2% dos jovens na região do VRP e 88,7% dos egressos da Efasol estarem vinculados à agricultura, vê-se a importância da Efasol em suas vidas, sobretudo pelo papel da Escola na formação dos filhos e filhas de Agricultores Familiares Camponeses da região. Isso está muito bem consolidado e é algo concreto e fundamental para os jovens do campo. Nesse sentido, a Efasol contribui para que a juventude desenvolva e continue desenvolvendo ações que promovam o Desenvolvimento Regional na perspectiva da Agricultura Familiar Camponesa.

A pesquisa trouxe visibilidade aos jovens camponeses, tão invisíveis nas pesquisas acadêmicas, assim como os jovens em geral, mas sobretudo os jovens do campo. Além disso, a pesquisa em si irá “lançar luz” sobre o processo educativo e propiciar uma reflexão a ser promovida pelas EFAs, além de sistematizar conhecimentos na perspectiva científica, a partir das experiências da própria Efasol, ampliar e aprofundar compreensões, conceitos e práticas da PA na Escola e no movimento Ceffa no Estado e no Brasil.

Os dados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa também qualificarão o processo ensino/aprendizagem dos jovens estudantes e, talvez, a partir desses resultados, articular os egressos/as visando momentos de formação, de reencontros e de debates que envolvem a Juventude do Campo, o Campo e a Cidade, a Agroecologia, Agricultura Familiar Camponesa e a Sucessão Rural.

Como acontece em toda pesquisa, é importante destacar alguns dados limitantes que foram encontrados. O principal, de certa forma, é a própria condição juvenil dos egressos/as da Efasol. São jovens que possuem uma faixa etária de 20 a 26 anos, sendo um grupo que vive em constantes mudanças em suas vidas, o que não é um problema, isso é decorrente da condição juvenil muito precoce que todos se encontram.

Mesmo nessa situação, vê-se grande número de jovens ligados à Agricultura Familiar Camponesa, em suas propriedades ou conciliando, mas como seriam as experiências socioprofissionais de egressos/as de uma EFA que hoje tem 50 anos de idade por exemplo? Quantas histórias de experiências socioprofissionais esse egresso/a teria para compartilhar? Qual a importância da formação por alternância em sua vida? Qual a importância da EFA em sua experiência de vida?

Esses limitantes são novos questionamentos e desafios futuros a serem desbravados, como dito no início dessas considerações finais, ou seja, o trabalho literalmente não para por aqui, pois, por meio dessa pesquisa, originou-se a necessidade de um processo continuado em nível nacional, tema que será tratado na sequência dos estudos, dentro do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, no Doutorado.

Além desses limitantes, outros serão analisados e discutidos, visto que o processo de formação por alternância no RS, por intermédio das EFAs, ainda é

uma experiência muito nova. Portanto existe uma necessidade de conhecer experiências que antecedem as do Estado, como também é fundamental conhecer outras EFAs do Brasil e, talvez, até do mundo para justamente poder contribuir ainda mais em nossos processos de formação, em solo gaúcho, nos próximos anos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Juventude e agricultura familiar**. Brasília: Edições da Unesco, 1998. 101p.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão**. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992. Uma nova extensão para a agricultura familiar. In: Seminário Nacional De Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF, Anais, 1997.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 3. Ed. – São Paulo: Edusp, 2007.

ALENTEJANO, Paulo. **Palestra sobre Questão Agrária: modelos de desenvolvimento em disputa no campo brasileiro**. Belo Horizonte: FAE/UFMG. I Seminário de Formação Continuada de professores das Licenciaturas em Educação do Campo, agosto, 2017.

ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL – AFUBRA. **Dados da Produção do Tabaco: A fumicultura no Brasil**. Disponível em: <https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

ALTIERI, M. **Agroecologia. A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**. 5ª edição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, editora da UFRGS, 1998.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Fumo: O Rio grande do Sul é o maior produtor de fumo em folha do Brasil**. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/fumo>. Acesso em: 11 de julho de 2020.

BASTIANI, T. M., STRASSER, R. B., **Permanência dos Jovens no Campo: Para que?** Contribuições dos Movimentos sociais para a educação dos trabalhadores: crianças, jovens, adultos e idosos (espaços formais e não formais). 2012.

BEGNAMI, J. B., DE BURHGRAVE, T. Pós-fácio de atualização. In: NOSELLA, Paolo. **Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2012. p. 251-274.

BEGNAMI, J. B., **Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias**. 2003. Dissertação de Mestrado Internacional em Ciências da Educação - Formação e Desenvolvimento Sustentável. Universidade Nova de Lisboa – Portugal e Universidade François Rabelais de Tours – França. Belo Horizonte/MG, 2003.

BEGNAMI, J. B. **Formação por Alternância na Licenciatura em Educação do Campo**: possibilidades e limites do diálogo com a Pedagogia da Alternância. Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

BEGNAMI, J. B. **Os CEFFAs e a Educação Média e Profissional Integrada**. Texto elaborado para a Equipe Pedagógica Nacional dos CEFFAs do Brasil. Brasília: Rede dos CEFFAs/UNEFAB/ARCAFAR SUL/ARCAFAR NE/NO, setembro de 2011.

BEGNAMI, J. B. **Uma Geografia da Pedagogia da Alternância no Brasil**. In: Documentos Pedagógicos – UNEFAB. Brasília: Cidade Gráfica Editora, 2004.p.04.

BENFAM – **Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil**. PNDS. *Pesquisa nacional sobre demografia e saúde, 1996*. Rio de Janeiro, Ed. Rio de Janeiro, 1997.

BOFF, M. CAMELLO, H. MATTÉ, I. TRENTIN. L. A Trajetória dos Egressos da EFASERRA, suas compreensões do processo formativo e a contribuição para o Desenvolvimento do Meio. In: BENÍSIO, Joel Duarte; COSTA, Tiago Pereira da; (orgs.). **Anais do I Conferência Nacional da Pedagogia da Alternância do Brasil (CONPAB) & I Colóquio Internacional Interdisciplinar da Pedagogia da Alternância & IV Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil**. Salvador, Bahia, Brasil: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. UNEFAB, 2019.

BONAMIGO, C. A., **Possibilidades de interlocução entre Educação do Campo e Desenvolvimento Regional**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

Brasil. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. INEP. 2019 www.gov.br/inep/pt-br

BRASIL, PRESIDENCIA DA REPÚBLICA, **Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 08 de outubro de 2020, às 01h54min.

CALIARI, R. O. **A presença da família camponesa na Escola Família Agrícola: o caso de Olivânia.** 2013. 563 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória – ES, 2013.

FERREIRA, H. S.; ALBUQUERQUE, M. F. M. e SILVA, R. “**Perfil antropométrico da população residente em invasão do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).** Porto Calvo, Alagoas-Brasil”. *Revista de Epidemiologia*, vol. 2, 1996, p. 114.

CAMARANO, A. A., ABRAMOVAY, R. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos.** IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, texto para discussão nº 621. Rio de Janeiro, Janeiro de 1999.

CAPORAL, F. R. AZEVEDO, E. O. **Princípios e Perspectivas da Agroecologia.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, 2011

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável.** Brasília: MDA/SAF/DATER - IICA, 2004.

CAREGNATO, R. C. A. MUTTI, R. **Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo.** Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. 2006, Out-Dez 15(4): 679-84.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

CASTRO, E. G., MARTINS, M., ALMEIDA, S. L. F., RODRIGUES, M. E. B., CARVALHO, J. G., **Os Jovens estão indo embora? Juventude Rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

Censo Agropecuário de 2017, disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>. Acesso em janeiro de 2022.

Cepal. **Transformación productiva con equidad: la tarea prioritaria del desarrollo de America Latina y el Caribe en los años noventa.** Santiago de Chile: Cepal/ONU, 1990

COLTRO A. A Fenomenologia: **Um enfoque Metodológico para além da Modernidade.** Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, V, 1, Nº 11, 1º TRIM./2000.

CONPAB. **Conferência Nacional da Pedagogia da Alternância no Brasil.** Anais 50 anos da Pedagogia da Alternância no Brasil. I Colóquio Internacional Interdisciplinar da Pedagogia da Alternância, IV Seminário Internacional da

Pedagogia da Alternância no Brasil. Organizadores: Joel Duarte Benísio e Tiago Pereira da Costa. Salvador, Bahia – Brasil, Setembro de 2019.

CORRÊA, J. C. S., SILVEIRA, R. L. L., KIST, R. B. B., **Sobre o conceito de Desenvolvimento Regional: Notas para debate.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. G&DR. V. 15, N. 7, Edição Especial, P. 3-15, dez/2019. Taubaté, SP, Brasil. ISSN: 1809-239X.

COSTA, C.; FROEHLICH, J. M.; CARPES, R. H. Masculinização rural: uma abordagem a partir da regionalização por sistemas agrários no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, jul-dez, 2013.

COSTA, J. P. R., **A ARTICULAÇÃO EM AGROECOLOGIA DO VALE DO RIO PARDO – AAVRP/RS:** A agroecologia como possibilidade de existência e resistência na construção de “Espaços de Esperança” na região do Vale do Rio Pardo. 2019. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.

COSTA, J. P. R. **Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC:** uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da Pedagogia da Alternância. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

COSTA, J. P. R., ETGES, V. E., VERGUTZ, C. L. B., **Educação do Campo e o Fechamento das Escolas do Campo.** II Fórum Internacional de Educação, VI Seminário Nacional de Pesquisa em Educação, XIV Fórum Nacional de Educação e XVII Seminário Regional de Educação Básica – 27 a 30 de abril de 2016, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul, 2016.

DAL SÓGLIO, F.; KUBO, R. **Agricultura e sustentabilidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ELIAS, D. **Relações Campo-Cidade, Reestruturação Urbana e Regional no Brasil.** XII Coloquio Internacional de Geocrítica. Las independencias y construcción de estados nacionales: Poder, Territorialización, siglos XIX-XX. 2012.

ETGES, V. E., **A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo.** In: VOGT, Olgário e SILVEIRA, Rogério. Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: Edunisc. 2001.

ETGES, V. E.; DEGRANDI, J. O., **Desenvolvimento regional: a diversidade regional como potencialidade**. RBDR, Blumenau, v.1, n.1, p. 85-94, abril. 2013.

ETGES, V. E. **O Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC**. Revista REDES – A Revista do Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, v.8, nº1, jan/abr. 2003.

ETGES, V. E. **Territórios rurais: a região fumicultora no Sul do Brasil**. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz [*Et al. ...*] A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. Da ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FACCIN; O, P. SCHMIDT, C, E. **Sucessão nas Propriedades Rurais Familiares Integrantes de uma Cooperativa Agropecuária**. Capítulo XVIII - Sucessão nas Propriedades Rurais Familiares Integrantes de uma Cooperativa Agropecuária. in: COTRIM, Décio Souza (Org.). Gestão de cooperativas: produção acadêmica da Ascar . Porto Alegre, RS: Emater/RS-Ascar, 2013. 694 p. (Coleção Desenvolvimento Rural, v. 2).

FARIA, L. A. S. B. FARIA, G. S. XAVIER, G. S. JESUS, J. B. J. CASTRO, J. C. R. SOARES, V. A. M. Contribuição do Curso de Agronomia/PRONERA/UFTM para a Juventude Rural com Ênfase na Sucessão Familiar: Um relato de caso In: BENÍSIO, Joel Duarte; COSTA, Tiago Pereira da; (orgs.). **Anais do I Conferência Nacional da Pedagogia da Alternância do Brasil (CONPAB) & I Colóquio Internacional Interdisciplinar da Pedagogia da Alternância & IV Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância no Brasil**. Salvador, Bahia, Brasil: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. UNEFAB, 2019.

FERNANDES, B. M. **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo, Cortez Editora, 2001.

FIGARO, R. **O mundo do trabalho e as organizações: Abordagens discursivas de diferentes significados**. Revista brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 90-100, 2. Sem. 2008.

FIGARESE, J. G. P., PLEIN. C. **A produção para autoconsumo na agricultura familiar: Uma questão de liberdade alimentar**. Faz ciência, Vol. 19, n. 29, Jan/Jun de 2017 – p. 46-60.

FLORES, M. **A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte**. Contribuição para o Projeto

Desenvolvimento Territorial Rural a partir de Serviços e Produtos com Identidade – RIMISP. 2006.

FONSECA, J. J. S., **Metodologia de Pesquisa Científica**. Apostila Curso de Especialização em Comunidades Virtuais de Aprendizagem – Informática Educativa. Universidade Estadual do Ceará – UEC. Fortaleza, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FROSSARD, A. C. **Identidade do jovem rural confrontando com o estereótipo de Jeca Tatu: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I**. 2003. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa; Département Sciences del Éducation et de la Formation, Université François Rabelais de Tours, Nova Friburgo, 2003.

FURINI, Luciano Antônio. **Os agentes urbanos: conceito e características principais**. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v. 8, n. 1, p. 15-24, 2014.

GADOTTI, M. FREIRE, P. GUIMARÃES, S. **Pedagogia: Diálogo e Conflito**. 4ª edição – São Paulo, Editora Cortez, 1995.

GARCÍA-MARIRRODRIGA, R., PUIG-CALVÓ, P. **Formação em Alternância e desenvolvimento educativo dos CEFFAS no mundo**. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GARGIA-MARIRRODRIGA, R. e PUIG-CALVÓ, P. **Formação em Alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos CEFFA no mundo**. Belo Horizonte, MG: O Lutador, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 1989.

GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**; tradução de Thierry de Burghgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR- Associação Internacional dos Movimentos Familiares Rurais, 2007.

GOMES, A. C., **A operacionalização do Mercado Institucional de alimentos no contexto do Vale do Rio Pardo: o caso da Cooperativa Leoboqueirense de Agricultores Familiares**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.

GRANEREAU, A. P. J., **O Livro de Lauzun: onde começou a Pedagogia da Alternância**. Organizado por Elenilce Gomes de Oliveira e Enéas de Araújo Arrais Neto, traduzido por Antônio João Mânfió, João Estáquio Romão, Atico Fassino e Thierry Burghgrave, revisado por Paolo Nosella, Thierry Burghgrave e João Batista Begnami. Coleção: Labor – Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional. Fortaleza, Editora UFC, 2020.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. **A "produção invisível" na Agricultura Familiar: Autoconsumo, segurança alimentar e Políticas Públicas de desenvolvimento rural**. Revista Agroalimentaria. Vol. 16, Nº 31; (65-79) julho – dezembro, 2010

GRISA, C. **Para além da alimentação: papéis e significados da Produção para autoconsumo na agricultura familiar**. Revista Extensão Rural. Ano XIV, Jan – Dez, 2007^a

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

JORNAL FOLHA DO MATE. **Produção de Tabaco em Venâncio Aires**. Disponível em: <https://folhadomate.com/noticias/rural/producao-de-tabaco-deve-ser-de-17-182-toneladas-em-venancio-aires/>. Acesso em: 11 de julho de 2020.

JOSGRILBERG, R. **Fenomenologia e Educação**. CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto. *Notandum* 38 mai-ago 2015.

JUNQUEIRA, A. H. MORETTI, S. L. A. **Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais**. Estudos, Sociedade e Agricultura. Outubro a janeiro de 2018, vol 26, nº 3. 2018

KARNOPP, E. WEBER, J. M. **Agroecologia: experiência em construção no contexto do Desenvolvimento Regional**. Revista de História e Geografia Àgora. Universidade de Santa Cruz do Sul. v.22, n.1, p. 04-21, janeiro-junho, 2020. ISSN 1982-6737. 2020.

LIMBERGER, D. H., **Vivências na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul: Pedagogia da Alternância, Agroecologia e os Saberes em torno das Sementes Crioulas**. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul, 2016.

LUCAS, E. O. **O trabalho de organizações do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) em chamadas públicas de ATER voltadas à diversificação da cultura do tabaco**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em

Desenvolvimento Rural) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MALUF, R. S **Atribuindo sentido(s) à noção de desenvolvimento econômico.** In Sociedade e Agricultura, 15, outubro 2000, p. 53-86.

MARCONI, M. A, LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5º edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2003.

MARION, A. A. **A importância da mulher na Agricultura Familiar.** Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, 2016.

MASINI, E. F. S. **O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação.** In: FAZENDA, Ivani (organizador) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989, 1ª. edição.

MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. **Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil.** Revista de Estudos Sociais. Ano 2016, N, 37, V. 18, pag. 130.

MEIRINHOS, M. OSÓRIO, A. **O Estudo de caso como estratégia de investigação em educação.** EDUSER: Revista de educação, Vol 2(2), 2010. Inovação, Investigação e, Educação.

MENEZES, M. A., STROPASOLAS, V. L., BARCELOS, S. B. **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil.** Série Juventude Estudos. Brasília, Presidência da República, Coedição com o NEAD/MDA e IICA. 2014.

MOLINA, M. C. **Educação do Campo e Pesquisa: Questões para reflexão.** Brasil, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Brasília/DF. 152 p. 2006.

MOLINA, M. C., FREITAS, H. C. A. **Educação do campo.** Em aberto, Brasília, n. 85 p. 1-177, abr. 2011.

MONTEIRO, N. A; CASTRO, C, N (Org.). **Desenvolvimento regional no Brasil: políticas, estratégias e perspectivas.** Rio de Janeiro: Ipea, 2017.

MORAIS, E. M. SANTOS, C. R. PAIVA, I. A. **Políticas Públicas de Educação no Contexto Neoliberal: Um breve balanço.** INTER – LEGERE. Volume 4, nº 31/2021: c25900. ISSN 1982-1662. 2011

NETA, M. C. S. NIENOW, M. SOUZA, M. **Comunidade que Sustenta a Agricultura – CSA: uma análise biométrica.** VIII Simpósio da Ciência. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

OLIVEIRA, A. U., **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

OPAS – ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **La Salud en las Américas**. Washington, D.C., vol. 1, 1998, 368p. (Publicación Científica, n. 569).

PANTOJA, P. L. R.; PINTO, B. C. M., **Educação e Desenvolvimento Regional: Um estudo sobre o trabalho artesanal e sua sustentabilidade na Vila de Carapajó, Cametá – PA**. Educação e Desenvolvimento Regional, desafios e perspectivas, Organizadores: Cesar L. Seibt, Jose P. G. Oliveira e Doriedson S. Rodrigues. UFPA – Campus Universitário do Tocantins/Cametá. 2012.

PETERSEN, P. **Agroecologia e a superação do paradigma da modernização**.

p.69-103. IN: NIEDERLE, Paulo André. ALMEIDA, Luciano. VEZZANI, Fabiane Machado (org.) Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013. 393 p.

PETERSEN, P. DAL SOGLIO, F. K. CAPORAL, F. R., **A construção de uma Ciência a serviço do campesinato**. IN: PETERSEN, PAULO (org.) Apoios: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro - Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

Plano Estratégico de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo, 2015-2030, Heitor Álvaro Petry e Rogério Leandro Lima da Silveira (coordenadores). Santa Cruz do Sul, 1º edição, EDUNISC, 2017.

PLOEG, J. D. van der. **Sete teses sobre a agricultura camponesa**. IN: PETERSEN, PAULO (org.). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

PUNTEL, J. A. PAIVA, C. A. N. RAMOS, M. P. **Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo**. CODE 2011. Anais do I circuito de Debates Acadêmicos. IPEA, 2011

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia e manejo do solo**. Experiência em Agroecologia. Manejo sadio dos solos. Revista Agriculturas. AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa. V. 5 – nº 3 – setembro de 2008.

POZZEBON, A. **A inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo, RS: Uma contribuição para o Desenvolvimento Rural.** 2015. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RAFFESTIN, C.. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

REDIN, E. **A Fumicultura e Agricultura Familiar: O Caso de Jaguari/RS.** Sociais e Humanas, Santa Maria, v.23, nº.02, jul/dez 2010, p.99 – 116.

REIS, J. **Uma epistemologia do território.** Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, 2005

RIO GRANDE DO SUL, SEDUC. Secretaria Estadual da Educação do estado do Rio Grande do Sul. **Governo do Estado reorganiza número de escolas em função da diminuição na procura de vagas.** Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/governo-do-estado-reorganiza-numero-de-escolas-em-funcao-da-diminuicao-na-procura-de-vagas>. Acesso em: 29 de agosto de 2020.

ROSSARD, A. C. **Identidade do jovem rural confrontando com o estereótipo de Jeca Tatu: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I.** 2003 Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa; Département Sciences de l'Éducation et de la Formation, Université Francois Rabelais de Tours, Nova Friburgo, 2003.

SANTOS, F. TONEZER, C. RAMBO, A. G. **Agroecologia e Agricultura Familiar: Um caminho para a Soberania Alimentar?** Apresentação Oral- Agricultura Familiar e Ruralidade. Sober 47º Congresso, Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009.

SANTOS, M. **O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. Cadernos.** IPPUR, Rio de Janeiro, Ano XIII, No 2, 1999, p. 15-26

SANTOS, M. 1926-2001. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise. Cadernos.** IPPUR, Rio de Janeiro, Ano XIII, No 2, 1999, p. 15-26.

SAWAYAM A.L.; SOLYMOS, G.M.B; FLORÊNCIO, P.A. **‘Os dois Brasis: quem são, onde estão e como vivem os pobres brasileiros.** In: Estud. av. vol.17 no.48 São Paulo May/Aug. 2003.

SILVA, N. **Juventude Rural e Agricultura Familiar: Diálogos através da pesquisa e extensão.** Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Ouro Preto – Minas Gerais, 2006.

SILVEIRA, L. L. S., **A Produção da Periferia Urbana em Santa Cruz do Sul-RS: O lugar dos safristas na terra do fumo.** Dissertação de Mestrado. Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano. Florianópolis – SC, outubro, 1997.

SOUZA, M. A. **Educação do Campo: Políticas, práticas Pedagógicas e Produção Científica.** Modalidade Produtiva em Pesquisa. Educ. Soc., Campinas, Vol. 29, n. 105, p.1089 – 1111, set./dez. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

SPOSITO, Maria E. B. **A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade.** In: SPOSITO, Maria E. B. (Org.). Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2006, p.111-130.

TAFFAREL, C. N. Z. NEVES, M. L. C. **Tendências da Educação frente à correlação de forças na luta de classes.** Uma análise do governo Bolsonaro na perspectiva nacional. 2019. Estudos IAT, Salvador, v. 4, n.2, p. 310-329, set., 2019.

TESCHE, R. W. **O consumo e a produção de alimentos na agricultura familiar das regiões Missões e Fronteira Noroeste do RS.** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – Set./dez. 2011.

VARGAS, M. A. OLIVEIRA, B. F. **Estratégias de diversificação em áreas de cultivo de tabaco no Vale do Rio Pardo: uma análise comparativa.** Revista de Economia e Sociologia Rural, vol. 50 nº. 1 Brasília, Jan./Mar. 2012.

VERGUTZ, C. L. B. **Aprendizagens na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

VERGUTZ, C. L. B. **O caminho da Aprendizagem na Pedagogia da Alternância e o Sujeito Alternante.** IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa

em Educação da Região Sul, 2012. PPGEdU, Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC – CAPES, 2012.

VERGUTZ, C. L. B. **Pedagogia das Vozes e dos Silêncios: Experiências das Mulheres na Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz Do Sul – EFASC**. Tese (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021.

WAQUIL, P. D. MIELE. M. SCHULTZ. G. **Mercado e Comercialização de Produtos Agrícolas**. 1º edição. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Editora UFRGS, 2010.

WINK. R. **Santa Cruz do Sul e sua Evolução Urbana 1855-2000**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2000.

APÊNDICE A

Instrumento de coleta de dados do Google Drive, o Google Docs QUESTIONÁRIO



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado

25
ANOS

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – QUESTIONÁRIO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) JOVEM:

E-mail: _____

01-Nome completo: _____

02-Data de nascimento: _____

03-Endereço (rua ou localidade, município, UF...): _____

04-Seu atual local de residência:

- () No campo, com os pais/família na mesma propriedade
- () No campo, com os pais/família em casa separada
- () No campo, em outra propriedade
- () Na cidade e demais locais urbanizados

05-Você ingressou na EFASOL em qual ano?

- () Em 2014
- () Em 2015
- () Em 2016

ATIVIDADE PROFISSIONAL DO (A) JOVEM:

06-Você e/ou sua família produzem tabaco?

- () Sim
- () Não

07-Quantas fontes diferentes de renda existem atualmente na propriedade?

- () Somente uma fonte
- () Duas a três fontes
- () Quatro a cinco fontes
- () Acima de cinco fontes

08-Quais alimentos a família produz para seu autoconsumo (pode marcar mais de uma opção):

- [] Hortaliças (alface, repolho, couve...)
- [] Tubérculos (mandioca, batata-doce...)
- [] Temperos (salsa, cebolinha...)
- [] Frutas (laranja, bergamota...)
- [] Carne bovina
- [] Carne suína
- [] Carne de aves e ovos
- [] Leite
- [] Alimentos processados (conservas, queijo...)
- [] Outros:_____

09-Você trabalha na propriedade (sua ou da família)?

- () Sim () Não () De forma parcial

10-Caso você responda SIM, ou DE FORMA PARCIAL, quais as culturas e criações que atualmente produzem na propriedade? _____

11-Você trabalha como assalariado na cidade?

- () Sim () Não () De forma parcial

12-Caso você responda SIM, ou DE FORMA PARCIAL, quais atividades você desenvolve? _____

13-Você se considera um (a) jovem que possui vínculos com a agricultura?

() Sim

() Não

14-Sua renda média mensal atualmente:

() Até R\$ 1.000,00

() De R\$ 1.001,00 até R\$ 2.000,00

() De R\$ 2.001,00 até R\$ 3.000,00

() De R\$ 3.001,00 até R\$ 4.000,00

() Acima de R\$ 4.001,00

AS RELAÇÕES SOCIAIS E SITUAÇÃO ESCOLAR DO (A) JOVEM:

15-Atualmente você participa de alguma associação, cooperativa, movimento social ou sindical?

() Sim

() Não

16-Caso você responda SIM, de qual associação, cooperativa, movimento social ou sindical você participa? _____

17-Depois do período formativo na EFASOL, você seguiu estudando?

Resposta Sim ou Não. Se sim, descreva qual curso você está cursando ou já cursou (pode ser graduação e demais cursos). Caso você responda não, você tem vontade de seguir estudando? _____

18-Relate sua atuação profissional nesse momento: Descreva de forma sintética se você está ou não na propriedade, o que realiza de atividades profissionais, suas áreas de atuação, no campo ou cidade etc. _____

19-O que você almeja para seu futuro (pode marcar mais de uma opção):

- Estudar (graduação e demais cursos)
- Continuar na propriedade da família
- Adquirir/comprar uma propriedade
- Morar no campo e trabalhar na cidade
- Morar na cidade e trabalhar no campo
- Morar e trabalhar na cidade

20-Em sua opinião, a formação na EFASOL contribuiu para que em sua vida (pode marcar mais um uma opção):

- Saber conviver em grupo
- Ter mais diálogo e convívio com a família
- Para permanecer no campo
- Continuar estudando
- Ampliar o senso e consciência crítica
- Ter melhor compreensão sobre a atualidade
- Diversificar a propriedade
- Conseguir um emprego no campo
- Conseguir um emprego na cidade
- Participar de organizações sociais (associações, cooperativas e sindicatos...)

21-Qual o principal diferencial da EFASOL? _____

22-Defina em apenas "uma palavra" a EFASOL para você (apenas uma palavra): _____

23-Caso você queira destacar mais alguma questão (que não foi contemplada acima), fique à vontade e descreva aqui:_____

APÊNDICE B

ATA DE FUNDAÇÃO DA AEFASOL

ATA DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL - AEFASOL

Ao primeiro dia do mês de maio do ano de dois mil de doze (2012), às oito horas e trinta minutos (8h30min), tendo como local as dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista, na localidade de Formosa, interior do município de Vale do Sol – RS, reuniram-se, em Assembléia Geral, um total de cento e dezessete (117) pessoas. A professora Dagma Inês Reinke Seibert, com a assessoria especial do professor Adair Pozzebon, diretor da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – RS, representando a Comissão Pró-Criação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol – RS, deu a abertura dos trabalhos da Assembléia Geral e colocou em discussão a pauta única: Fundação da Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol - AEFASOL, aprovação do Estatuto e escolha dos membros da Diretoria, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal. E ficou convencionado que a entidade recebe o nome de Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol - AEFASOL, com sede em Formosa, interior do município de Vale do Sol – RS. Aprovada a resolução mencionada anteriormente, passou-se à discussão e posterior aprovação do Estatuto, que rege a entidade, e sua primeira diretoria, igualmente aprovada, composta por: Rosmar Kretzmann, brasileiro, maior de idade, casado, agricultor, RG nº 1057228064, CPF nº 784902600-44, residente e domiciliado em Fontoura Gonçalves, município de Vale do Sol – RS, como Presidente; Sandor Luis Rick, brasileiro, maior de idade, solteiro, agricultor, RG nº 3101402191, CPF nº 024559400-62, residente e domiciliado em Formosa, município de Vale do Sol – RS, como Vice-presidente; Ireno Finkler, brasileiro, maior de idade, casado, professor, RG nº 8024843561, CPF nº 089041890-04, residente e domiciliado na Avenida 15 de setembro, nº 1834, município de Vale do Sol – RS, como Secretário; Maiara Helena Werner, brasileira, maior de idade, solteira, estudante e agricultora, RG nº 3105254878, CPF nº 031962060-33, residente e domiciliada em Alto Castelhana, município de Vale do Sol – RS, como 2º (segunda) Secretária; Emerson Luis Rech, brasileiro, maior de idade, solteiro, agricultor, RG nº 03931904, CPF nº 021875610-03, residente e domiciliado em Linha Bernardino, município de Vale do Sol – RS, como Tesoureiro; Vera Lúcia Brandt, brasileira, maior de idade, casada, professora, RG nº 04032987929, CPF nº 421806510-15, residente e domiciliada em Formosa, município de Vale do Sol – RS, como 2º (segunda) Tesoureira; Gerson Morsch, brasileiro, maior de idade, divorciado, agricultor, RG nº 3049020831, CPF nº 701008880-20, residente e domiciliado em Linha Pinheiral, município de Santa Cruz do Sul – RS, como 1º (primeiro) Conselheiro Administrativo Titular; Isidoro Landskren, brasileiro, maior de idade, casado, agricultor, RG nº 4017991136, CPF nº 340851300-72, residente e domiciliado em Linha Bastian, município de Vale do Sol – RS, como 2º (segundo) Conselheiro Administrativo Titular; Ubirajara de Almeida, brasileiro, maior de idade, casado, gestor ambiental, RG nº 20253323, CPF nº 404337650-20, residente e domiciliado na Rua Matheus Henrique Rohr, nº 290 – Centro, município de Vale do Sol – RS, como 3º (terceiro) Conselheiro Administrativo Titular; Ricardo Henrique Kretzmann, brasileiro, maior de idade, solteiro, agricultor, RG nº 1105243515, CPF nº 03641958008, residente e domiciliado em Fontoura Gonçalves, município de Vale do Sol – RS, como 1º (primeiro) Conselheiro Administrativo Suplente; Luis Rogério Boemeke, brasileiro, maior de idade, solteiro, engenheiro agrônomo - CAPA, RG nº 1013450364, CPF nº 336763990-72, residente e domiciliado na Rua Álvaro Correa da Silva, nº 605, município de Santa Cruz do Sul - RS, como 2º (segundo) Conselheiro Administrativo Suplente; Clóvis José Rech, brasileiro, maior de idade, casado,

RA 07

agricultor, RG nº 3049724119, CPF nº 59726360-15, residente e domiciliado em Linha Bernardino, no município de Vale do Sol, como 3º (terceiro) Conselheiro Administrativo Suplente; Joice Rejane Schwantz, brasileira, maior de idade, casada, agricultora, RG nº 1088727894, CPF nº 001825990-19, residente e domiciliada em Fontoura Gonçalves, município de Vale do Sol – RS, como 1º (primeira) Conselheira Fiscal Titular; Carlos Leandro Zahn, brasileiro, maior de idade, casado, agricultor, RG nº 9056146493, CPF nº 686379850-68, residente e domiciliado na Avenida 15 de Setembro S/N, município de Vale do Sol, como 2º (segundo) Conselheiro Fiscal Titular; Néverton Fischborn, brasileiro, maior de idade, casado, supervisor de produção, RG nº 2041636925, CPF nº 538339370-68, residente e domiciliado em Formosa, município de Vale do Sol – RS, como 3º (terceiro) Conselheiro Fiscal Titular; Marcella Arend, brasileira, maior de idade, casada, agricultora, RG nº 5074014531, CPF nº 927045240-53, residente e domiciliada em Alto Quilombo, município de Vale do Sol – RS, como 1º (primeira) Conselheira Fiscal Suplente; Leoni Werner, brasileiro, maior de idade, casado, agricultor, RG nº 5025070433, CPF nº 592646910-49, residente e domiciliado em Alto Castelhana, município de Vale do Sol – RS, como 2º (segundo) Conselheiro Fiscal Suplente; Vilson Vitalis, brasileiro, maior de idade, casado, agricultor, RG nº 2046985547, CPF nº 583596050-68, residente e domiciliado em Formosa, município de Vale do Sol, como 3º (terceiro) Conselheiro Fiscal Suplente. Por fim, declarou-se fundada a Associação Escola Família Agrícola de Vale do Sol - AEFASOL, Associação Civil que tem a finalidade de ser instituição mantenedora para o funcionamento da Escola Família Agrícola de Vale do Sol – EFASOL, que poderá ofertar cursos de Ensino Fundamental, Séries Finais, Ensino Médio e Ensino Médio Técnico Profissionalizante, bem como capacitações e especializações complementares, seguindo a metodologia da Pedagogia de Alternância, conforme o Artigo 4º de seu Estatuto, em anexo, bem como foram empossados todos os membros da Diretoria, Titulares e Suplentes para o período que inicia nesta data, dia primeiro de maio do ano de dois mil e doze (2012) e se encerra em trinta de abril de dois mil e quatorze (2014). Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a Assembléia Geral e a presente ata que vai assinada pelo secretário eleito e pelo presidente eleito, com a assinatura dos presentes nas páginas 001 até a página 003, inclusive verso, deste livro de atas.

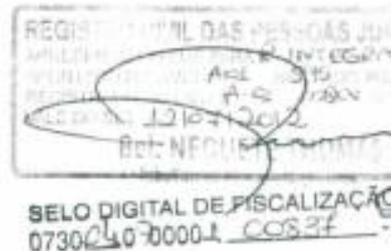
Confere com o original lavrado em livro próprio.

Vale do Sol, 01 de maio de 2012


Ifeno Finkler - Secretário


Rosmar Kretzmann - Presidente


16/03 76647



**Lista de presença da Assembléia Geral de Fundação da
AEFASOL – Associação da Escola Família Agrícola de Vale do Sol,
Formosa, Vale do Sol – RS, 01/05/2012**

1. Cintia Lopes Silva
2. Dagma Inês Reinke Seibert
3. Nelson Michel
4. Eroni Cenilda Michel
5. Gerson Morsch
6. Pedro Fernando Lincke
7. Lamardes Eichstädt
8. Cilda Julieta Goldschmidt
9. Jordana Rafaela Pfeiffer
10. Danielli Fabris do Nascimento
11. Simone Tesche Emmel
12. Isidoro Landskren
13. Maiara Helena Verner
14. Leoni Werner
15. Carolina Landskren
16. Cristian Henrique Ellwanger
17. Rodrigo Luis Weiland
18. Cleisson de Carvalho
19. Gilberto Klein
20. Cleiton Arendt
21. Jean Machado de Almeida
22. Carlos Leandro Zahn
23. Leoni Zahn
24. Rudila Eichstädt
25. Rafaela Jost Gabe Guimarães
26. Natalia Nadir Mueller
27. Gustavo Henzen
28. Darci Padilha dos Santos Neto
29. Douglas Viricius Jaeger
30. Guilherme Padilha
31. Cleiton Drost
32. Aurea Rosi Kanitz
33. Clarice Strothmann Vitalis
34. Deise Luana Grasel
35. Jean Carlos Gassen dos Santos
36. João Jardel de Souza
37. Ubirajara de Almeida
38. Benno Kist
39. Sinésius Aloísio Wink
40. Dienifer Berlt
41. Janice Molz
42. Jois Aline A. da Costa
43. Gilmar Almeida da Silveira
44. Mauricio Carvalho
45. Diego Henrique Hauth
46. Josnei Valmir Hirsch

JJ RK
4



Bel. 11/05/11
Munic. de São Paulo

47. Dieison Janiel Fischer
48. Maurício Felton
49. Laércio Beling
50. Cleiton Argel da Silva
51. Gilson Goettms
52. Jonas Dirceu Fumagali
53. Ailton Leomir Watte
54. Guilherme Augusto Reimann
55. Betina Francieli Ristow
56. Everton Evandro Brum
57. Luiz Aquiles Gusson
58. Claudio Afonso Weiland
59. Luiz Carlos Jost
60. Otto Frantz Seilert
61. Marceli Arend
62. Eliane Kretzmann
63. Alceu Arend
64. Evandro da Rosa Silveira
65. Ivania Post Wasen
66. Carine Vanessa Schwantes
67. Joice Rejane Schwantes
68. Emerson Arend
69. Silvia Lúcia Weiland
70. Silvino Emílio Weiland
71. Vitor Daniel Frantz
72. Giovane de Queiroz
73. Leonardo de Queiroz
74. Leandro Schena
75. Robisson Marth
76. Jardel Evandro Maleitzke
77. Bruno da Fonseca Fagundes
78. Sandor Luis Rick
79. Luiz Rogério Boemeke
80. Henrique André Zahn
81. Jorge Adriano Greiner
82. Luis Carlos Lersch
83. Tânia Teresinha Knod Rachor
84. Marta Paulina Rieck
85. Eliane Regina Scherer
86. Alexander André Schoeninger
87. Rodrigo Braun
88. Guilherme Francisco Helfer Pick
89. Gloria Concepcion Miranda Cáceres
90. Geovane José Schaefer
91. Ailton Senna da Silva
92. Doulgas Luiz Breunig
93. Darlei Bello
94. Julia Elisa Eidt
95. João Paulo Reis Costa
96. Ricardo Henrique Kretzmann

Rk

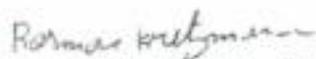
recebido nº 642

97. Vilson Vitalis
98. Néverton Fischborn
99. Lídia Tondello Finkler
100. Ireno Finkler
101. Armando Jost
102. Daniela Elisa Klein
103. Siguífredo Olibio Klein
104. Samir Nicolau. Immig
105. Marcos Scherer
106. Cintia Marisa Kern
107. Vera Lúcia Brandt
108. Jair da Silva
109. Clóvis José Rech
110. Osmar Berlt
111. Carlos Luedke
112. Clécio Halmenschlager
113. Alexandro Fabris do Nascimento
114. Vinicius da Silva Kern
115. Yan Gusson
116. Mauricio Ricardo Dupont
117. Gustavo Julio Limberger

Vale do Sol, 01 de maio de 2012



Ireno Finkler - Secretário



Rosmar Kretzmann - Presidente

